



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ARQUEOLOGIA - CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO**

**RECONSTITUIÇÃO DE UMA FAZENDA
COLONIAL: ESTUDO DE CASO FAZENDA DE
SÃO BENTO DE JAGUARIBE**

Mércia Carréra de Medeiros

**RECIFE
2005**

MÉRCIA CARRÉRA DE MEDEIROS

**RECONSTITUIÇÃO DE UMA FAZENDA
COLONIAL: ESTUDO DE CASO - FAZENDA DE
SÃO BENTO DE JAGUARIBE**

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Arqueologia-
Conservação do Patrimônio da
Universidade Federal de Pernambuco,
como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestre em Arqueologia.**

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Oliveira

**RECIFE
2005**

Medeiros, Mércia Carréra de
Reconstituição de uma fazenda colonial : estudo de caso – fazenda de São Bento de Jaguaribe / Mércia Carréra de Medeiros. – Recife : O Autor, 2005.
125 folhas : il., fig., fotos, mapas, táb.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Mestrado em Arqueologia, 2005.

Inclui bibliografia e apêndice.

1. Arqueologia histórica – Fazenda de São Bento de Jaguaribe – Estudo de caso. 2. Modelo espacial – Fazenda de São Bento de Jaguaribe.. I. Título.

**902
930.1**

**CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)**

**UFPE
BC2005-418**

MÉRCIA CARRÉRA DE MEDEIROS

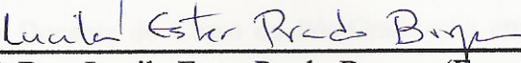
**RECONSTITUIÇÃO DE UMA FAZENDA COLONIAL:
ESTUDO DE CASO FAZENDA DE SÃO BENTO DE
JAGUARIBE**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia - Conservação do Patrimônio
da Universidade Federal de Pernambuco,

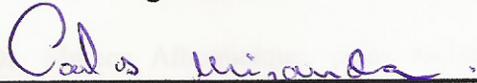
Aprovada em: 25 de julho de 2005



Profª Dra. Cláudia Alves Oliveira (Orientadora – Núcleo de Hotelaria e
Turismo – UFPE)



Profª. Dra. Lucila Ester Prado Borges (Examinador Interno – Dep. de
Engenharia de Minas – UFPE)



Prof. Dr. Carlos Alberto Cunha Miranda (Examinador Externo – Dep. de
História – UFPE)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, exemplos de dignidade e perseverança, responsáveis diretos por tudo que sou e que conquistei até hoje;

Ao meu filho, Diego Carréra de Medeiros, por acreditar na minha conquista e por ser o meu estímulo nas horas difíceis vivenciadas durante todo o desenvolvimento deste trabalho;

Às minhas irmãs e sobrinhos, pela paciência, tolerância, solidariedade durante todo o período de elaboração deste trabalho, especialmente à minha irmã, Márcia Carréra C. Leal, pelo incentivo, apoio, crédito e pelas críticas feitas ao texto;

À Capes, pela ajuda financeira ao longo de dois anos;

À Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia-Conservação do Patrimônio da UFPE, Professora Dra. Annie-Marie Pessis, cuja dedicação e seriedade merecem reconhecimento;

À Professora Dra. Cláudia Oliveira, pela atenção e orientação científica, fundamentais para a conclusão desta pesquisa;

Ao Corpo Docente do Curso de Pós-Graduação em Arqueologia-Conservação do Patrimônio da UFPE, pelos valiosos conhecimentos científicos transmitidos;

Ao Professor Dr. Marcos Albuquerque, pelos esclarecimentos e ensinamentos ministrados, de suma importância para a elaboração deste trabalho;

Ao Professor Dr. José Luiz Mota Menezes, pelas sugestões e disponibilidade de utilização do seu acervo particular durante o levantamento dos dados textuais e iconográficos desta pesquisa;

Ao amigo Fernando Guerra, pelo estímulo e solidariedade em todos os momentos;

Ao amigo Leandro Surya, pela calma, dedicação, amizade e colaboração na finalização deste trabalho;

À amiga Ana Paula Guedes, pela lealdade e participação efetiva no trabalho de campo desta pesquisa;

Aos amigos do Pós-Graduação, pela convivência fraterna e enriquecedora, força e solidariedade, especialmente durante o trabalho de campo;

A Luciane Borba, pelo profissionalismo e gentileza;

A Christina Malta, pela seriedade e responsabilidade na revisão lingüística e documental da pesquisa;

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

“ Não há sociedade ou homem sem consciência histórica. A humanidade não pode compreender-se, sem delinear seu futuro, sem apreciar e acolher o seu passado”.

Joachim Herrman

RESUMO

Pesquisa Arqueológica realizada na Fazenda de São Bento de Jaguaribe, propriedade beneditina do século XVII ao final do século XIX, localizada em um dos primeiros núcleos de povoamento da Capitânia de Pernambuco, área da antiga Sesmaria Jaguaribe, atualmente zona rural do Município de Abreu e Lima, no litoral norte do Estado de Pernambuco, distando 14 Km da cidade do Recife, visando reconstituir o modelo de organização espacial nas propriedades rurais do tipo fazendas, do período colonial, e apreender as correlações sociais específicas. Os dados foram coletados através de estudo de campo, realizado por equipe de especialistas e estudantes de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Pernambuco. Precedendo o trabalho de campo foi realizada pesquisa documental, visando coletar informações textuais, iconográficas e cartográficas, para o embasamento teórico da investigação. A área de estudo foi dividida em sete (7) trincheiras, cada uma subdividida em quadrículas numéricas de 4 m² e estas em quadrantes de 1m². As quadrículas foram submetidas a um processo de decapagem, para descobrir os vestígios de materiais arquitetônicos e as evidências da atividade humana ali desenvolvida. A pesquisa arqueológica evidenciou que a estruturação social desta fazenda obedecia os mesmos padrões dos engenhos, podendo-se concluir que a espacialidade da Fazenda Beneditina reflete a mesma ideologia que direcionava a organização espacial dos engenhos.

Palavras-chave: Arqueologia Histórica, Fazenda Colonial, Espacialidade.

Abstract

Archaeological research occurred in Saint Bento de Jaguaribe Farm, an “Benedictine” property of the XVII century made at the end of the XIX century, located at one of the first settlement nucleus of Pernambuco Captaincy, area of the ancient Sesmaria Jaguaribe, currently rural zone of Abreu e Lima City, on the northern coast of Pernambuco state, at a distance of 14Km of Recife City, willing to reconstruct the spatial organizational model on the rural properties of the farm’s kind, on the early days of the colonial period, and learn the specific social correlations. The data were collected through a field study, made by a team of specialists and graduate and post-graduate students of the Universidade Federal de Pernambuco. Preceding the field study a documental research was made, with the objective of collect textual information, iconographic and cartographic, for the theoretical basement of the investigation. The study area was divided in seven (7) trenches; each one was subdivided in numeric squares of 4m² and those in quadrants of 1m². The squares were submitted to a process of pickling, to discover traces of architectural material and the evidences of human activity developed there. The archeological research evidenced that the social structure of that farm obeyed the same patterns of the sugar mills letting us to conclude that the specialties of the “Benedictine Farm” reflects the same ideology that oriented the spatial organization of the sugar mills.

Key-words: Historical Archeology, Colonial Farm, Speciality

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| LISTA DE FOTOGRAFIAS | 7 |
| LISTA DE DESENHOS, PLANTAS, MAPAS E CROQUIS | 8 |
| 1.INTRODUÇÃO | 11 |
| 2.CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS | 17 |
| 3. O SISTEMA COLONIAL PORTUGUÊS EM PERNAMBUCO | 25 |
| 3.1. A religião no processo de colonização | 32 |
| 3.2. A Ordem Beneditina na Capitania de Pernambuco | 34 |
| 3.3. A arquitetura nos primeiros séculos de colonização | 38 |
| 4. A PROPRIEDADE RURAL BENEDITINA: FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE | 43 |
| 4.1. Aspectos geo-morfológicos | 43 |
| 4.2. Dados históricos | 47 |
| 5. A PROSPECÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE | 53 |
| 5.1. Descrição das Trincheiras | 57 |
| 5.1.1. Trincheira – I | 57 |
| 5.1.2. Trincheira – II | 59 |
| 5.1.3. Trincheira – III | 65 |
| 5.1.4. Trincheira – IV | 69 |

| | |
|---|-----------|
| 5.1.5. Trincheira –V | 73 |
| 5.1.6. Trincheiras – VI e VII | 75 |
| 5.2. Descrição das estruturas | 77 |
| 5.2.1 Estrutura 1 – Igreja de São Bento | 78 |
| 5.2.2. Estrutura 2 – Casa dos Monges | 83 |
| 5.2.3.Estrutura 3 –Senzala | 86 |
| 5.3. Material coletado | 86 |
| | |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| | |
| 7. BIBLIOGRAFIA | 97 |
| | |
| 8. APÊNDICES | 104 |

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | Fotos | Página |
|----|---|--------|
| 1 | Vista panorâmica da Fazenda de São Bento de Jaguaribe antes do início da prospecção. | 54 |
| 2 | Vista da casa dos monges antes da prospecção. | 55 |
| 3 | Detalhe da machadinha de granito. | 58 |
| 4 | Detalhe da tijoleira e parte do frontão que desabou. | 60 |
| 5 | Detalhe da tijoleira no interior da igreja. | 60 |
| 6 | Detalhe das campas; a marca em vermelho indica a área da quadrícula escavada. | 61 |
| 7 | Detalhe do crânio do indivíduo na campá, entre as quadrículas 1 e 2 da trincheira II. | 62 |
| 8 | Detalhe do artefato metálico. | 62 |
| 9 | Estruturas evidenciadas nas quadrículas 12, 13 e 14 da trincheira II. | 63 |
| 10 | Diferença entre os pisos internos e externos da quadrícula 14. | 63 |
| 11 | Estruturas das quadrículas 8 e 9. | 66 |
| 12 | Detalhe da estrutura em rocha calcárea encontrada na quadrícula 9. | 66 |
| 13 | Detalhe da estrutura evidenciada entre as quadrículas 8 e 9. | 67 |
| 14 | Quadrícula 11 da trincheira III, detalhe da estrutura de rocha calcárea. | 68 |
| 15 | Trincheira III, vista de oeste para leste; atenção para o alinhamento das estruturas. | 68 |
| 16 | Trincheira IV, vista de sul para norte. | 70 |
| 17 | Quadrícula 1, trincheira IV, vista de norte para sul. | 71 |
| 18 | Detalhe do reboco da estrutura evidenciada entre as quadrículas 3 e 4 (senzala). | 72 |
| 19 | Detalhe do reboco da fachada leste da casa dos monges. | 72 |
| 20 | Detalhe do reboco da fachada posterior da igreja. | 72 |
| 21 | Trincheira V, vista do norte para o sul. | 74 |
| 22 | Vista panorâmica das trincheiras VI e VII. | 76 |
| 23 | Vista sentido sul norte do piso do pátio frontal da igreja. | 76 |
| 24 | Fachada frontal da Igreja de São Bento, 1978. | 79 |
| 25 | Visão do campanário. | 80 |
| 26 | Fachada frontal. | 81 |
| 27 | Fachada posterior. | 81 |
| 28 | Fachada lateral direita, ano 2002. | 81 |
| 29 | Fachada lateral direita, ano 2005. | 81 |
| 30 | Detalhe da fachada lateral esquerda. | 82 |
| 31 | Detalhe do campanário. | 82 |
| 32 | Vão de entrada da casa dos monges. | 85 |
| 33 | Detalhe do nível do piso da casa dos monges. | 85 |
| 34 | Botões coletados nas trincheiras II e IV. | 87 |
| 35 | Contas de colar. | 87 |
| 36 | Cachimbos cerâmicos coletados na trincheira II. | 88 |
| 37 | Cachimbos cerâmicos coletados na trincheira III. | 88 |
| 38 | Cachimbos cerâmicos coletados na trincheira II. | 89 |
| 39 | Dedal coletado na trincheira VI. | 89 |
| 40 | Vidro coletado na trincheira III. | 90 |
| 41 | Faiança grossa coletada na trincheira II. | 90 |
| 42 | Fragmentos de metal coletado na trincheira IV. | 91 |
| 43 | Moeda coletada na trincheira II. | 91 |

LISTA DE DESENHOS, PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

| Desenhos | Página |
|--|--------|
| 1 Esquema da trincheira I. | 58 |
| 2 Esquema da trincheira II. | 59 |
| 3 Trincheira II, quadrícula 14. | 64 |
| 4 Esquema da trincheira III. | 65 |
| 5 Esquema da trincheira IV. | 69 |
| 6 Perfís da trincheira IV. | 71 |
| 7 Esquema da trincheira V. | 73 |
| 8 Trincheira V, quadrícula 2. | 74 |
| 9 Esquema das trincheiras VI e VII. | 75 |
| Plantas | |
| 1 Planta topográfica da Fazenda de São Bento de Jaguaribe. | 56 |
| 2 Planta de localização das estruturas evidenciadas. | 78 |
| 3 Planta baixa evidenciada da igreja. | 81 |
| 4 Planta do alinhamento das unidades funcionais. | 84 |
| Mapas | |
| 1 Detalhe das cartas da SUDENE. | 43 |
| 2 Setoriamento do Litoral Norte. | 44 |
| 3 Fazenda de São Bento de Jaguaribe. | 48 |
| Croquis | |
| 1 Perfil geológico da Fazenda de São Bento de Jaguaribe. | 46 |
| 2 Detalhe do mapa da Fazenda de São Bento de Jaguaribe. | 49 |

1. INTRODUÇÃO

Nos estudos realizados sobre a problemática da organização espacial no período colonial não tem sido abordada a questão de um modelo de organização espacial nas propriedades rurais do tipo fazendas. O fato do modelo agrário-industrial-exportador açucareiro ter sido o que melhor representou o interesse da Metrópole Portuguesa, nos primeiros séculos de colonização, fez com que os pesquisadores centralizassem os trabalhos no interesse de esclarecer questionamentos relacionados à atividade econômica açucareira. No entanto, outros segmentos da economia brasileira deste período, no caso as fazendas de agricultura de subsistência, de pecuária , etc., têm o seu valor e importância, tanto no quadro econômico, como também por seu papel na expansão colonial, no assentamento e fixação da população neste período.

As referências espaciais das estruturas construídas nas propriedades rurais – engenhos, do período colonial brasileiro , em geral, compreendem a casa-grande, a capela, a fábrica (ou moita) e a senzala. Desta forma se apresenta o modelo de organização espacial desse tipo de propriedade. Entretanto, em relação às fazendas este modelo, até o momento, não está definido. Então, vale perguntar: Como se estruturavam as fazendas pernambucanas no período colonial ?

De acordo com Gomes (1998:131), a arquitetura rural se manifesta de maneira heterogênea e descontínua e a diversidade de seus tipos se deve mais às posses do que aos gostos dos proprietários. Sabe-se que, a princípio, no processo construtivo, as edificações eram dispostas organicamente no terreno e, mais tarde, racionalmente, delimitando um pátio interno de forma retangular. Os edifícios foram sempre independentes entre si quanto às suas formas e aos sistemas construtivos utilizados. A capela, dentre os edifícios, destacou-se pela durabilidade dos materiais utilizados na sua construção e pelo apuro estético na execução das fachadas e de seus ricos interiores. Os demais edifícios tinham um caráter provisório, evidenciado pelos materiais utilizados, de precária qualidade.

Conforme Gomes (1998:131):

A manipulação dos dados bibliográficos e iconográficos sobre os edifícios desaparecidos, somado à análise morfológica de mais de uma centena de edifícios remanescentes, autorizou a classificação tipológica dos edifícios dos engenhos pernambucanos, privilegiando em primeiro lugar a casa-grande e, em segundo, as capelas.

O autor deixa claro que a classificação tipológica estudada se refere às propriedades rurais em que a atividade principal era o fabrico do açúcar. Todavia, esta classificação tipológica seria apropriada às propriedades rurais do tipo fazenda? Existiria alguma diferença na organização espacial por conta do tipo de atividade econômica produzida na propriedade? Considerando esses questionamentos e a importância das fazendas no processo de ocupação das terras e no desenvolvimento econômico da Colônia, durante séculos de História do Brasil, procurou-se, neste estudo, traçar um modelo de organização espacial das fazendas, no período colonial, em Pernambuco. Desta maneira, contribuindo para um maior esclarecimento em relação à lacuna existente alusiva ao tema.

O estudo ora apresentado reconstitui e analisa as estruturas da antiga Fazenda de São Bento de Jaguaribe, propriedade pertencente à Ordem Religiosa Beneditina no século XVII, situada na área da Sesmaria Jaguaribe, terras atualmente pertencentes ao Município de Abreu e Lima.

Na documentação histórica desta propriedade foram encontradas informações sobre várias unidades construtivas, tais como: uma capela, a casa dos monges e senzalas; uma olaria, onde se fabricavam telhas, tijolos e louças de cerâmica; um engenho de farinha de mandioca; produzia-se sal; cultivavam-se mandioca, arroz, feijão e milho. Além de todas essas atividades produtivas, os beneditinos também possuíam, nesta propriedade, um dos principais fornos da cal desta época, conhecido como Forno da Cal de São Bento.

Por muito tempo, a área em que se encontra a Fazenda de São Bento de Jaguaribe tinha sido negligenciada, tanto do ponto de vista científico como de uma política de

preservação. Atualmente, esta área vem sendo estudada de forma sistemática, como objeto de pesquisa de uma equipe da Universidade Federal de Pernambuco, composta por docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia-Conservação do Patrimônio e do Núcleo de Hotelaria e turismo da mesma instituição.

No Plano de Preservação de Sítios Históricos da Região Metropolitana do Recife (PPSH/RMR), elaborado pela FIDEM (Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife) em 1978, verifica-se que a Capela da Fazenda de São Bento de Jaguaribe teve indicação para tombamento, como patrimônio histórico¹ e cultural, na categoria de ruínas. Infelizmente, o processo de tombamento foi indeferido, em 1993, pelo órgão competente estadual. Possivelmente, o fato deste patrimônio já não apresentar condições de ser restaurado influenciou esta decisão. Contudo, mesmo considerando o estado de ruínas em que se encontra, a Capela possui todo um potencial histórico-cultural merecedor de ser incluída numa política de preservação.

As ruínas da Fazenda de São Bento de Jaguaribe se encontram em um estado de deterioração avançado, seja por conta do intemperismo, da vegetação e mesmo pela ação humana, que a desvalorizam e danificam. No entanto, essas ruínas continuam a representar um documento testemunhal da sociedade a que pertenceram. O descaso em relação a esta categoria de patrimônio tem provocado uma perda irreparável e irrecuperável de parte de nossa história.

Devido à sua importância histórica e à sua estrutura, a Fazenda dos Beneditinos em Pernambuco apresenta elementos importantes que, por meio da pesquisa arqueológica, permitem definí-la como um dos primeiros modelos de organização espacial das propriedades rurais do tipo fazendas, do período colonial, na Capitania de Pernambuco.

¹ Patrimônio histórico – a expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos (CHOAY, 2001:11).

A organização espacial dos engenhos serviu de base para a comparação das estruturas evidenciadas na Fazenda Beneditina, ora pesquisada. Trabalhou-se a hipótese de que, dependendo da atividade econômica realizada na propriedade, apenas se modificaria, na organização espacial, o edifício em que esta atividade se processava, para que servisse adequadamente ao seu uso. O espaço seria organizado de acordo com a organização social existente; desta forma, provavelmente as propriedades do tipo fazendas se organizariam, levando em consideração os mesmos critérios utilizados nos engenhos.

Estudar a arquitetura do período colonial, tanto sob o aspecto da espacialidade como da funcionalidade, é uma tarefa árdua, devido à escassez de fontes documentais e iconográficas desse período. No entanto, muitas questões podem ser solucionadas a partir de uma perspectiva arqueológica. Os documentos escritos em períodos históricos, considerados documentos primários, nem sempre refletem exatamente a verdade dos fatos, o que muitas vezes acarreta problemas em relação ao seu uso em sítios arqueológicos.

Conforme Orser Jr. (1992:43):

Os documentos primários podem ser imprecisos, contendo falsidades desconhecidas do autor do texto. É possível aparecerem declarações, nos documentos, que podem não refletir a realidade de uma situação passada específica, mas, ao contrário, referir-se ao que o autor pensava que sabia ou lembrava a respeito. Um escritor da época pode, simplesmente, estar errado.

A Arqueologia Histórica pode, dessa forma, servir também para corrigir o registro escrito, um registro que, de outro modo, poderia ser considerado como correto. Contribuindo, desta maneira, não apenas como complementação do registro histórico escrito, mas como um meio de desvendar com precisão fatos históricos inéditos, fornecendo, assim, um quadro mais completo do passado.

A compreensão das relações estabelecidas entre a espacialidade e a funcionalidade dos espaços construídos, através da pesquisa arqueológica na Fazenda de São Bento de Jaguaribe poderá contribuir para a classificação tipológica dos edifícios implantados nas

propriedades rurais integradas às respectivas atividades. É fato por demais conhecido que os espaços construídos constituem o principal contingente da cultura material de um grupo social histórico.

O sentido denotado pela cultura material ao representar um certo papel na estrutura da sociedade e, conseqüentemente, na sua organização espacial, levou a considerar os espaços construídos, em sua totalidade, como uma linguagem não-verbal que transmite, armazena e preserva o conhecimento social, constituindo um meio simbólico que orienta os indivíduos no ambiente natural e social (SHANKS; TILLEY, 1987; HODDER, 1988).

Os espaços construídos constituem, conforme Santos (1995), evidências da atividade humana, foram criados conscientemente, com propósito determinado, e não podem ser removidos do sítio. Desta maneira, nos engenhos, este termo abrange a habitação, a fábrica, a capela, o traçado viário, a casa-grande e a senzala. Estes elementos formam o contingente da cultura material e funcionam como artefatos a nível de superfície, cujo significado só existe dentro do contexto de sua totalidade social.

Segundo Tilley e Shanks (1992), o termo totalidade social refere-se ao sistema dinâmico de relações existentes no fluxo interno da sociedade. Nessa totalidade, os elementos da ordem social mostram-se constantemente modificados pelas relações internas com outros elementos, dentro de um sistema dinâmico de diferenças. A sociedade está diretamente ligada ao ambiente, um define o outro, e cada um é modificado por uma polissemia que evita definições estáveis.

No litoral norte de Pernambuco, diversas pesquisas arqueológicas foram realizadas, em locais como : Igreja de Vila Velha em Itamaracá, Feitoria de Cristóvão Jacques, Forte Orange (ou de Santa Cruz), Engenho Monjope, entre outros. Juntamente com essas pesquisas, o estudo da Fazenda de São Bento de Jaguaribe vem também contribuir para uma melhor compreensão do processo de povoamento do litoral Norte da outrora Capitania.

Esta dissertação abrange seis capítulos, com considerações sobre o quadro teórico-metodológico, informações históricas acerca do sistema colonial português e histórico-arqueológicas a respeito do sítio objeto do estudo.

O primeiro capítulo equivale à introdução, situando o leitor no contexto da pesquisa realizada.

O quadro teórico-metodológico é apresentado no segundo capítulo, oferecendo uma visão geral sobre a pesquisa histórico-arqueológica na área, procurando integrar conceitos como arqueologia histórica, contexto arqueológico, artefatos, estruturas, tipologia, preservação e conservação do patrimônio histórico e cultural.

No terceiro capítulo apresentou-se um quadro geral do sistema colonial português na Capitania de Pernambuco, nos primeiros séculos de ocupação, esclarecendo a situação da Capitania no momento em que os beneditinos chegam e iniciam o processo de ocupação e conquista do território pernambucano, durante o período da colonização.

O quarto capítulo diz respeito aos dados históricos oriundos das documentações escritas sobre a Fazenda de São Bento de Jaguaribe e seus aspectos geo-morfológicos.

Na prospecção arqueológica, abordada no quinto capítulo, encontra-se a descrição do levantamento e registro dos dados coletados em campo.

Finalmente, no sexto capítulo, referente às considerações finais, é feita uma abordagem acerca dos resultados da pesquisa, seu significado e implicações na perspectiva histórico-arqueológica.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As pesquisas realizadas na Fazenda de São Bento de Jaguaribe fazem parte do Programa Jaguaribe, desenvolvido pela Universidade Federal de Pernambuco, cuja finalidade seria não apenas o resgate histórico, mas a inserção desse patrimônio numa política de desenvolvimento sustentável. Diversos projetos de pesquisa arqueológica estão sendo realizados, com o intuito de identificar o Patrimônio Histórico-Cultural da área da Sesmaria Jaguaribe. O interesse da pesquisa arqueológica nesta área centra-se na pré-história e história da Capitania de Pernambuco, seu processo de ocupação, suas atividades produtivas, interligando a presença dos portugueses, africanos e indígenas.

A atuação dos monges beneditinos nas suas fazendas, com a cultura das terras, cura das almas entre o pessoal de suas lavouras e catequese de índios da vizinhança foi benéfica e produtiva, na medida em que estas atividades serviam não só ao bem das almas, mas também ao progresso material das regiões em que as fazendas se situavam.

Os religiosos beneditinos, com o seu conhecimento sobre agricultura, transformaram matagais e charcos em campos produtivos, cobertos de terras semeadas, contribuindo de certa forma para o bem-estar da Colônia. Exportavam para a Metrópole o excesso da produção e recebiam, em troca, aquilo de que necessitavam.

Nas Fazendas Beneditinas, segundo Luna (1947:82), era comum encontrar um pequeno, mas bem ordenado mosteiro, com a respectiva igreja, em que se reunia o pessoal do trabalho com suas famílias, para os atos da religião. Nas fazendas que não dispunham de mosteiro, havia ao menos uma casa espaçosa em que residiam um ou mais religiosos, encarregados da administração, tendo ao lado a igreja, para os atos do culto. Os monges estendiam o apostolado aos habitantes dos arredores das fazendas e aos índios das vizinhanças.

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe, patrimônio do período colonial, subsiste tanto na forma de documentação escrita, nos arquivos históricos, como na forma de vestígios materiais e remanescentes arquitetônicos.

De acordo com os dados históricos, a organização espacial desta Fazenda era constituída de três edificações: a capela, a casa dos monges e a senzala, formando um semi-círculo (KOSTER,1978), construções estas localizadas no topo da elevação.

Para o estudo da organização espacial das fazendas no período colonial foi utilizada, como base comparativa, a organização espacial dos engenhos a partir de subsídios oferecidos por abalizados autores, dentre os quais Pires e Gomes (1994), Gomes (1998), Santos (1995), Capistrano de Abreu (1954) e Freyre (1958).

A hipótese trabalhada era que, dependendo da atividade econômica realizada na propriedade, na organização espacial seria modificada apenas o edifício em que esta atividade se processava, para que servisse adequadamente ao seu uso. O espaço seria organizado de acordo com a organização social existente, desta forma provavelmente as propriedades do tipo fazendas se organizariam levando em consideração os mesmos critérios utilizados nos engenhos.

Segundo Santos (1995:107), os espaços construídos seriam organizados de acordo com regras de apoio que sustentavam a posição social do proprietário. Nos engenhos, a fábrica de açúcar representava o campo econômico; a casa-grande o político, a senzala o étnico; e a capela o religioso. Esta concentração de poder dava aos proprietários total domínio sobre seus dependentes.

A utilização dos níveis topográficos como critério para distribuir as edificações tinha relação direta com a necessidade de controle e dominação do proprietário. Desta forma, é natural que as construções fossem organizadas no espaço de modo que a capela ficasse à direita da casa-grande, quando construída no mesmo nível topográfico, ou atrás da

casa-grande, quando construídas em níveis topográficos diferentes. A fábrica de açúcar ficava sempre nos níveis mais baixos, na frente da casa-grande e da capela.

As capelas representariam a fé católica e as posses do proprietário. Além disto, eram o espaço onde toda a vida social se realizava, tanto na área interna como externa. Convém lembrar que, no campo, a vida social resumia-se aos ofícios e festas religiosas. Ademais, a religião também se integrava ao projeto escravocrata, na medida em que pregava a resignação a desígnios supostamente divinos.

Verifica-se, na literatura, que não existe variedade de tipos de senzala, a diferença uma das outras é a distância que as separa da casa-grande. Em algumas propriedades chegavam a existir duas senzalas, sendo uma utilizada pelos escravos encarregados dos serviços da casa e a outra pelos escravos que trabalhavam na lavoura.

Segundo Gomes (1998:23), um dos principais fatores para a implantação dos primeiros engenhos seria a proximidade de água corrente e perene, o que facilitava o transporte do produto, além da água ser a melhor fonte de energia.

O tipo de solo também era levado em consideração na implantação destas propriedades. De tal maneira, que as áreas em que predominava o solo massapé, ideal para o cultivo da cana, eram as preferidas para a instalação dos engenhos. Outro fator determinante na localização dessas propriedades produtivas seria a proximidade de matas, pois delas se extraía o combustível utilizado nas fornalhas dos engenhos.

Os proprietários dos engenhos também tiveram a preocupação de implantar suas propriedades o mais distante possível dos índios, pois os engenhos, pelo menos nos dois primeiros séculos de colonização, não dispunham de meios de defesa eficientes para se proteger de seus ataques (GOMES,1998:23).

No estudo da Fazenda de São Bento de Jaguaribe procurou-se definir o “modelo” de implantação e identificar se as estruturas edificadas constituíam um espaço diferenciado, de acordo com o tipo de atividade produtiva. Um outro cuidado foi identificar se, na sua instalação, foram utilizados os mesmos critérios de organização espacial das propriedades rurais do tipo engenho. O pensamento ideológico do proprietário teria influenciado na distribuição das edificações? Uma propriedade religiosa teria o mesmo modelo de organização espacial que uma propriedade laica? O fator determinante para a definição da organização espacial seria o pensamento ideológico do proprietário, a atividade produtiva ou o tipo de organização social implantado durante o período colonial? O estudo das estruturas da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, portanto, procura apreender as correlações sociais que articularam sua organização espacial.

A primeira etapa metodológica, análise da documentação histórica e iconográfica consultada nas fontes primárias e secundárias, visou resgatar informações pertinentes para a compreensão do processo de ocupação da Capitania de Pernambuco nos primeiros séculos de colonização; identificar características referentes ao modelo de implantação da organização espacial e à tipologia das edificações nas propriedades rurais. Por meio desses dados pode-se observar a relação entre a organização espacial e a funcionalidade dos edifícios, de um lado, e o modelo de organização social, de outro.

Devido à escassez de documentação histórica para fundamentar o estabelecimento das estruturas das fazendas no período colonial, em Pernambuco, foi iniciada a segunda etapa metodológica, em busca dos dados arqueológicos. Assim, por meio da Arqueologia Histórica buscou-se reconstituir o passado dos grupos sociais, analisando sua inserção no contexto ambiental específico, e seus contatos com outros grupos sociais. A reconstituição deste passado exige, portanto, uma análise complexa de inúmeras variáveis dependentes e interdependentes. No caso presente, busca-se conhecer os processos culturais do sistema a partir do estudo do sítio e dos artefatos.

Os arqueólogos que realçam o caráter científico da pesquisa seguem os teóricos das ciências sociais que classificam suas teorias em três níveis: baixo , médio e alto. Conforme Raab e Goodyear (1984), o objetivo de tal hierarquia seria o desenvolvimento de uma estratégia para a integração de problemas de pesquisa e dados dentro de um corpus acumulativo de conhecimento científico, no qual teorias de escopo limitado, ordenadas em diferentes níveis de generalidade, são submetidas a domínios de princípios gerais crescentes (SOUZA; SYMANSKI, 1996).

Entende-se que a Teoria de Nível Baixo refere-se às generalizações empíricas sobre o registro arqueológico, fundamentadas em regularidades constantemente observadas e que podem ser contestadas pela observação de casos contrários. As tipologias e classificação de artefatos, cronologias e seriações, e distribuições espaciais estão incluídas nesta teoria (TRIGGER, 1989; PREUCEL ; HODDER, 1996; RENFREW; BAHN, 1991).

A arqueologia também se vale da noção de Teoria de Nível Médio (Middle-Range Theory), que abrange aquelas generalizações que tentam explicar as regularidades ocorridas entre duas ou mais séries de variáveis em múltiplas situações. No caso da arqueologia, as teorias de Nível Médio devem relacionar o registro arqueológico à dinâmica comportamental (PREUCEL; HODDER, 1996). De tal maneira, a arqueologia busca, por meio da Teoria de Nível Médio, extrair do registro arqueológico estático a dinâmica das sociedades do passado, através de analogias generalizantes com o que pode ser observado no presente (KUZNAR, 1997; TSCHAUNER, 1996 ; RAAB; GOODYEAR, 1984). Segundo Binford (1982), para abordar este problema devem ser desenvolvidas idéias e teorias considerando os processos de formação do registro arqueológico. Somente com o conhecimento de tais processos é possível “ dar confiavelmente significado aos fatos que aparecem, do passado, na era contemporânea”. O que garante tal ligação entre o comportamento atual e a cultura material do passado é o argumento da uniformidade, sendo assumido que os mesmos processos dinâmicos que operaram no passado estão em operação no presente .

Outra noção de Teoria de Médio Alcance, que compete com aquela formulada por Binford (1982), foi proposta por Schiffer (1972); utilizando generalizações provindas da etnoarqueologia, estudos de cultura material moderna e arqueologia experimental, o autor se propõe ligar o espaço entre o contexto arqueológico e o contexto sistêmico através de uma teoria da transformação (TSCHAUNER, 1996). Esta teoria utiliza as generalizações sobre as relações entre o comportamento humano e a cultura material (correlatos) e os processos de formação do registro arqueológico. Embora Binford (1981) e Schiffer (1987) busquem contrapor suas teorias de médio alcance, Tschauner (1996) nota que , na prática , as diferenças entre essas teorias estão longe de ser evidentes.

Neste trabalho, pretende-se caminhar entre as teorias de Nível Baixo e as de Nível Médio, considerando a análise espacial no sítio apresentado como fornecendo os dados empíricos sobre o registro arqueológico (Teoria de Nível Baixo), dos quais buscou-se inferir aspectos do comportamento humano relacionados às práticas de descarte de refugo (Teoria de Nível Médio).

Para discutir as práticas de refugo do sítio pesquisado foram adotadas as categorias propostas por Schiffer (1972); os artefatos têm um ciclo de vida que pode ser dividido em cinco categorias: manufatura, aquisição, uso, manutenção e descarte. Na última etapa, os itens materiais deixam de fazer parte do contexto sistêmico relacionado ao seu ciclo de vida, dentro de um sistema cultural, e passam para o contexto arqueológico, tornando-se, assim, objeto de investigação do arqueólogo.

No contexto sistêmico, Schiffer (1972) identifica três categorias de refugo: primário, quando o material é descartado em seu contexto original de uso; secundário, quando o local de descarte final e o de uso são diferentes; e refugo de fato, quando o material alcança o contexto arqueológico sem o desempenho de atividade de descarte. Posteriormente, South (1977) expandiu esta divisão, identificando, para os sítios históricos, duas modalidades de refugos secundários: periférico, quando o material é descartado

afastado de uma edificação ou em terrenos baldios; e adjacentes, quando ocorre o descarte em áreas imediatas à edificação.

A identificação das categorias de descarte é extremamente útil para a compreensão dos processos de formação cultural do registro arqueológico.

A proposta de abordagem de um sítio arqueológico apresentada por South (1977) constitui um corpo coerente de idéias, que permitem a análise de diferentes subsistemas representados através do registro arqueológico.

Para o estudo da Fazenda de São Bento de Jaguaribe partiu-se de uma dupla dimensão analítica: a dimensão macro, em que a Fazenda é analisada como um subsistema do sistema colonial português, e a dimensão micro, em que representa um sistema composto pelos subsistemas econômico, social, político e religioso. Estes subsistemas estão relacionados às unidades funcionais existentes na propriedade.

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe foi analisada com base em seu conteúdo e em sua estrutura. Conforme Albuquerque (1995:38), compreende-se como conteúdo:

- a) os artefatos - objetos produzidos ou utilizados pelo grupo e relacionados a diferentes subsistemas;
- b) as estruturas arquitetônicas - elementos da tecnologia de construção, ou seus remanescentes, identificados no sítio;
- c) as estruturas relacionadas a diferentes atividades;
- d) a estratigrafia - resultante da interação entre as atividades exercidas sobre a superfície ocupada e a própria constituição da superfície.

A estrutura do sítio corresponderia aos dados relacionais, e está representada por padrões de distribuição espacial e pelas associações entre os diferentes elementos de conteúdo.

A pesquisa arqueológica é importante, porque permite a confrontação dos diversos tipos de documentos, visando testar as informações. Foi abordada, na prospecção do sítio, a coleta superficial das amostras, as sondagens em áreas limitadas, com o resgate da cultura material, as evidências dos espaços construídos e observações sobre o próprio sítio. A partir destes testemunhos arqueológicos é que se objetiva a reconstituição da trajetória cultural do processo histórico ocorrido na área em estudo.

3. O SISTEMA COLONIAL PORTUGUÊS EM PERNAMBUCO

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe foi analisada numa dimensão macro, considerando-a como uma unidade funcional da Capitania de Pernambuco, inserida no sistema colonial português. Para melhor compreensão deste sistema abordar-se-á, neste capítulo, a situação da Capitania nos primeiros séculos de colonização, quando os beneditinos chegaram, marcando desta forma sua presença no processo de ocupação das suas terras dentro do território da Capitania. Este contexto histórico foi baseado em documentos primários e secundários da historiografia brasileira.

Os primeiros trinta anos do século XVI foram de disputas, entre portugueses e franceses, pelo domínio das terras do Brasil. D. João III compreendeu que, se não colonizasse e povoasse a nova terra, terminaria perdendo-a para os franceses. Para solucionar este problema, D. João III decidiu utilizar o plano do Dr. Diogo de Gouveia, adotando o regime de capitanias hereditárias. O Brasil seria dividido em lotes e estes doados a homens que houvessem prestado serviços à Coroa e tivessem experiência e cabedais para povoar, colonizar e defender os lotes que recebessem (CAPISTRANO DE ABREU, 1954).

A Capitania de Pernambuco, doada a Duarte Coelho, em 1534, estendia-se por 60 léguas de costa, desde o rio Santa Cruz, ao sul da Ilha de Itamaracá, até o rio São Francisco. Destes pontos se traçariam linhas retas, para o interior, que demandariam o meridiano traçado em Tordesilhas, podendo ele conquistar e povoar as ditas terras (ANDRADE, 1962:25).

O litoral apresentava condições favoráveis para iniciar o povoamento, por possuir uma costa protegida por paredões de arenito, que ofereciam, na foz dos rios de pequeno volume d'água, ótimo local para abrigo às embarcações (PRADO, 1942). As regiões por trás dos recifes geralmente tinham pouca altitude, formando praias arenosas, onde

abundavam árvores frutíferas, entre tantas o cajueiro, alimento utilizado pelos indígenas e que servia para combater certas avitaminoses que atacavam os navegadores. Nas partes baixas, próximas à foz dos rios, dominava a vegetação típica de mangues, característica de áreas onde existe alternância de água doce e salgada. Na lama existente sob estas formações vegetais eram encontrados caranguejos, aratus, siris e outros crustáceos, que logo os portugueses aprenderam, com os índios, a utilizar como alimento. Também as aves aquáticas e bichos do mato, juntamente com os peixes dos rios e do mar foram incorporados aos novos hábitos alimentares dos portugueses.

Os rios que chegavam ao litoral permitiam às embarcações da época penetrar alguns quilômetros para o interior, como o Igarassu, o Beberibe, o Capibaribe, o Jaboatão, o Ipojuca, o Serinháem, o Una, além do São Francisco, navegável até próximo à cachoeira de Paulo Afonso, e as famosas lagoas de Mandaú e Manguaba. Desta maneira, os portugueses, no início da colonização, podiam tirar proveito de vários portos e estabelecer vias fluviais de penetração, tendo apenas que ocupar a costa e as áreas vizinhas. Por trás das regiões litorâneas as terras eram ocupadas pela Mata Atlântica, representada não só pelo pau-brasil como também por vários tipos de madeira de lei e árvores frutíferas (goiaba, araçá, sapoti). As terras de massapé, muito ricas em matérias orgânicas que tornaram possível a cultura da cana, eram encontradas nas várzeas na Zona da Mata. O clima quente e úmido, na parte litorânea e na Zona da Mata, não constituíram empecilho à adaptação dos portugueses, o mesmo não ocorrendo com os primitivos habitantes, os indígenas. Estes tiveram que ser vencidos para ceder suas terras e sua liberdade aos invasores. Assim, a escravidão indígena foi generalizada, a fim de que os portugueses construíssem o novo país (ANDRADE,1962:26).

A região do interior apresentava grandes extensões de caatingas, com vegetação pobre, sujeita à seca e habitada por nações indígenas hostís. Esta área só veio a ser povoada nos séculos XVII e XVIII, pelos criadores de gado. A principal via de penetração foi o rio São Francisco, como também os rios Ipojuca, Una e Capibaribe.

A chegada de Duarte Coelho e sua esposa D. Brites de Albuquerque à Capitania de Pernambuco ocorreu no dia 9 de março de 1535, acompanhados por uma comitiva composta pelo seu feitor e almoxarife Vasco Fernandes de Lucena, um vigário e quatro capelães. A preocupação do rei a respeito da organização administrativa da colônia e da assistência espiritual aos que nela iam viver se faz presente na formação da comitiva do donatário. Na época em que se iniciava a colonização, a população tinha como valores a fé, a honra e o interesse. A fé era representada pela igreja e o clero; a honra, pela nobreza; e o interesse, pelos comerciantes. A busca pelo interesse próprio ou lucro não deveria estar acima da fé e da honra. Já no primeiro século de colonização encontravam-se na colônia as quatro ordens religiosas representadas pelos jesuítas, carmelitas, beneditinos e franciscanos (LEITE, 1965).

Duarte Coelho desembarcou na foz do rio Santa Cruz, fazendo pousada na feitoria localizada no Sítio dos Marcos, onde permaneceu por algum tempo. Logo percebeu que o lugar era ideal para uma feitoria, pelo porto que dava calado às embarcações; no entanto, por se achar em solo muito baixo e rodeado de mangues não poderia ser considerado o lugar ideal para uma vila de agricultores. Deste modo, era preciso conquistar, dos índios, as terras férteis para organizar sua colônia. Após luta travada contra os indígenas, deu início à fundação da Vila de Santa Cruz, conhecida como Igarassu, em seguida distribuiu as terras, para que os colonos cuidassem de cultivá-las, com as espécies trazidas da Europa, como a cana-de-açúcar, e com outras de origem indígena, como o milho e a mandioca (ANDRADE, 1962:29, 30).

Logo após a fundação da Vila de Igarassu Duarte Coelho parte, por terra, procurando o litoral, em direção sul, alcançando a colina onde hoje se ergue Olinda. O donatário teve que travar luta contra os “Caeté”, vencendo-os, após o que os portugueses iniciam sua ação colonizadora, em Olinda (ANDRADE, 1962:31).

Desde a instalação das Capitâneas Hereditárias, os donatários estavam obrigados a distribuir terras para promover o povoamento e iniciar a valorização econômica da colônia.

Dava-se o nome de sesmaria às terras assim distribuídas. Segundo Costa Porto (1965:37), “A doação se fazia sob a condição resolutive, mediante cláusulas, cujo inadimplemento tornava a concessão caduca, redistribuindo as terras.” Ao sesmeiro cabia a propriedade plena da terra, sem nenhum vínculo de dependência pessoal. Assim, o fato de receber uma sesmaria do donatário não convertia ninguém em vassalo desse donatário, como era comum no regime feudal.

Era dever do sesmeiro ocupar efetivamente a terra e fazê-la produzir no prazo máximo de cinco anos. O não-cumprimento dessa cláusula implicaria uma multa e, em caso extremo, na perda da sesmaria. Por isso, a sesmaria era concedida apenas àqueles que comprovassem dispor de recursos suficientes para tornar a terra produtiva (LIMA, 2002).

Foi comum, no Brasil, as ordens religiosas possuírem grande patrimônio, sobretudo de natureza fundiária. Em alguns casos, terras adquiridas por compra, ou através de doações. Tornou-se comum, assim, as ordens receberem terras de sesmaria, muita ajuda em forma de “subsídios”, favores e isenções, mantendo El-Rei colégios e mosteiros, pagando a manutenção do culto, distribuindo “côngruas” e benefícios, não se conhecendo, no governo da Casa de Avis, nada que viesse perturbar a harmonia entre a coroa e os homens da igreja.

A exploração dessas terras poderia ser feita em forma de roças; fazendas (propriedades maiores, em geral dedicadas ao cultivo de cana, criação de gado ou agricultura de produtos exportáveis, como o gengibre e o algodão) e, finalmente, engenhos (SCHWARTZ,1988).

Apresentando sempre dificuldades para protelar a procura de ouro, Duarte Coelho informava ao rei os problemas que os portugueses teriam de enfrentar por conta dos índios ferozes que habitavam no sertão, local da provável existência de minas de ouro. Desta maneira, adiava a procura do ouro, investindo no cultivo da cana, pois acreditava que a riqueza da terra estava no açúcar. (GUERRA,1992)

O enérgico donatário conseguia manter a ordem e impunha respeito aos índios, evitando a destruição de lavouras. Porém, problemas sérios sempre surgiam, principalmente com os exploradores do pau-brasil, os quais, acabando com as espécies da costa, procuravam obter a madeira no interior, provocando lutas com os índios (ANDRADE,1962).

A prosperidade da Capitania deveu-se a vários fatores, entre eles o fato do donatário sempre residir nela; sua posição geográfica privilegiada, por ser a mais próxima da Europa. Destaca-se também a existência de dois centros urbanos, Olinda e Igarassu. A cultura principal era a cana-de-açúcar, seguindo-se o algodão, bem como a extração do pau-brasil. Estas mercadorias garantiam aos proprietários renda suficiente para a importação dos vinhos e sedas que costumavam adquirir na Metrópole (ANDRADE,1962:58 , 59).

A população era formada por um grande número de europeus, compreendendo não apenas portugueses, mas também flamengos, italianos e espanhóis que aqui entravam com facilidade. Aos brancos, ainda se somavam os negros de Guiné e os índios, que podiam ser divididos em bravios e mansos (ANDRADE,1962:56).

O governo de Duarte Coelho, que durou quase 20 anos, foi o mais difícil para os portugueses, que tiveram de enfrentar os indígenas e conquistar-lhes as terras. O pau-brasil representava, neste período, a principal fonte de renda, e os colonos continuavam a cultivar lavouras de mantimentos, ao lado da cana-de-açúcar. Apesar das dificuldades enfrentadas pelo donatário, sua administração teve um progresso razoável, como atestam os cinco engenhos em funcionamento, nos primeiros quinze anos (ANDRADE,1962:41).

Duarte Coelho dominando os índios e organizando a administração de sua Capitania, preparou o terreno para o grande surto de progresso que dominaria a região na segunda metade do século XVI e no início do XVII . Após a morte do donatário, em 1553, no governo de D. Brites, a Capitania adquire uma área mais extensa, livre da ação dos

“Caeté”. A conquista da Várzea do Capibaribe assinala o início do esplendor açucareiro, assim como a ocupação do Paratibe tornaria seguras as comunicações entre Olinda e Igarassu (ANDRADE,1962:42).

O período que vai da morte de Duarte Coelho até 1578 caracterizou-se pela conquista de toda a faixa litorânea e pelo desenvolvimento das atividades agrícolas. Os índios foram escravizados, pois os negros trazidos da África não eram suficientes; assim, a escravidão indígena teve grande importância para os colonos (ANDRADE,1962:50).

A grande lavoura açucareira teve início com a utilização da mão-de-obra indígena. Infelizmente, os índios brasileiros não deixaram documentos escritos, e os observadores jesuítas geralmente comentavam sobre os abusos e não sobre o uso extensivo da mão-de-obra nos engenhos. A natureza do relacionamento entre europeus e indígenas foi determinada, em grande medida, pela presença portuguesa, seus objetivos econômicos e interesses caracteristicamente europeus em três aspectos básicos: alimentação, defesa e mão-de-obra (SCHWARTZ,1983).

Em 1542, o donatário pedia ao rei que permitisse a importação de escravos, pois a escravidão indígena não estava produzindo o suficiente e os índios costumavam fugir, os resultados não correspondendo ao que era esperado (GONSALVES DE MELLO; ALBUQUERQUE, 1967).

Havia um problema real, a ausência de mão-de-obra em escala suficiente, obediente e de baixo custo operacional, para que o projeto da grande lavoura se estabelecesse adequadamente. O negro foi, portanto, trazido para exercer o papel de força de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da lavoura (PINSKY, 1998).

Assim, os escravos da Guiné viriam para solucionar o problema da mão-de-obra em Pernambuco, contribuindo para acabar com as lutas constantes com os índios, que não se

sujeitavam à escravidão. Todavia, outros problemas aconteciam, como, por exemplo, o da reação negra ao cativo, fazendo surgir, em consequência, os primeiros quilombos (ANDRADE,1962:73).

O comércio se intensificou e, além do pau-brasil, eram exportados, nos meados do século XVI, açúcar e algodão. A atividade comercial era tanta que logo o porto do Recife se tornou o mais movimentado da colônia. Os rios, por darem calado para as embarcações, foram de grande importância para o transporte, pois um dos grandes problemas da colônia eram os péssimos caminhos existentes. Nas áreas em que não existiam rios, o transporte era feito em carros de boi, a cavalo ou em rede, por caminhos ruins. O fato da colonização portuguesa no primeiro século ter se restrito à zona litorânea e à margem de rios navegáveis em seus cursos interiores, determinando o domínio dos transportes aquáticos, em canoas e barcas, justifica a inexistência de estradas razoáveis. Como o transporte por estas péssimas estradas era feito por escravos que carregavam os senhores em redes, estes não se preocupavam com a construção de boas estradas (ANDRADE,1962:107 - 109).

No século XVII, a presença holandesa foi o grande marco na história da Capitania. O objetivo principal da invasão foi se apossar da grande indústria açucareira, que florescia a cada dia. De acordo com a historiografia, os flamengos acreditavam que a verdadeira vantagem no ataque ao Brasil consistia não na busca e exploração de minas de ouro e prata, mas no cultivo de seus produtos agrícolas, em especial o açúcar. O pau-brasil de Pernambuco merecia, também, uma preferência especial, gozava de enorme importância no século XVII. Era com recomendações especiais que os holandeses contratavam a exploração do pau-brasil. Outras madeiras brasileiras foram enviadas para a Holanda, como o pau-violeta e o jacarandá. Procurou-se incentivar o cultivo do índigo, o único vegetal introduzido no Brasil por iniciativa dos holandeses. Sabe-se que Pernambuco era uma das Capitanias brasileiras em que os gêneros de primeira necessidade eram mais caros e quase todos vinham de fora. Nassau obriga os senhores de engenho a plantar mandioca e hortaliças. Esta foi a primeira tentativa de acabar com a monocultura latifundiária. Vieram também da Holanda, além de diversos tipos de víveres, animais para criação, como galinhas, gansos, patos e porcos. Gatos foram enviados, para dar combate aos ratos

existentes nos armazéns. Foi também feita uma remessa de 300 cães ingleses, para auxiliarem os soldados holandeses na captura de índios e negros (GONSALVES DE MELLO,1987).

O período de dominação holandesa no Brasil foi uma época de altos e baixos. No entanto, o legado deixado pelos holandeses confirma a importância de sua presença na Capitania.

Neste período, os beneditinos tiveram seu mosteiro saqueado e grandemente danificado, a ponto de ficar quase em ruína. Os monges, obrigados a abandonar a cidade, tiveram que vagar de um lugar para outro, sem residência estável, devido aos movimentos e aproximação do inimigo; isto durante os vários anos de ocupação holandesa.

Após a expulsão do invasor, os monges tiveram a triste surpresa de contemplar os grandes estragos não só do mosteiro como também das fazendas; nestas últimas, os celeiros encontravam-se abandonados, e os escravos, mão-de-obra das lavouras, em parte foragidos. Em meio a tantos sofrimentos e provações, os monges, formados na escola do sacrifício e da paciência cristã, não desanimaram: acreditando na ajuda divina e na proteção do Santo Patriarca, começaram a obra de restauração (LUNA,1947:21).

3.1. A religião no processo de colonização

As Ordens Religiosas tiveram um papel econômico e religioso importante, dentro do Sistema Colonial Português. Esta importância pode ser atestada pelo patrimônio que estas ordens adquiriram, representado não só pelos mosteiros e conventos, como por suas propriedades: engenhos e fazendas.

Ao Estado e à Igreja foi reservada a incumbência de administrar e organizar a colonização das terras brasileiras, no período colonial. Por meio do Padroado Régio, um dos privilégios conseguidos pelo governo português, El – Rei passou a acumular o poder temporal e espiritual, sendo considerado o legítimo representante do cristianismo em terras ultramarinas. Por conta deste privilégio, a Coroa teria que garantir a defesa e a expansão da fé católica, desta maneira se transformando rapidamente numa empresa política e comercial. A Igreja, neste contexto, exerceu um papel de peso nas relações entre a Coroa Portuguesa e seus colonos, na medida em que esses religiosos estavam sempre presentes na vida dos fiéis (AIRES, 2000).

A religião se fez presente desde o início da colonização. De 1549 a 1604 chegaram de Portugal 28 expedições missionárias da Companhia de Jesus. Os jesuítas estabeleceram dois objetivos: as missões, com o intuito de fundar aldeias indígenas, e a educação, com a criação de colégios, que constituíram a base de toda a cultura colonial (BUARQUE DE HOLANDA, 1985).

Outras Ordens tiveram forte contribuição na área da educação. Antes mesmo da colonização há notícias sobre a vinda de franciscanos, que trabalharam principalmente junto às aldeias indígenas, e na pregação, em que são considerados os mais famosos oradores sacros.

Os capuchinhos que inicialmente chegaram ao Brasil eram franceses, desembarcaram primeiro no Rio de Janeiro e no Maranhão. Em 1654, estabeleceram-se no Recife. Realizaram um trabalho de catequese entre colonos e “selvagens”.

Há notícias de que, já em 1565, dois beneditinos tinham chegado ao Rio de Janeiro, porém, foi na Bahia a fundação do primeiro mosteiro, em 1581, pelo Frei Antonio Ventura. Os beneditinos se estabeleceram em Olinda, em 1592, iniciando desta forma o processo de ocupação do território da Capitania de Pernambuco. Os mosteiros beneditinos

do Brasil pertenciam à Congregação Portuguesa, mas, em 1827, conseguiram da Santa Sé a bula que os constituía em Congregação própria.

A Ordem do Carmo teve seu primeiro convento fundado em Pernambuco, em 1584. Os carmelitas chegaram a ter 13 conventos e, em 1686, constituíram uma vigararia independente de Portugal.

O papel da Igreja foi importante na formação da nacionalidade. Em matéria de educação, cultura, catequese e assistência social muito se deve às ordens religiosas e às corporações de leigos (irmandades e ordens terceiras). As manifestações literárias realizadas no Brasil até a segunda metade do século XVIII, sem dúvida estiveram sob a orientação e produção dos religiosos. (BUARQUE DE HOLANDA,1985:66).

3.2. A Ordem Beneditina na Capitania de Pernambuco

Em 1581, os beneditinos chegaram ao Brasil, estabelecendo-se na cidade do Salvador, chefiados pelo padre Fr. Antônio Ventura do Laterão, conforme determinação do abade geral da Congregação Beneditina de Portugal, a fim de construir um mosteiro nas terras de Santa Cruz. Antes, alguns beneditinos já tinham vindo ao Brasil, mas em caráter particular e temporário, em missões especiais. Espalhando-se pelas outras Capitânicas a fama do bem que os monges faziam ao povo, logo se multiplicavam os pedidos para a fundação de outras casas beneditinas (LUNA,1947:18).

Há uma grande especulação em torno da chegada dos beneditinos na Capitania de Pernambuco. Através da documentação preciosa do Livro de Tombo do Mosteiro de Olinda e das notícias contidas na Crônica do Mosteiro de Olinda, verifica-se que a chegada dos primeiros beneditinos a Olinda provavelmente aconteceu em 1592. A vinda desses primeiros beneditinos se deveu ao interesse do donatário Jorge de Albuquerque Coelho e ao seu empenho junto ao abade geral de então, Frei Gonçalo de Moraes (ROCHA, 1948).

A Ordem Beneditina, fundada no século V por Bento de Núrsia, na Itália, tem a tradição de prestar significativos serviços à causa da civilização na Europa Ocidental, com os monges ensinando a cultura da terra, das ciências, letras e artes. A devoção ao saber dos beneditinos chegou até Olinda. Tudo isto contribuiu para tornar a ordem um dos esteios da formação cultural do povo nordestino (BARDI, 1986).

O zelo apostólico que impulsionou os beneditinos a trabalhar pelo bem espiritual dos habitantes dos lugares em que se estabeleceram no Brasil os levou a cuidar igualmente dos indígenas. Este trabalho teve maior relevância nas fazendas da Ordem, por estarem geralmente localizadas em áreas mais próximas dos índios. E numerosas eram as fazendas, em cuja direção estavam um ou mais sacerdotes. Os beneditinos fizeram um trabalho de evangelização dos índios, levando monges a missionar por todo o território brasileiro (ENDRES,1980).

A catequese e aldeamento de índios, a cultura dos campos, nas fazendas, a instrução e educação da juventude, nos mosteiros, são testemunhos das várias obras relacionadas com os beneditinos.

O envolvimento político e social demonstrado pelos beneditinos do Brasil é evidente na sua cooperação com os poderes públicos, visando o bem geral da nação. Os monges ajudaram na expulsão dos holandeses, tanto em Salvador como em Olinda e Recife.

Impulsionados pelo zelo apostólico, ao fundarem seus mosteiros no Brasil, os monges beneditinos tratavam de ganhar para Cristo as almas dos habitantes dos arredores. Cuidaram também de tirar das “trevas do gentilismo”, nos sertões brasileiros, os índios que se achavam mergulhados na “idolatria e superstição” (ENDRES,1980).

Assim, atendiam os monges do Mosteiro de São Bento de Olinda a sete ou oito aldeias de gentios, que estavam sob sua obediência. Vale salientar o trabalho e o desvelo

dos monges em prol da evangelização e instrução, tanto dos habitantes no entorno de suas fazendas como dos índios de suas vizinhanças.

Os empreendimentos artísticos dos beneditinos no Brasil foram pesquisados pelo arquivista da Ordem, Dom Clemente Maria da Silva-Niagra, e fornecem dados importantes relativos ao conjunto de sua obra. Em geral, a Ordem Beneditina, sendo douta, empregava arquitetos e artistas integrantes de seus próprios mosteiros, que mantinham verdadeiras oficinas de arte (BAZIN, 1983).

Toledo (1985) menciona que, à arquitetura beneditina, o Brasil deve alguns de seus mais belos conjuntos arquitetônicos. Os monges sempre revelaram muito critério na escolha de seus arquitetos, tradição que trouxeram de Portugal. A ação desses monges estendia-se, por vezes, à obra de outras comunidades religiosas ou mesmo a obras oficiais.

Conforme Schwartz (1983:29), com exceção dos franciscanos, que faziam voto de pobreza, as grandes Ordens Religiosas do Brasil colonial, carmelitas, beneditinos e jesuítas, custeavam suas atividades e instituições por meio de legados, estipêndios, empréstimos e propriedades urbanas e rurais.

Os beneditinos brasileiros financiavam suas atividades com fazendas e engenhos baseados na mão-de-obra escrava. A principal função dessas propriedades era proporcionar recursos para o custeio da manutenção dos membros da Ordem e das atividades dos seus conventos.

Os dados relativos ao rendimento das propriedades beneditinas indicam terem sido geralmente bem administradas. Ademais, os frades eram gestores progressistas, tanto em relação à disposição para experimentar novos produtos e técnicas quanto no tocante à utilização de mão-de-obra.

Os beneditinos estimulavam a formação de unidades familiares, não só por questões morais, mas também pelo estímulo à fertilidade. Como estratégia para incentivar o crescimento demográfico e evitar mais despesas na aquisição de mão-de-obra vinda da África, as escravas que tivessem mais de seis filhos vivos eram dispensadas dos trabalhos penosos.

Aos escravos foi concedido um dia livre por semana, mesmo se os outros dias tivessem sido santificados. Alimentavam e vestiam crianças que não se podiam sustentar por si mesmas. Permitiam que os escravos economizassem o dinheiro procedente da venda de seus produtos. Estimulavam-nos a comprar a própria liberdade.

Certas propriedades rurais da Ordem eram administradas por feitores escravos, dispondo de toda autoridade em muitos setores. A própria Fazenda de São Bento de Jaguaribe teve o escravo Nicolau como seu administrador. Muitas vezes sua aptidão era tão apreciada que os beneditinos recusavam-se a alforriá-los.

Segundo Luna (1947), em 28 de setembro de 1871 os beneditinos deram uma carta de alforria a todos os seus escravos. Este ato fez com que os mosteiros perdessem sua mão-de-obra do dia para a noite, tendo como resultado prejuízos não só para o serviço doméstico de suas casas, mas, sobretudo, para a lavoura de suas muitas fazendas, provocando o abandono das mesmas.

As propriedades beneditinas do Brasil colonial, compostas pelos engenhos, fazendas destinadas à lavoura de subsistência e à criação de gado, bem como olarias, foram fundadas para custear as atividades dos respectivos mosteiros.

As informações fornecidas por Schwartz (1983) estão baseadas em observações e investigações na documentação referente às propriedades beneditinas no século XVIII. Conforme este autor, neste período os beneditinos possuíam as seguintes propriedades

rurais em Pernambuco: o engenho Mussurepe, o engenho Goitá, o engenho São Bernardo e a Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

3.3. A Arquitetura nos primeiros séculos de colonização

A abordagem referente à arquitetura deste período fornecerá uma visão ampla de como se tratavam as edificações. Este conhecimento será importante para a compreensão e identificação das estruturas evidenciadas na Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

O grande impulso dado à arquitetura, no Brasil, nos primeiros séculos, deveu-se aos programas de construções das ordens religiosas. Os quadros de Franz Post registram bem a feição original dessas primitivas construções, o que faz de suas pinturas uma representação importante não só do ponto de vista documental, mas também da figuração sensível de um ambiente natural e social (CAMPELLO, 2001).

A construção rural era constituída pela casa-grande, atendendo à família e aos hóspedes; a casa-da-máquina, a casa de cozimento, os armazéns, o engenho, as senzalas, que serviam para suprir as necessidades relativas às imposições do trabalho; a capela, a consagrar a função religiosa inscrita no interior do grupo; enfim, todas as edificações necessárias que constituíam o modo de vida neste período (BUARQUE DE HOLANDA, 1985:107).

Denota-se a influência das técnicas construtivas na estabilização da arquitetura brasileira, tanto na sua fase de adaptação imediata às novas condições, quanto na sua posterior progressão em rumos próprios e verdadeiramente originais. As mais primitivas, do início do povoamento, parecem constituir pontos de confluência das culturas em contato, como se pode verificar nos processos lusitanos e indígenas, evidenciadas pelo uso da palha e das palmas de coqueiro para realizar a inteira construção ou para cobrir a obra de pau-a-pique. Também este resume experiências paralelas, senão do índio, como querem alguns,

seguramente dos negros e dos portugueses. E o mesmo sincretismo deste processo caracterizaria ainda a taipa (não apenas a taipa de mão, atirada de sopapo na trama do pau-a-pique, mas também a taipa de pilão, comprimida em caixões de tábuas) que, sem dúvida, é ponto de partida de técnicas mais avançadas, como o adobe (tal como o tijolo cozido, um desenvolvimento racionalizado da construção de barro), ou a base inspiradora de processos mistos, à maneira de pedra-e-cal e da alvenaria, que, embora de diversas origens e desenvolvimento, no Brasil deveriam colher os ensinamentos das primeiras experiências, com as quais não temem misturar-se num mesmo edifício, em que a cantaria propriamente dita apenas viria a constituir, em regra, um complemento nobre (PIRES; GOMES, 1994).

Profissionais exigidos pela arquitetura, principalmente a religiosa: oleiros, ladrilheiros e telheiros, pedreiros, canteiros e rebocadores, carpinteiros, carapinas e entalhadores (escultores), ferreiros, serralheiros e latoeiros. Não há distinção rigorosa entre os ofícios, quando postos em atividade. Se existe um esboço, uma hierarquia no projeto, cuja responsabilidade é do mestre-de-obra, os oficiais podem passar a outra especialidade, e a própria função do arquiteto, algumas vezes chamado de mestre de risco. Incluem-se também, no grupo, os pintores e escultores, úteis sobretudo na decoração do interior das igrejas.

De acordo com alguns autores (PIRES;GOMES, 1994; GOMES, 1998), não ocorreu, no Brasil, a reprodução pura e simples dos modelos arquitetônicos de Portugal, mesmo porque era outra a estrutura social, outro o clima e outros os materiais disponíveis.

Graças aos holandeses, e não aos portugueses colonizadores, hoje se pode conhecer a arquitetura de princípios do século XVII. Pintores como Franz Post, Albert Eckhout e Zacharias Wagner legaram um conjunto de pinturas e gravuras de qualidade artística indiscutível e valor documental inigualável. É tão boa a qualidade da documentação iconográfica e bibliográfica legada pelos holandeses e por Vauthier que, com frequência, pesquisadores atribuem, por analogia, a construções de outras regiões do Brasil características cuja existência só foi comprovada em Pernambuco.

Pelo fato de se estar buscando um modelo de organização espacial das Fazendas do período colonial, em Pernambuco, é importante ressaltar as características gerais das propriedades rurais que serviram de base para esta busca, no caso, os engenhos.

Verificou-se, em relação à disposição das estruturas edificadas, que elas geralmente se apresentavam separadas umas das outras, o que, de certa maneira, favorece uma autonomia na escolha dos materiais e técnicas empregadas. A opção por qualquer um dos tipos de sistema de construção dependia da disponibilidade do material na região, das posses do proprietário e de uma escala de valores característica da estrutura social.

Conforme Gomes (1998:105), as capelas não têm sua classificação tipológica condicionada aos seus elementos de decoração; uma vez construídas, raramente se modificavam. Quando ocorria alguma modificação, era apenas nos arranjos dos frontões ou nos altares. O material utilizado era de grande durabilidade, as técnicas construtivas preferidas eram as alvenarias de pedra ou de tijolo, as coberturas com estruturas de madeira e o recobrimento em telhas de barro tipo canal. Os forros, quando existiam, limitavam-se à capela-mor, eram executados em madeira e tinham a forma de abóbadas de berço. O programa, sempre muito simples, basicamente apenas a nave, a capela-mor, sacristia e coro. Os alpendres e galerias laterais aparecem em alguns tipos. As atividades eram realizadas no térreo, com exceção do coro, situado no pavimento superior e ocupando o primeiro terço da nave, sobre a entrada principal.

De acordo com Smith (1940:37), a casa-grande, no período colonial, “era mal construída, tinha pouca originalidade e se confundia com outras casas rurais das outras regiões”. Nas observações de Gomes (1998), nas primeiras casas-grandes, o tipo mais antigo identificado, o edifício parece provisório, tem suas características básicas: dois pavimentos; pavimento superior sustentado por esteios de madeira ou por colunas de alvenaria de tijolos; paredes de taipa de pau-a-pique, alvenaria de tijolos ou adobe; planta retangular; coberta em telha de barro, em quatro águas, sobre estrutura de madeira;

prolongamentos eventuais de uma ou mais dessas águas para abrigar cômodos salientes e eventuais do pavimento superior em pranchas de madeira sobre vigas do mesmo material. Os interiores das casas-grandes se modificavam continuamente, devido à natureza dos sistemas construtivos, que reservavam às paredes periféricas as responsabilidades estruturais. A casa-grande foi a edificação que mais se modificou durante os séculos.

Segundo Gomes (1998:43), não existem variedades de senzalas. O que diferenciava umas das outras era a distância que as separava da casa-grande. Muitas vezes construídas próximas, quase unidas às casas do proprietário, e outras mais distantes. Em geral, a técnica construtiva utilizada foi a taipa de pau-a-pique ou alvenaria de tijolos maciços. Os vãos das paredes são de aproximadamente três metros. A estrutura de cobertura é feita de terças de madeira apoiadas nas paredes, caibros roliços e ripas de embira. Seu recobrimento sempre de telhas de barro, tipo canal, e o piso de terra nua.

As senzalas, na grande maioria, eram alongadas, de forma retangular, sem janelas, tinham uma porta única, e aberturas de trinta a quarenta centímetros na parte superior, junto à cobertura. Quando sucedia haver janelas, eram fechadas por grades, o que refletia a preocupação de impedir fugas.. Em algumas fazendas encontravam-se, ao lado das senzalas, pequenas cabanas de pau-a-pique, cobertas de sapé ou folha de bananeira e sem aberturas. Esses casebres destinavam-se aos casais (COSTA ,1998).

Segundo Faria (1998), no século XIX, quando quase todas as casas tinham coberturas de telhas, o sapé continuava a ser usado na construção das senzalas. Neste período, a palha poucas vezes foi utilizada.

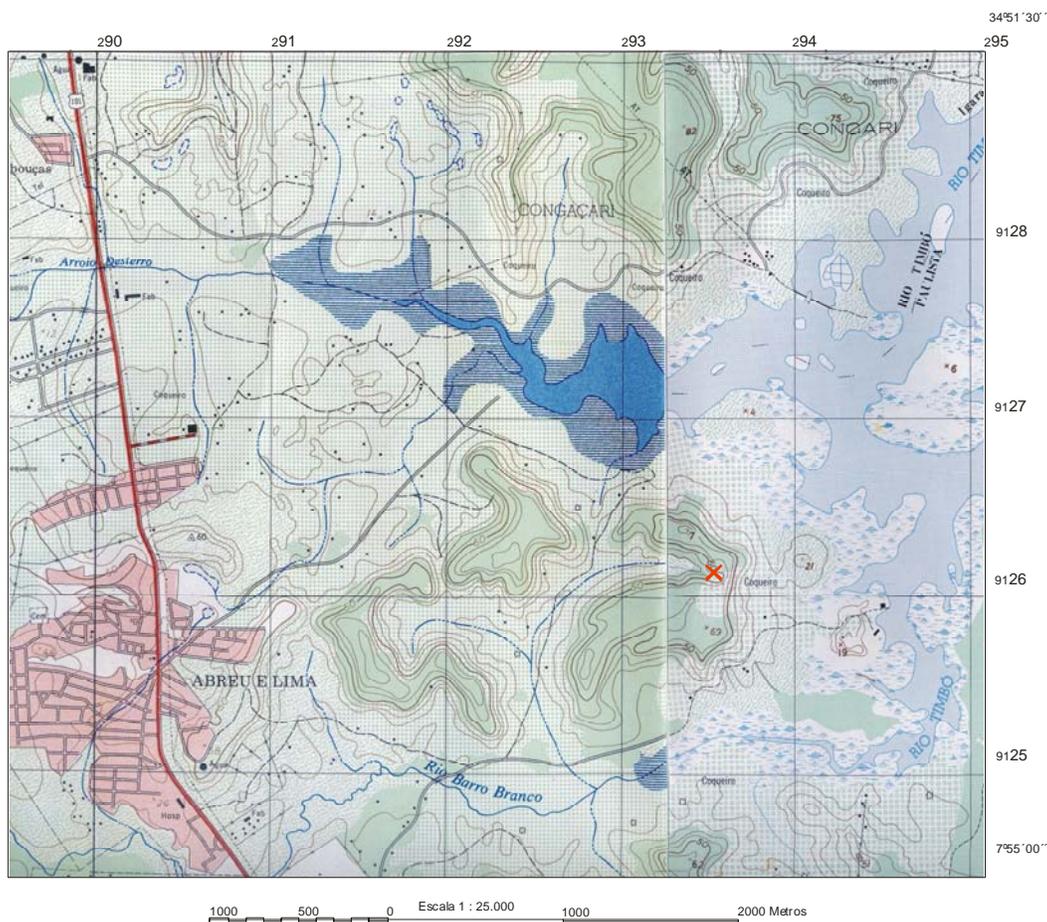
A vocação e a destreza artística passam a constituir uma possibilidade de movimento ascensional na rígida estrutura colonial escravista. Por essa via, forma-se um novo grupo, que não é cativo nem é senhor, cuja cor de tez é ignorada e cuja presença é indispensável. São aqueles mulatos livres e inventivos, nos quais Mário de Andrade

vislumbrou a primeira raiz da consciência nacional a nascer (BUARQUE DE HOLANDA,1985:109).

4. A PROPRIEDADE RURAL BENEDITINA: FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE

4.1. Aspectos geo-morfológicos

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe está situada a $07^{\circ} 54' 07,4''$ de latitude Sul e $34^{\circ} 52' 21,2''$ de longitude Oeste, com altitude de 69 metros acima do nível do mar (Mapa 1). Está localizada na zona rural do Município de Abreu e Lima, distando 4 Km do centro deste município e 14 Km da cidade do Recife.



Mapa 1: Detalhe das cartas da SUDENE – Folha SB.25-Y-C-VI/3-SO MI-1293/3-SO e SB.25-Y-C-VI-3-SE. A cruz em vermelho indica o local da Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

Do ponto de vista político-administrativo (Mapa 2), a área do sítio arqueológico em estudo pertence à Região Metropolitana do Recife, e se localiza na Zona do Litoral Norte do Estado de Pernambuco. O setor Norte do Litoral Pernambucano na sua porção inicial integra os limites dos municípios de Olinda, Recife e Camaragibe. Estende-se até a divisa do Estado de Pernambuco com a Paraíba e, segundo o IBGE (2000), representa 1,4% da superfície do Estado. São oito (8) os municípios que formam o setor: Araçoiaba, Goiana, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Itapissuma, Itaquianga, Paulista e Abreu e Lima.



Mapa 2: Setorização do litoral pernambucano. Adaptado de www.ibge.gov.br

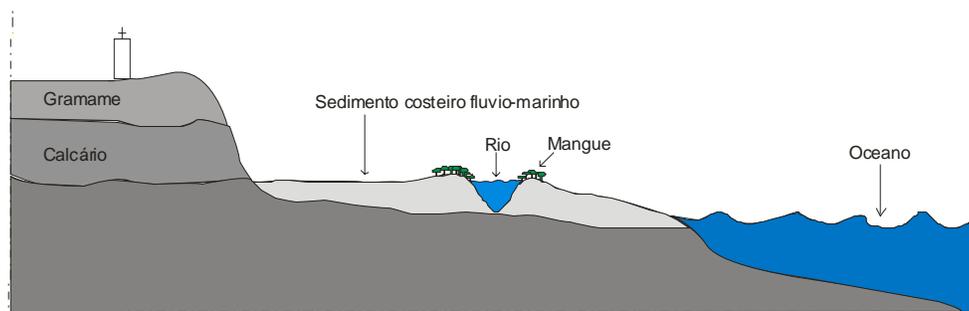
O Litoral Norte é constituído por depósitos terciários e quaternários, em sua maior parte. O Embasamento Cristalino representa apenas uma estreita faixa da porção oeste deste setor. As formações Barreiras, Beberibe, Gramame e Maria Farinha integram a Bacia Sedimentar Costeira Pernambuco. A mais extensa dentre as unidades geológicas no segmento litorâneo é a Formação Barreiras. A Formação Beberibe, localizada na borda continental, é a segunda unidade geológica em extensão.

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe (Croqui 1) está localizada na terceira unidade geológica em extensão do Litoral Norte, a Formação Gramame, que, em sua porção oriental, se estende até a retaguarda dos terraços marinhos. A oeste, na porção norte, estão localizados a margem direita dos rios Goiana-Megaó e o vale do rio Itapassoca e, na porção centro-sul, situam-se os vales dos rios Paratibe, Timbó e Arroio Desterro – afluente do rio Timbó.

De origem marinha, a Formação Gramame é fossilífera e tem sua deposição associada à fase marinha transgressiva do Cretáceo Superior. Duas caracterizações são predominantes, sendo uma fosfática, que repousa diretamente sobre os arenitos da Formação Beberibe, na qual estão associadas as jazidas de fosforita existentes na área. É uma calcária, sobreposta à anterior, e constituída por calcários areno-argilosos e argilosos (LGGM-UFPE, 1992:17).

Os sedimentos calcários são constituídos por arenitos calcíferos em suas bases e gradativamente passam a calcários arenosos, e nos topos são caracterizados por calcários dolomíticos e margosos muito fossilíferos. Apresentam altitudes entre 10 e 40 m e estão constituídos por colinas com encostas de média e baixa declividade ou, o que é mais freqüente, circundam os tabuleiros, constituindo a porção inferior da vertente desses relevos, com pendentes suaves, de onde avançam até o limite das várzeas e terraços fluviais. Tanto os depósitos da Formação Gramame como os da Formação Maria Farinha têm potenciais que são intensamente explorados desde o período colonial: a utilização do calcário como matéria-prima na produção de cimento e cal, ocasionando o desmonte do

relevo e a degradação de extensas áreas, nos locais de lavra desse mineral. Da Formação Gramame é extraído atualmente o fosfato, largamente utilizado na produção de fertilizantes, detergentes, suprimento alimentar animal, indústria farmacêutica, entre outros usos. As principais ocorrências de fosfato no Litoral Norte estão nos municípios de Paulista, Igarassu e Abreu e Lima, nos bairros do Desterro, Timbó, Vila dos Fosfatos e Belenga (onde se localiza a Fazenda de São Bento de Jaguaribe).



Croqui 1: Perfil geológico da Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

A área da Fazenda de São Bento de Jaguaribe está classificada dentro do domínio do clima tropical úmido do tipo As' ou pseudo-tropical da classificação climática de Köppen. Nos meses menos quentes a temperatura é superior a 18 °C, com chuvas de outono-inverno motivadas por ciclones da Frente Polar Atlântica. A temperatura média anual oscila em torno de 24 °C, nos meses frios, e, nos meses quentes, é de 27 °C. A precipitação pluviométrica média anual de 1 610,7 mm, em Abreu e Lima, onde o período chuvoso estende-se de abril a agosto e os meses mais secos são novembro e dezembro.

A Mata Atlântica corresponde à cobertura vegetal em sua composição original. Atualmente, apenas alguns remanescentes de mata são encontrados nas encostas de tabuleiros e morros com alta declividade e, em menor proporção, nas colinas e modelados suaves. Em Abreu e Lima existem duas reservas ecológicas com remanescentes da Mata: as de Miritiba e São Bento (Lei número 9989, de 13 de janeiro de 1987). A reserva de São Bento, assim como a grande maioria das reservas do Litoral Norte, não foi implantada e continua submetida a algumas formas de degradação. Há mais de dez anos a mata de São

Bento foi invadida por trabalhadores rurais sem terra, coordenados pela Federação dos Trabalhadores em Agricultura do Estado de Pernambuco (FETAPE), restando hoje menos de 10% da mesma (FALCÃO, 1999: 4).

Nestes remanescentes pode-se encontrar, entre outras espécies, cupiúba (*Tapirira guianensis*), cabotã-de-leite (*Thyrsodium schomburkianum*), sucupira branca (*Bowdichia virgiloides*), louros (*Ocotea* spp), embiriba (*Eschwehleria ovata*), murici da mata (*Byrsonima sericea*), barbatimão (*Abarema cochliocarpos*), ingá (*Inga* spp), visgueiro (*Parkia pendula*), embaúba (*Cecropia adenopus*), cajueiro (*Anacardium occidentale*), paquevira (*Heliconia angustifolia*), pereira da mata (*Lucea ochrophylla*), pau d'arco (*Tabebuia* sp), camaçari (*Caraipa densifolia*), munguba (*Bombax gracilipes*), embiridiba (*Buchenavia capitata*) (PERNAMBUCO. CPRH, 1991 ; 1998 ; Pesquisa de Campo, 1999).

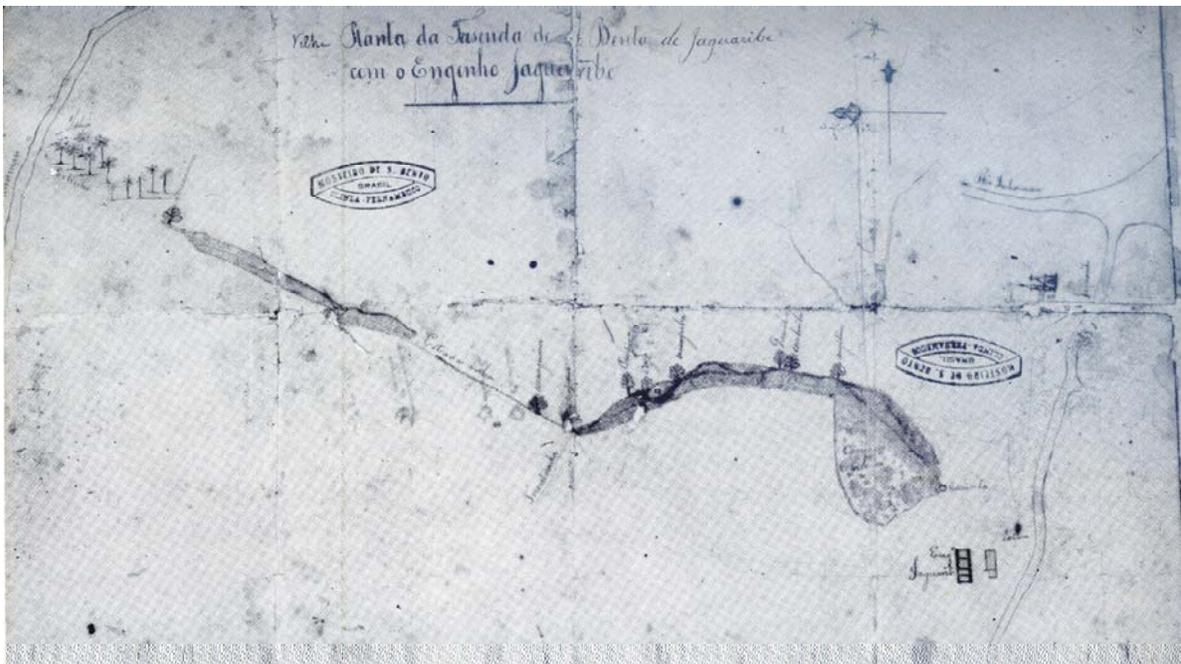
4.2. Dados históricos

A Fazenda de São Bento de Jaguaribe, propriedade beneditina, foi iniciada no século XVII, mantendo-se em funcionamento, de acordo com a documentação histórica, até o final do século XIX. Em seguida foi aforada, caindo num processo de desativação e destruição. Atualmente, esta área possui um contrato de comodato com a Associação Santa Clara.

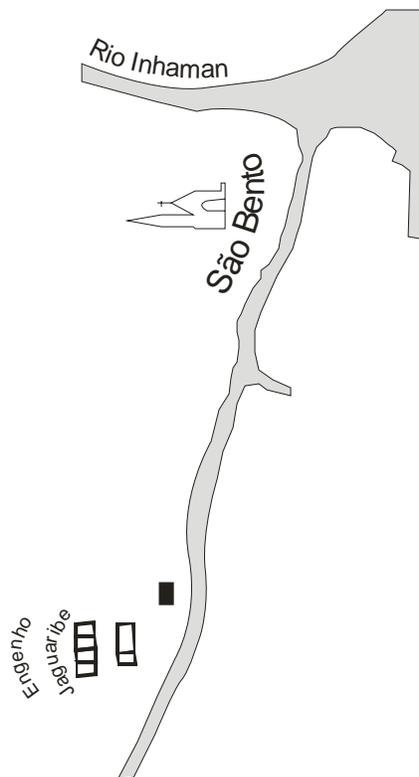
No Livro de Tombo (1948) o nome dado a esta propriedade é apenas Fazenda Jaguaribe. Não foi encontrada a data exata da fundação da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, porém, o Livro de Tombo, em 1647, na escritura de venda, feita por Paulo Almeida, de um partido de cana ao Mosteiro de Olinda, menciona a Fazenda. Também não foi encontrado, na documentação existente, o ano de desativação desta propriedade; no entanto, no Manuscrito do Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda (1953) há referências aos consertos realizados nas edificações existentes nesta propriedade, até o final do século XIX.

No Livro de Tombo do Mosteiro de São Bento de Olinda (1948) , no índice das “Escrituras e mais papéis”, foram encontrados cento e oitenta e um papéis compreendendo, sobretudo, escrituras de doação, compra e venda, concessão de sesmarias, testamentos e verbas testamentárias, traspases de foros, atos de posse, provisões e ordens régias, obrigações de capelas de missas, termo de demarcação, de administração e obrigação de bens encapelados, etc. Entre os papéis principais surgem outros, tais como mapas territoriais, roteiros de sertão, cartas de alforria, etc.

As propriedades beneditinas estão distribuídas por diversas localizações da Capitania de Pernambuco. No entanto, para este estudo interessam apenas as terras adquiridas no Distrito de Igarassu onde os beneditinos implantaram a Fazenda de São Bento de Jaguaribe; esta denominação é encontrada no mapa publicado no livro “400 Anos dos Beneditinos em Olinda” (Mapa 3 e Croqui 2), proporcionando uma maior compreensão da grandeza desta propriedade e da forma de aquisição da mesma.



Mapa 3: Fazenda de São Bento de Jaguaribe.



Croqui 2: Detalhe do mapa da Fazenda de São Bento Jaguaribe.

Documentos encontrados no Livro de Tombo (1948), referentes à Fazenda de São Bento de Jaguaribe, no Distrito de Igarassu, descrevem as seguintes escrituras:

- “Traslado da data de huma legoa de terra em quadra, que fes Duarte Coelho a Vasco Fernandes para elle e seos filhos, que he a terra, em que temos a Fazenda de Jagoaribe a folh. 149.”
- “Cesmaria de quatro centas braças de terra em quadra dadas a Vicente Fernandes em Jagoaribe a folh. 150 verso.”
- “Escriptura de venda, que fes Paulo de Almeida de hum Partido de canas a este Mosteyro em Jagoaribe a folh. 152.”

- “Acto de posse do mesmo Partido a folh. 154.”
- “Cesmeria, acto de posse, e demarcação da Ilha em Jagoaribe a folh. 155.”
- “Escriptura de venda, que nos fes Brás Correa, e sua molher da Ilha, que esta em Jagoaribe pegada as terras deste Mosteyro a folh. 158 verso.”
- “Escriptura de venda , que fes Antonio da Costa Feyo a Manoel Godinho de huma sorte de terra em Jagoaribe a folh. 160.”
- “Doaçam, que fes a este Mosteyro Manoel Godinho e sua molher da terra, conteúda na escriptura atrás a folh. 161.”
- “Verba do Testamento, com que faleceu Ignês de Oliveira em que deicha huns legados a este Mosteyro, e acto de posse, que delles se tomou pela dita verba a folh. 162 verso.”
- “Roteiro da Terra, de que estamos de posse em Jagoaribe a folh. 163 verso”.

Segundo Pereira da Costa (1983:404, v.1), as referidas terras, situadas em Jaguaribe, passaram a integrar o patrimônio do Mosteiro de São Bento por doação ou venda.

Todas estas terras, reunidamente, constituem uma grande, importante e rendosa propriedade, com uma capela, casas de vivenda, vastos campos de cultura, e fornos de fabricação de cal, de excelente qualidade, conhecida no mercado por cal de São Bento, cuja indústria se empregavam grande número de escravos pertencentes à Ordem, até que em reunião capitular celebrada no Mosteiro de Olinda em 1871, resolveram os padres libertar todos os escravos de sua propriedade, por ser a escravidão oposta à razão, à consciência e à religião.

Em outro documento histórico da Congregação Beneditina Brasileira, intitulado de “Manuscrito do Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda” (ROCHA, 1948) , foram encontradas informações sobre a Fazenda de São Bento de Jaguaribe, referentes ao período de 1828 até 1893. Este livro é composto pelos relatórios entregues todo final de triênio, que os Abades e os Presidentes deviam enviar ao Capítulo Geral , chamado “O Estado de sua Administração”. Ditos “Estados” abrangiam toda a administração do Mosteiro e suas dependências, como todo o patrimônio, quer urbano, quer rural, com todas as suas receitas

e despesas. Desta forma, os ditos “Estados” constituem realmente a principal fonte para a história dos respectivos Mosteiros, durante este período.

As informações encontradas nos relatórios do Estado sobre a Fazenda São Bento de Jaguaribe comprovam a grandeza dessa propriedade. Além dos campos de agricultura, onde cultivavam mandioca, milho, feijão, arroz, café e legumes, havia a produção da cal, as salinas, o engenho de farinha e a olaria. Dentro do conjunto de suas edificações há referências sobre a capela, a casa de vivenda, duas senzalas, mencionando também a cozinha da senzala e a existência de mais um lance na mesma, a casa de farinha, a estrebaria, um armazém para guardar a cal, uma casa, perto das salinas, para recolher o sal; na olaria fabricavam louças, telhas e tijolos. A Fazenda possuía uma canoa, carro, animais de condução, bois, etc. Os documentos mencionam a construção de uma cacimba e a existência de um açude.

O cronista inglês Henry Koster (1978), informa que, na Fazenda, era realizada a festa de São Bento, um acontecimento de importância na região. Os escravos tratavam os frades com familiaridade, mas o Abade da Ordem, considerado o representante direto de São Bento, era tratado com reverência e respeito.

As crianças só trabalhavam a partir dos dez a doze anos; e, mesmo assim, em tarefas leves. Os beneditinos se preocupavam em ensinar ofícios àqueles que demonstravam aptidão. Incentivavam o casamento precoce, mas não forçavam ninguém a casar, muitas vezes os escravos preferiam o celibato. Era permitido o casamento de escravas com homens livres, porém os escravos não podiam se casar com mulheres livres. O motivo desta decisão era que os filhos de uma mulher livre seriam também livres, resultando em uma família livre, o que poderia ocasionar uma situação de conflito.

De acordo com os dados históricos, na Fazenda, situada no topo da elevação da Sesmaria Jaguaribe, foram construídas a capela, a casa dos monges e a senzala, formando um semi-círculo e, segundo Koster (1978), essas habitações se localizavam às margens do

rio de Maria Farinha, que corria entre os mangues, onde vários córregos despejavam suas águas, parecendo, ao longe, braços do rio.

Essas informações sobre a Fazenda de São Bento de Jaguaribe fornecem uma visão geral, tanto da distribuição dos elementos principais edificados, como também sobre o tipo de relação social dos beneditinos com a mão-de-obra e os habitantes das redondezas.

5. A PROSPECÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO: FAZENDA DE SÃO BENTO DE JAGUARIBE.

“ Podemos pois afirmar que a pesquisa arqueológica permite-nos ver o processo das sociedades humanas de uma perspectiva ainda mais ampla do que aquela que nos indicaram os documentos escritos. A noção de processo histórico global amplia os horizontes dos indivíduos e estimula a sua solidariedade, acima de seus preconceitos de classe ou raça, reconstitui uma memória que será acessível a toda a comunidade na forma de um patrimônio cultural, favorecendo a valorização dos bens culturais, tão importantes quanto os documentos escritos.”

Arno Alvarez Kern (1989)

O sítio arqueológico Fazenda de São Bento de Jaguaribe foi registrado no Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN – com o nome de Sítio São Bento. No entanto, as tabelas, mapas, fotografias e demais dados referentes ao trabalho de campo serão apresentados com o nome de Fazenda de São Bento de Jaguaribe, denominação que será respeitada neste trabalho, para facilitar sua compreensão.

A prospecção foi realizada no período de 21 de fevereiro de 2005 a 11 de março de 2005, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Claudia Oliveira. A equipe de campo foi composta por alunos do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Conservação do Patrimônio da UFPE, alunos da Graduação de História da UFPE, da FUNESO¹, e da UNICAP². Contou com o apoio da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), da Fundação Seridó e da Prefeitura Municipal de Abreu e Lima, que forneceu quatro funcionários, além de apoio logístico. O 17º Batalhão da Polícia Militar de Pernambuco acompanhou os trabalhos, cuidando da segurança do local, devido à região do sítio atualmente servir como área de desova e esconderijo de criminosos. A prospecção contou

¹ Fundação de Ensino Superior de Olinda.

² Universidade Católica de Pernambuco.

ainda com a consultoria técnica dos professores José Luiz da Mota Menezes (Arquiteto-UFPE), Lucila Borges (Geóloga-UFPE), Olívia Carvalho (Antropóloga) e Alberico Nogueira (Arqueólogo-UNICAP).

A divulgação desta pesquisa nos meios de comunicação foi realizada pelos jornais Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, pela Rede Globo de Televisão e na Internet, pelo Portal Digital da UFPE.

As atividades de campo foram iniciadas com o reconhecimento da situação do sítio e delimitação da área de interesse arqueológico a ser prospectada.

Realizou-se a limpeza da vegetação (Fotos 1 e 2) na semana anterior à data de início do trabalho de campo, executada pelo senhor Galego, morador há mais de 40 anos nesse sítio, mão-de-obra local contratada, desta maneira iniciando o processo de participação dos moradores no desenvolvimento das pesquisas arqueológicas. Durante as pesquisas de campo foi feito também um trabalho de educação ambiental com a comunidade local, contribuindo assim para um maior esclarecimento e compreensão da importância, não só da pesquisa, como do papel do cidadão na preservação do seu patrimônio.



Foto 1: Vista panorâmica da Fazenda de São Bento de Jaguaribe antes do início da prospecção. (Autoria:Cláudia Oliveira).



Foto 2: Vista da casa dos monges antes da prospecção.(Autoria:Cláudia Oliveira).

Para o controle altimétrico e planimétrico dos vestígios arqueológicos foi realizado o setoriamento do sítio, na área pré-estabelecida, visando um melhor gerenciamento espacial da área em estudo (Conforme a planta topográfica 1).

Este setoriamento resultou numa malha que envolve as três unidades arquitetônicas do sítio, divididas em 7(sete) trincheiras, nomeadas em algarismos romanos. Cada uma destas trincheiras foi subdividida em quadrículas numéricas de 4 (quatro) m². De acordo com a orientação espacial dos vestígios e estruturas arqueológicas evidenciados nos processos de decapagem nas quadrículas selecionadas, deparou-se com a necessidade de subdivisão dessas quadrículas em quadrantes de 1 (um) m², desta vez nomeados com letras minúsculas, visando um controle maior da distribuição espacial dos vestígios arqueológicos encontrados.

As trincheiras foram definidas de maneira que permitissem uma maior visualização dos vestígios materiais e do processo erosivo da área, pois o sítio se encontra no topo de um morro.



Planta topográfica 1: Fazenda de São Bento de Jaguaribe.

As etapas desta pesquisa foram desenvolvidas utilizando técnicas já reconhecidas e tradicionais. A primeira etapa, a coleta superficial, foi feita nas áreas perturbadas por atividades antrópicas, visando recolher os vestígios arqueológicos remanescentes e evitar a perda maior desses bens culturais. A segunda etapa, a prospecção em quadrículas, foi utilizada como sondagem para conhecer o sítio em sua amplitude, objetivando definir os espaços, sua funcionalidade e os tipos de artefatos arqueológicos ali encontrados, bem como confirmar os dados históricos conhecidos sobre a distribuição espacial das evidências arqueológicas. Portanto, foi feito o levantamento dos remanescentes *in situ*, da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, garantindo o registro fiel da espacialidade das estruturas e artefatos ali encontrados.

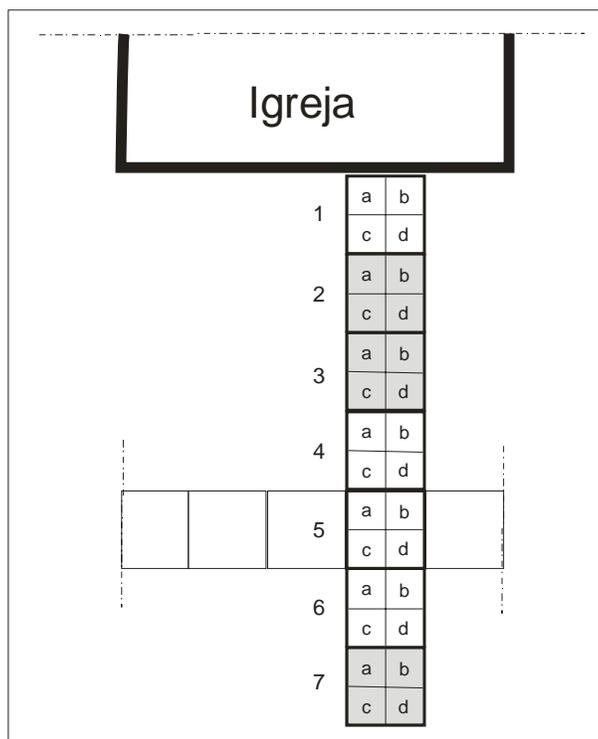
As escavações estratigráficas em quadrículas, método explicitado por Mortimer Wheeler (1961), foram realizadas para estudar a ordem deposicional dos vestígios. Nas escavações foi utilizado o nível artificial de 15 cm para cada decapagem. Todo o processo de sondagem das quadrículas das trincheiras foi acompanhado e registrado por desenhos e fotografias.

5.1. Descrição das trincheiras

5.1.1. Trincheira I

A trincheira I (Desenho 1) localizou-se na parte posterior da Igreja, com 14 (quatorze) m de comprimento, composta por sete quadrículas. A escavação ocorreu nas quadrículas 2, 3 e 7. Na quadrícula 2 foi detectada a presença de louça, cerâmica e material ósseo na segunda decapagem. Na quadrícula 3, localizada em uma declividade do terreno, foi evidenciada uma estrutura de pedra que começou a surgir na segunda decapagem. Ao lado dessa estrutura, a 61cm de profundidade, foi encontrada uma lâmina de machado em granito polido (Foto 3). Nesta quadrícula foi registrada, também, a presença de cerâmica, louça, faiança, vidro, metal, ossos (ainda não identificados de qual espécie), sementes, carvão e material malacológico.

Na quadrícula 7 foi coletado sedimento do perfil estratigráfico, pela Profa. Dra. Lucila Borges, seguindo a amostra para análise da composição mineralógica no Laboratório de Mineralogia do Departamento de Geologia da UFPE. Nesta quadrícula foram também coletados vidros, cerâmicas, louças e materiais malacológicos.

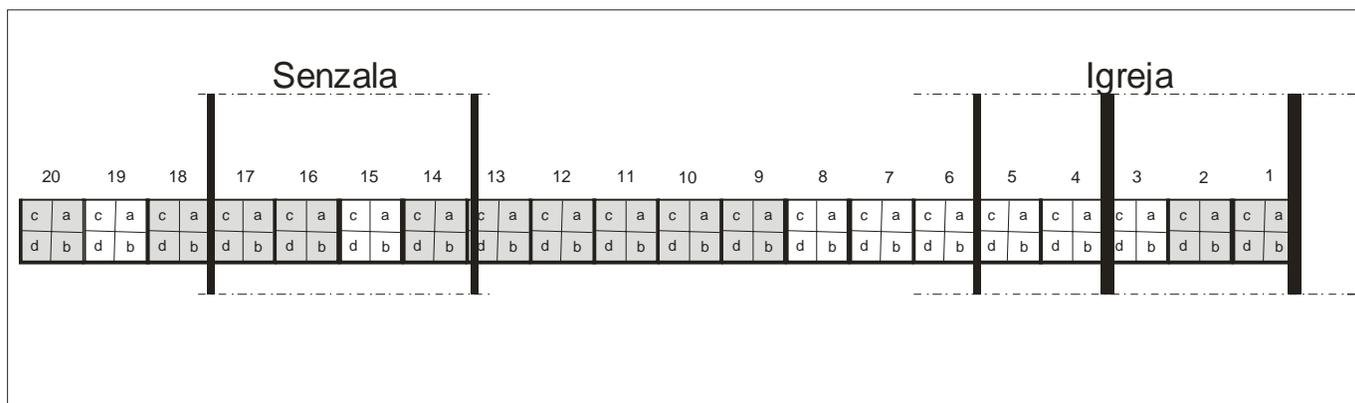


Desenho 1: Esquema da trincheira I.



Foto 3: Detalhe da machadinha de granito.(Autoria:Daniele Luso).

5.1.2. Trincheira II



Desenho 2: Esquema da trincheira II.

A trincheira II (Desenho 2) se iniciava na parte interna da Igreja, seguindo na direção Oeste, composta por 20(vinte) quadrículas, somando um total de 40m de comprimento, com 2 (dois) m de largura. Nas quadrículas 1 e 2, o objetivo das sondagens correspondeu à verificação da existência de sepultamentos na área interna da igreja, levando-se em consideração ser comum, neste local, a prática de rituais funerários, no Brasil Colonial. O trabalho nesta área foi iniciado com a limpeza da superfície, sendo retirada uma grande quantidade de material construtivo proveniente das paredes do templo, que tombaram, incluindo o frontão (Foto 4), que não foi retirado, pois se mantinha, em parte ainda com tijolos conectados, situando-se sobre parte da quadrícula 2, nos quadrantes c e d. A partir da limpeza foi evidenciado o antigo piso da Igreja, de tijolos avermelhados (Foto 5), com distribuição regular, formando retângulos contornados por tijolos retangulares com o preenchimento interno de tijoleiras.



Foto 4: Detalhe da tijoleira e parte do frontão que desabou. (Autoria: Daniele Luso).



Foto 5: Detalhe da tijoleira no interior da Igreja. (Autoria: Daniele Luso).

Após essa etapa, foi feita a retirada do piso, buscando manter a integridade dos tijolos, os quais foram desenhados e, em seguida, acondicionados em sacos plásticos, individualmente, e etiquetados, recebendo o número a eles correspondente no desenho, como forma de possibilitar sua reposição, caso seja decidido futuramente, passando em seguida para o trabalho de escavação. Três campas foram evidenciadas, escavando apenas os quadrantes c-d da quadrícula 1 e a-b da quadrícula 2 (ver detalhe na foto 6). Nas primeiras decapagens foram encontrados ossos desarticulados – dentes, fragmentos de mandíbula, e cal petrificada. Na quarta decapagem foi evidenciado um enterramento em conexão, contendo da

parte do crânio (Foto 7) até um dos membros superiores; parte da bacia não foi localizada, apesar de aparecerem os dois fêmures. Unido ao crânio, havia um artefato metálico, provavelmente de cobre – com coloração esverdeada (Foto 8), o qual, num primeiro momento, parece ser algum adorno que contornava a cabeça, pois, no lado oposto, o crânio apresentava também uma mancha esverdeada. Entretanto, com a continuação do processo de evidenciamento, foi observado que o referido artefato se estendia, dando a impressão de que se tratava de algum objeto que esteve sobre o corpo, sendo que uma das falanges do indivíduo também apresentou coloração esverdeada. Este artefato foi evidenciado até a altura da parte que corresponde ao tórax. Vale ressaltar que a parte correspondente à bacia não foi encontrada, logo, não é possível confirmar se o objeto se estendia a outras partes do corpo.

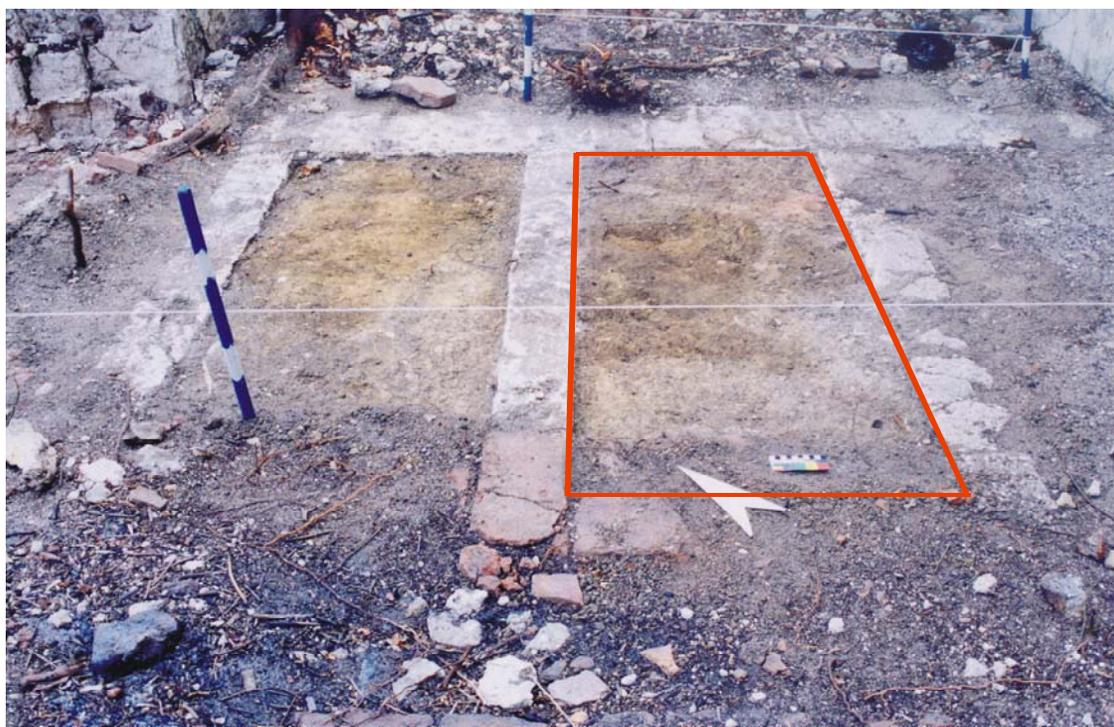


Foto 6: Detalhe das campas; a marca em vermelho indica a área da quadrícula escavada. (Autoria: Daniele Luso).



Foto 7: Detalhe do crânio do indivíduo na campa, entre as quadrículas 1 e 2 da trincheira II. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 8: Detalhe do artefato metálico. (Autoria: Cláudia Oliveira).

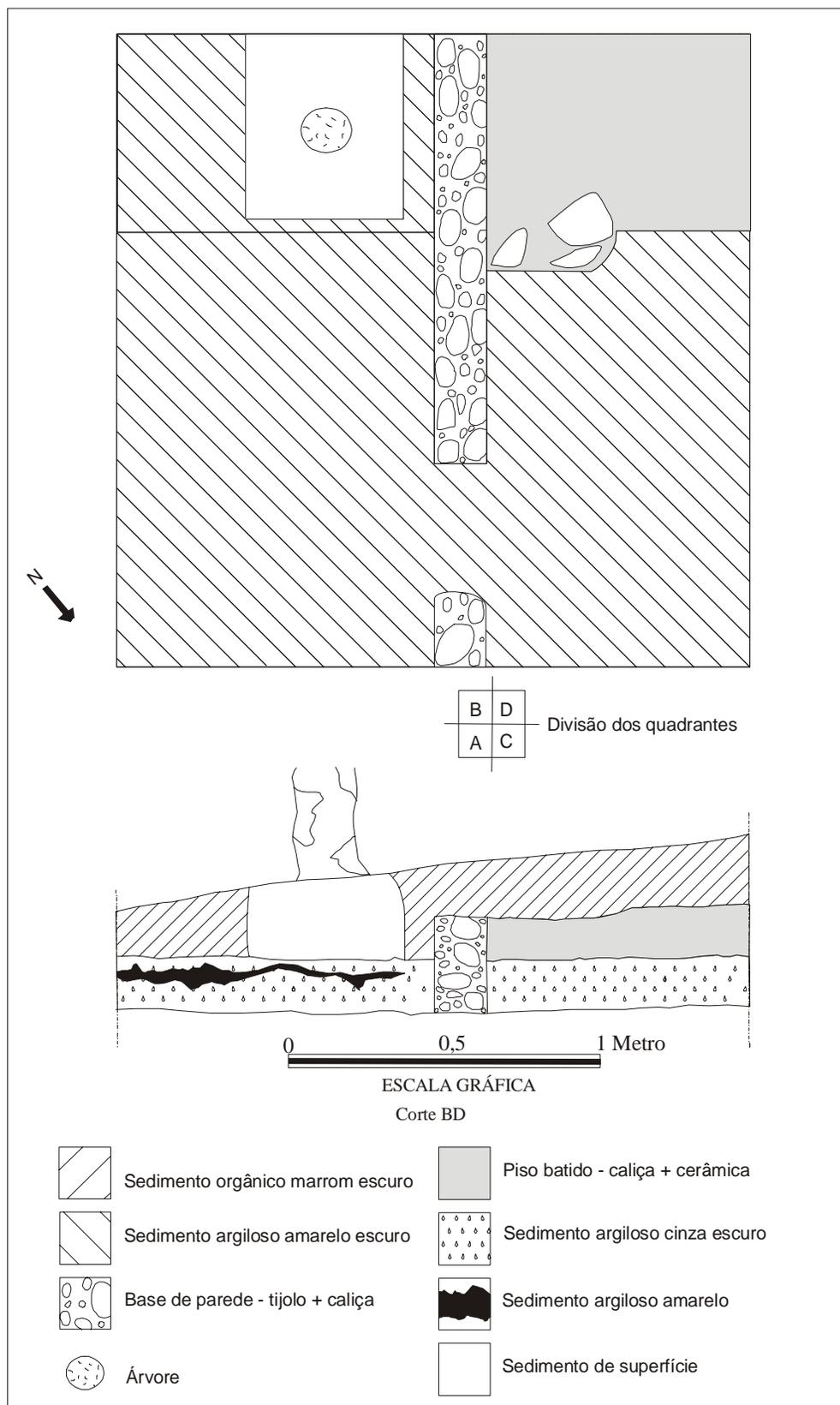
Na quadrícula 10 da trincheira II foi registrada, em todas as decapagens, a presença de louça, vidro, cerâmica, metal, ossos, contas de colar. Na quadrícula 11 foram encontrados fragmentos de cachimbos, um fuso, cerâmica, vidro, botões e uma bala. Nas quadrículas 12, 13 e 14 os mesmos tipos de vestígios foram encontrados, além de faiança e restos de estruturas de alvenaria (Foto 9). Na quadrícula 14 aparece uma estrutura de tijolos de uma base de parede (Foto 10 e o Desenho 3); esta parede divide os quadrantes a-b e c-d. No quadrante a-b encontrou-se um piso de terra batida, e no quadrante c-d um piso feito de uma mistura de cal, fragmentos de rocha, telhas e tijolos.



Foto 9: Estruturas evidenciadas nas quadrículas 12, 13 e 14 da trincheira II. (Autoria: Leandro Surya).



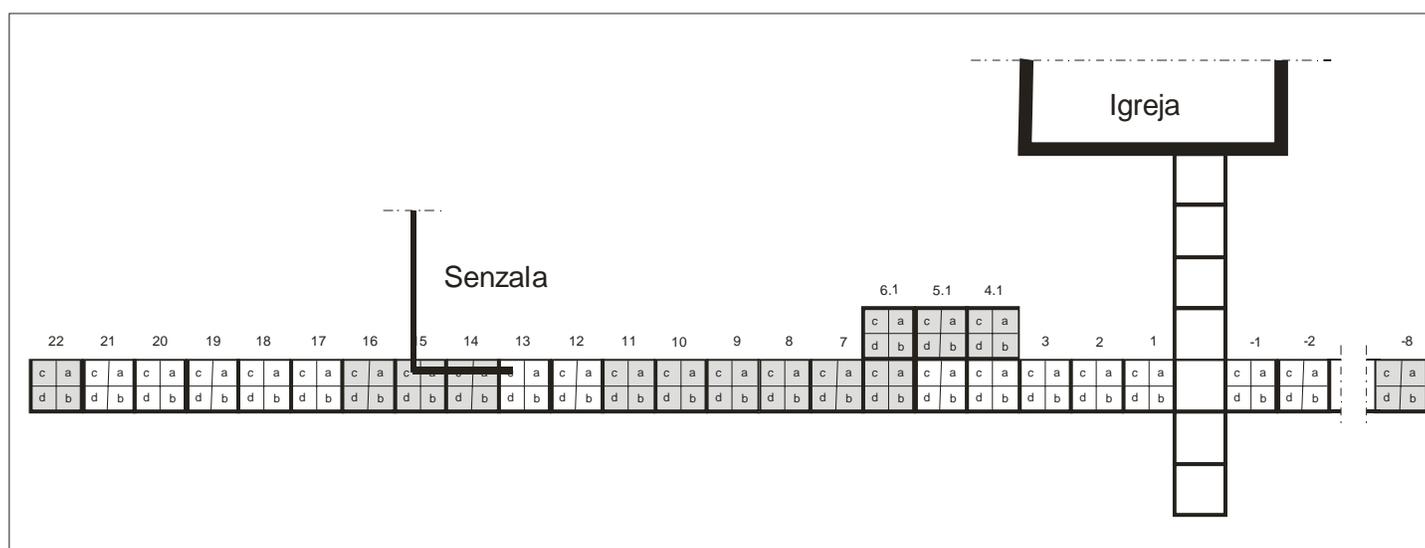
Foto 10: Diferença entre os pisos interno e externo da quadrícula 14. (Autoria: Leandro Surya).



Desenho 3: Trincheira II – quadrícula 14, vista superior e perfil BD.

Nas decapagens das quadrículas 18 e 20 da trincheira II, localizadas após a estrutura da suposta senzala, foram encontrados fragmentos de cerâmica, vidro, grés, ossos, faiança, um cravo e um prego de metal, botões e carvão.

5.1.3. Trincheira III



Desenho 4: Esquema da trincheira III.

A trincheira III (Desenho 4) está localizada paralela à fachada posterior da Igreja, com 60 (sessenta) m de comprimento. Na quadrícula 4.1 foram coletados os seguintes vestígios: cerâmica, metal, vidro, ossos e louça. Na quadrícula 6.1, além destes vestígios, foram encontrados contas de colar e faiança.

Nas quadrículas 8 e 9 havia fragmentos de faiança, vidro, cerâmica, grés, ossos, e uma moeda (ainda não identificada). Duas estruturas de rocha de calcário foram evidenciadas, ainda não tendo sido possível identificar a função dessas estruturas (Fotos 11, 12 e 13).



Foto 11: Estruturas nas quadrículas 8 e 9. (Autoria: Cláudia Oliveira).



Foto 12: Detalhe de estrutura em rocha calcárea encontrada na quadrícula 9. (Autoria: Cláudia Oliveira).



Foto 13: Detalhe da estrutura evidenciada entre as quadrículas 8 e 9.
(Autoria: Cláudia Oliveira).

Nas quadrículas 10 e 11 (Foto 14) evidenciou-se mais uma estrutura, possivelmente uma base de coluna; os vestígios encontrados não diferem das outras quadrículas, materiais do tipo cerâmica, louça, vidro, grés, ossos, etc. Percebe-se, através da planta topográfica do sítio, que as estruturas das quadrículas 6 e 6.1, 8 e 9, 10 e 11(Foto 15) estão alinhadas, formando uma reta. Todavia, não foi ainda possível determinar qual seria a função dessas estruturas.



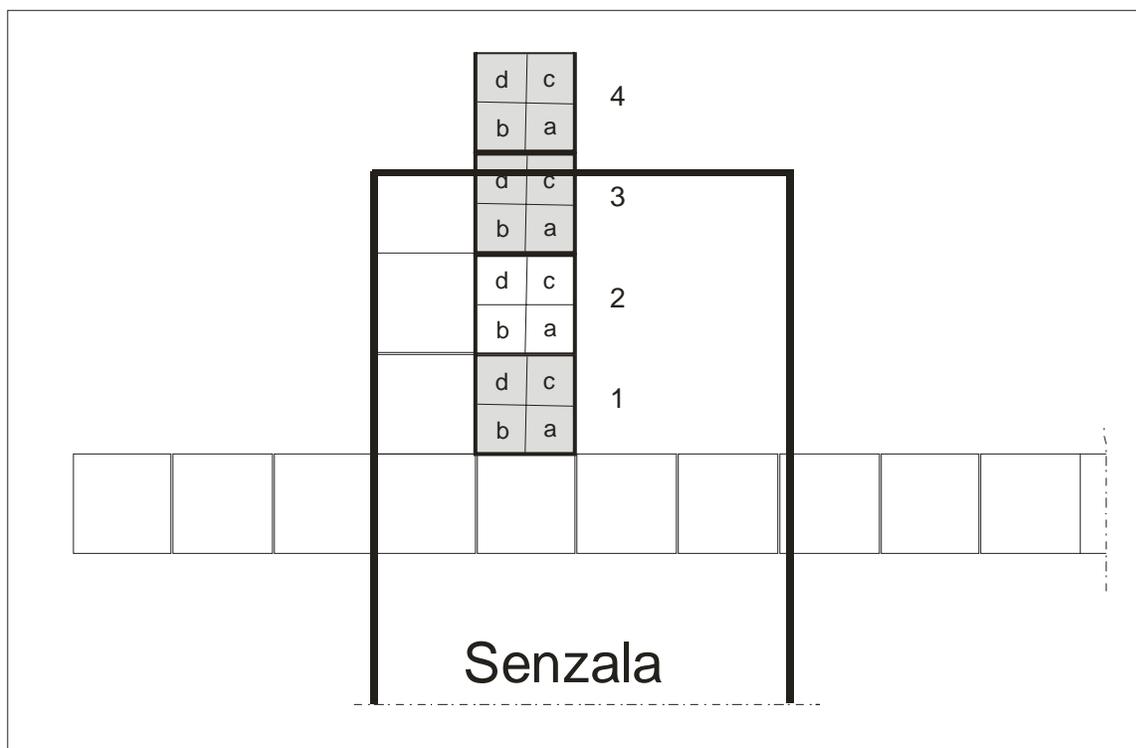
Foto 14: Quadrícula 11 da trincheira III, detalhe de estrutura de rocha calcárea coberta com tijolos. (Autoria: Claudia Oliveira).



Foto 15: Trincheira III, vista de oeste para leste; atenção para o alinhamento das estruturas. (Autoria: Leandro Surya).

Nas decapagens das quadrículas 14, 15, 16, 22 e -8 foram encontrados os mesmos tipos de vestígios, não trazendo novidades em relação às outras quadrículas das diversas trincheiras escavadas. Nas quadrículas 14 e 15 foi descoberto o perímetro da parte sul da edificação da suposta área da senzala. Entretanto, não ocorreu nenhuma variação, na estratigrafia dessas quadrículas, que as diferencie das outras deste sítio.

5.1.4. Trincheira IV



Desenho 5: Esquema da trincheira IV.

A trincheira IV (Desenho 5) começa na quadrícula 16 da trincheira II, na área norte do sítio, e possui apenas 4 quadrículas, se estendendo por 8 (oito) m de comprimento por 2 (dois) m de largura. Foi encontrado um piso de calça nas quadrículas 1,2 e 3 (Fotos 16 e 17) que selava um outro piso de terra batida, o qual continha, entre seus vestígios, uma moeda (ainda não identificada), na quadrícula 1, e uma faca, na quadrícula 3. Entre os demais vestígios foram encontrados botões, ossos, vidro, contas de colar, louça, restos

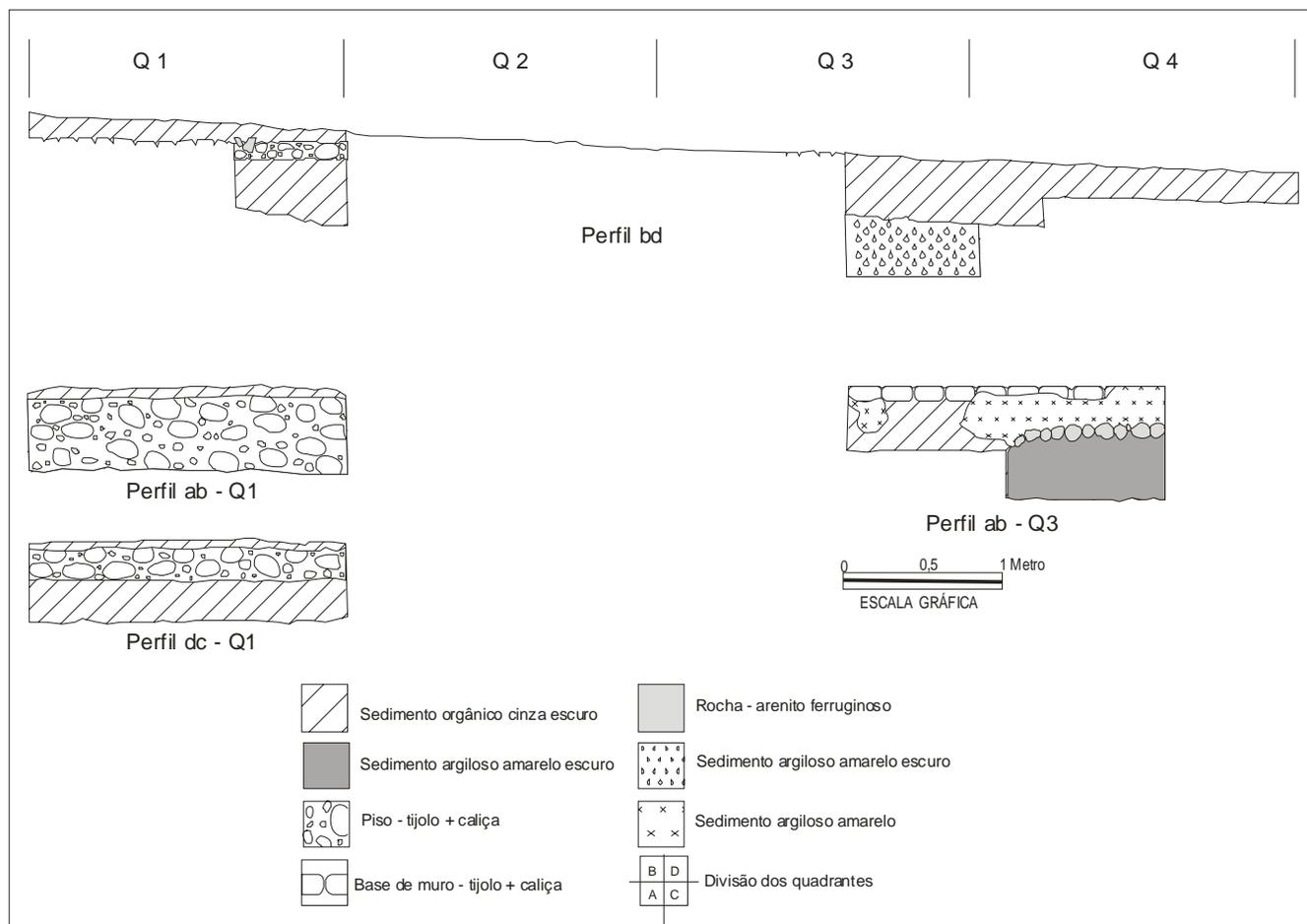
malacológicos e cerâmicas. A quarta quadrícula desta trincheira situa-se fora do perímetro da estrutura evidenciada; todavia, sua decapagem permitiu observar o alicerce na quadrícula 3 (Foto 18 e Desenho 6) e o início da parede de alvenaria da edificação, o que permitiu identificar o tipo de reboco utilizado na suposta senzala, que pode ser considerado igual ao utilizado nas construções da provável casa dos padres e da Igreja. É interessante ressaltar que as mesmas técnicas de acabamento foram utilizadas nos três tipos de edificação (Fotos 18, 19 e 20). Foram retiradas amostras do reboco e da argamassa e encaminhadas, para análise, ao Laboratório de Geologia da UFPE.



Foto 16: Trincheira IV, vista de sul para norte, detalhe da continuidade do piso que alcança a quadrícula 3. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 17: Quadrícula 1, trincheira IV, vista de norte para sul, detalhe do piso de calça e uma base da parede interna da edificação. (Autoria: Leandro Surya).



Desenho 6: Perfís da trincheira IV.



Foto 18: Detalhe do reboco da estrutura evidenciada entre as quadriculas 3 e 4 (senzala). (Autoria: Leandro Surya).



Foto 19: Detalhe do reboco da fachada leste da casa dos monges. (Autoria: Leandro Surya).

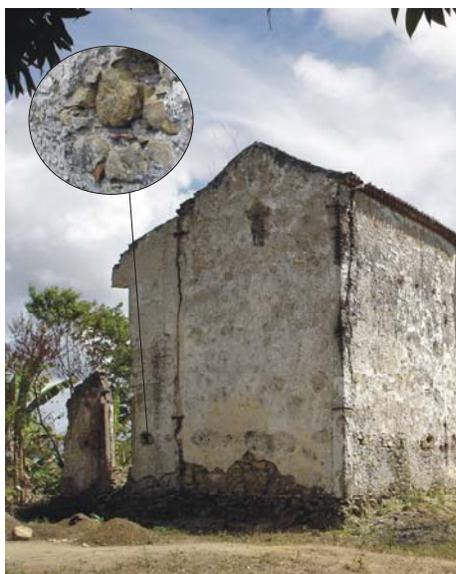
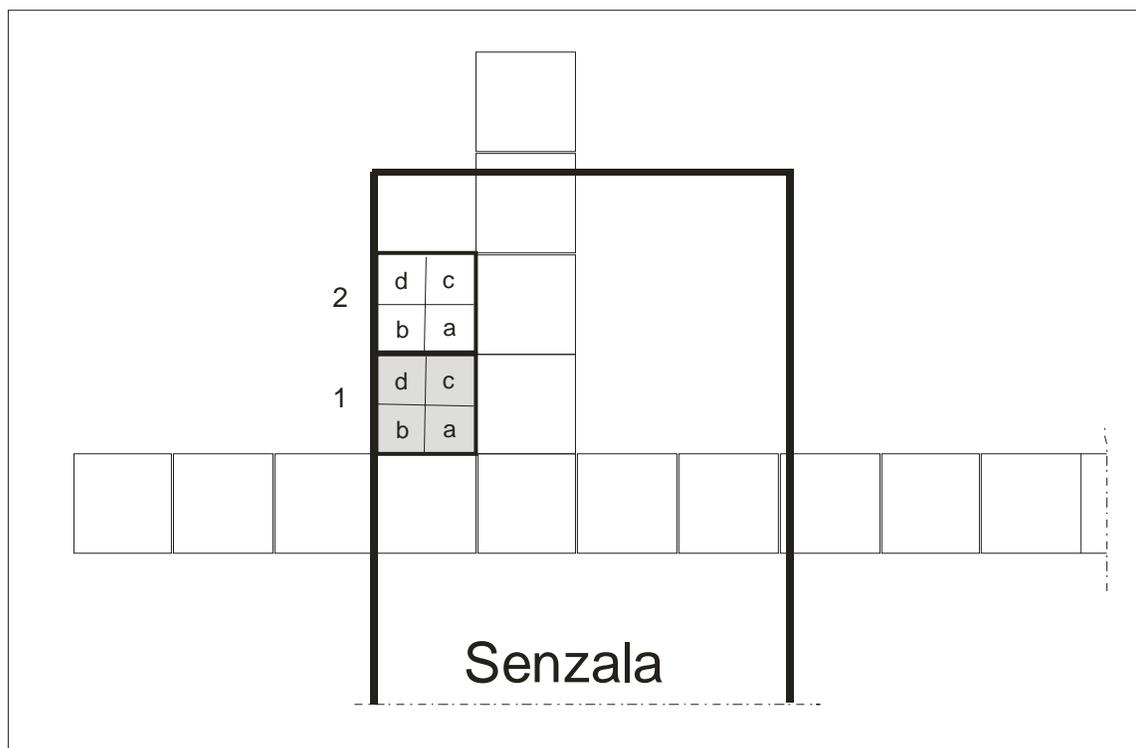


Foto 20: Detalhe do reboco da fachada posterior da Igreja. (Autoria: Leandro Surya).

5.1.5. Trincheira V

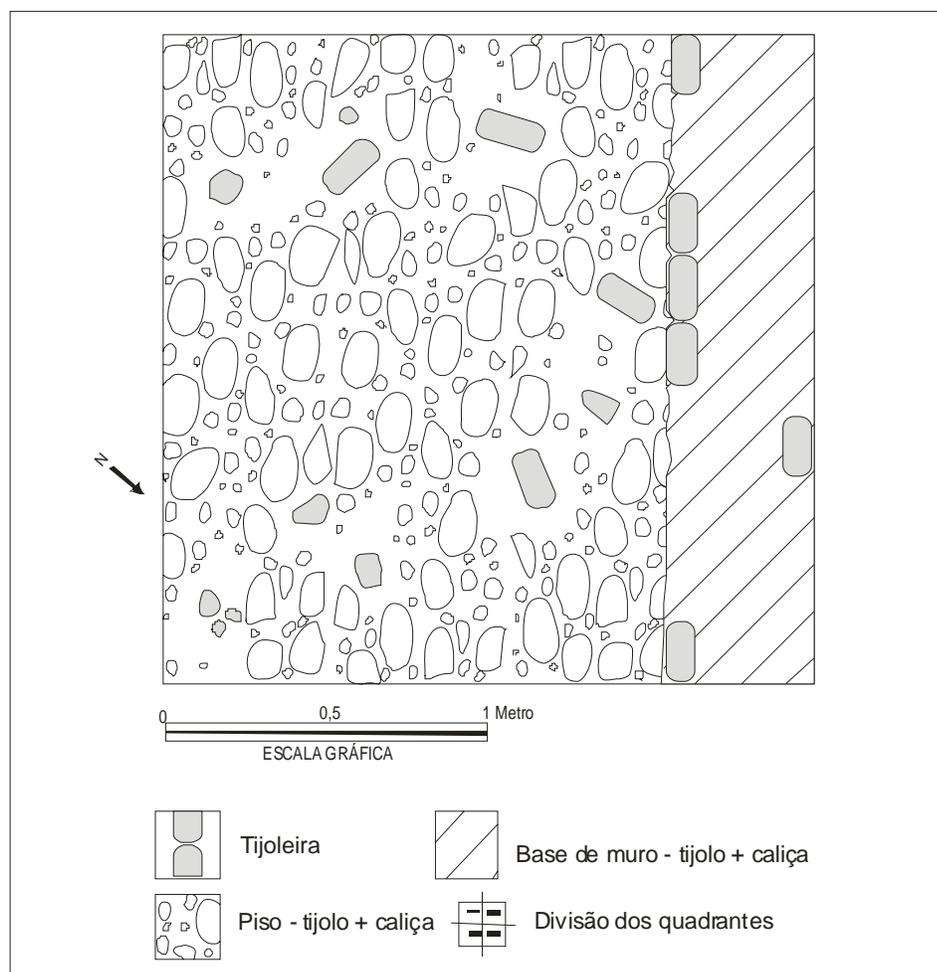


Desenho 7: Esquema da trincheira V.

A trincheira V (Desenho 7) começa na quadrícula 17 da trincheira II na área norte do sítio e abrange apenas 2 quadrículas, com 4m de comprimento por 2m de largura. Esta trincheira serviu para constatar os limites da estrutura da suposta senzala, também se podendo observar a continuidade do piso de calça evidenciado na trincheira IV (Foto 21 e Desenho 8). Os vestígios encontrados são similares aos do resto do sítio, sem apresentar nenhum diferencial.

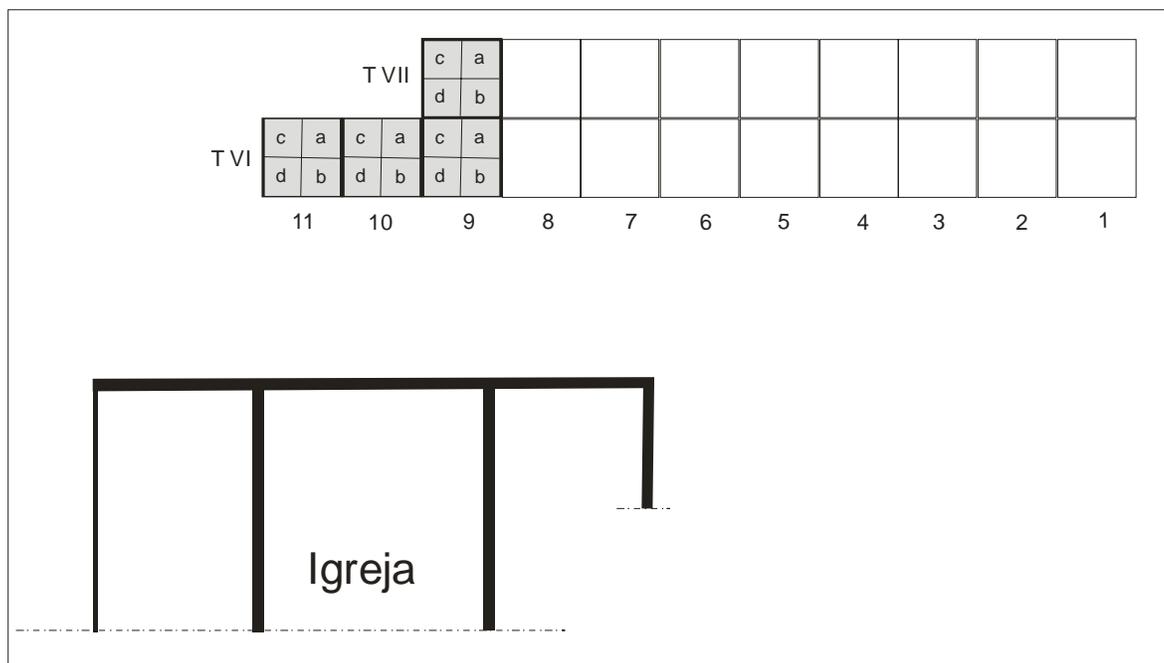


Foto 21: Trincheira V vista do norte para o sul. (Autoria: Leandro Surya).



Desenho 8: Trincheira V – quadrícula 2.

5.1.6. Trincheiras VI e VII



Desenho 9: Esquema das trincheiras VI e VII.

As trincheiras VI e VII (Desenho 8) estão localizadas na parte frontal da Igreja. Foram evidenciados os degraus da entrada principal do templo e o piso original, a entrada se estendendo por toda a área lateral leste e frontal, formando um desenho modulado (Fotos 22 e 23). Este traçado forma retângulos, com duas linhas de pedras calcáreas no sentido norte, isto é, vertical à fachada da igreja, e uma linha da mesma pedra no sentido horizontal, formando o limite dos retângulos. Internamente, as pedras foram colocadas aleatoriamente. De tal maneira, todo o pátio tinha o piso com um traçado marcado por uma preocupação estética. Apenas no campo das conjecturas, pode-se sugerir que esta marcação esteja relacionada a uma distribuição ordenada de campas na área do adro, prática comum no Brasil colonial.



Foto 22: Vista panorâmica das trincheiras VI e VII. (Autoria: Leandro Surya).

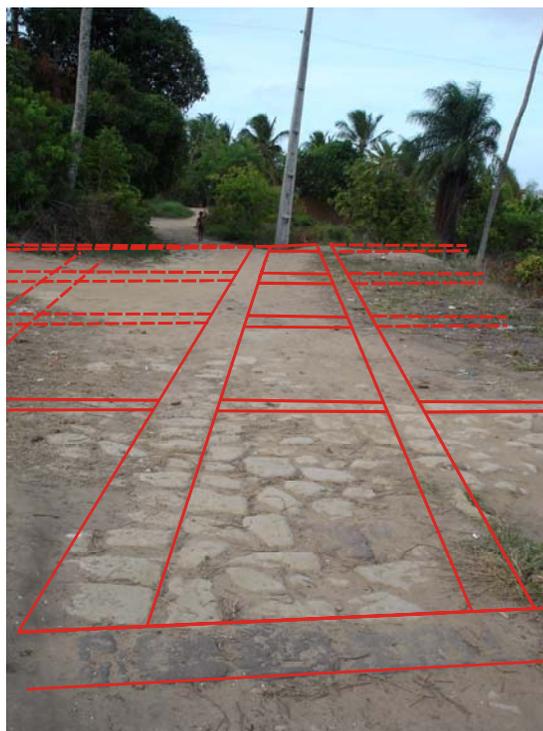


Foto 23: Vista sentido sul / norte do piso do pátio frontal da Igreja; as linhas vermelhas indicam a modulação do piso. (Autoria: Leandro Surya).

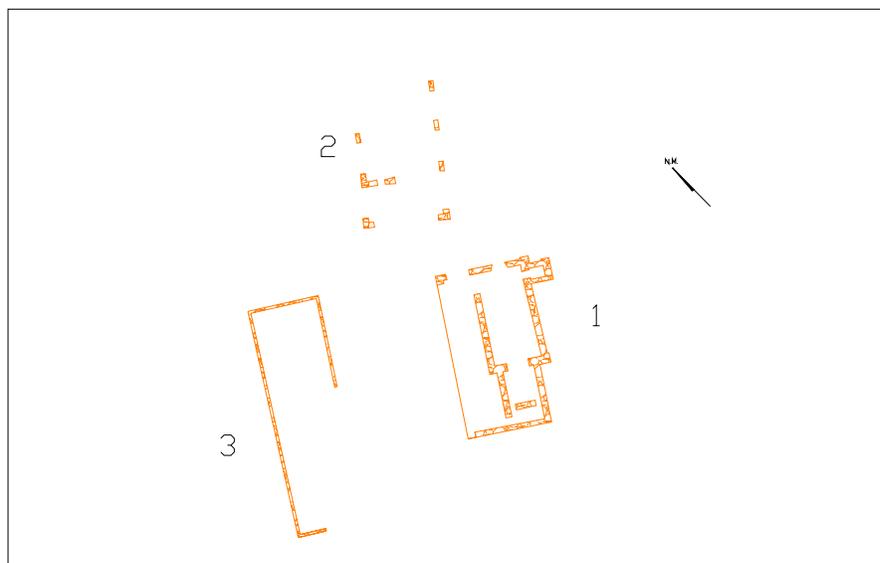
Após a retirada do piso, foram encontrados vestígios ósseos, provavelmente humanos, devido à presença de cal misturado ao sedimento, prática comum nos enterramentos. Todavia, o material ainda está sendo analisado no Laboratório de Paleontologia da UNICAP. Nas decapagens seguintes, o solo apresentou-se completamente estéril, materiais como cerâmica, faianças, restos malacológicos, vidro, louça e metal somente foram encontrados na superfície e na primeira camada, acima do piso de pedra calcárea.

5.2. Descrição das estruturas

A localização da Fazenda de São Bento de Jaguaribe é estratégica, primeiro por se situar num topo de morro, com altitude de 69 metros acima do nível do mar, de onde se pode perceber qualquer aproximação, quer marítima, quer terrestre. E segundo, por propiciar um ambiente arejado, evitando, desta forma, o aglomerado de moscas e mosquitos. Estes fatores contribuíram para a localização das construções principais que constituíam esta propriedade. Os beneditinos souberam tirar partido da situação geográfica, distribuindo as edificações dentro de uma organização espacial que levava em consideração a posição privilegiada de suas terras.

A partir da prospecção arqueológica realizada na Fazenda de São Bento de Jaguaribe foram identificadas 3 (três) estruturas que podem ser analisadas em relação aos dados históricos. Percebe-se, na planta de locação das estruturas evidenciadas, a seguinte distribuição: a Igreja, estrutura totalmente identificada; a casa dos monges e a senzala, cujas estruturas foram identificadas, porém surgiram alguns questionamentos em relação à sua definição exata, o que torna pertinente a sugestão de que os trabalhos arqueológicos neste sítio devem ter continuidade. Isto, no entanto, não invalida a distribuição desses edifícios, formando um semi-círculo (Planta 2), onde é possível

observar o traçado do modelo de organização espacial desta Fazenda do século XVII na Capitania de Pernambuco.



Planta 2: Localização das estruturas evidenciadas: 1 – igreja; 2 – casa dos monges; 3 – senzala

5.2.1. Estrutura 1 – Igreja de São Bento

A Igreja de São Bento aparece com sua fachada principal (Foto 24) voltada para o nordeste. Sua planta baixa (Planta 4) apresenta uma estrutura de planta basilical, ou seja, de uma nave única, com um arco cruzeiro e um altar-mor. Percebe-se visivelmente que a torre sineira (Fotos 26, 30 e 31) foi enxertada, acrescida posteriormente. Detalhes construtivos no campanário, como as duas rosáceas, demonstram a preocupação dos religiosos com sua defesa (Foto 25). Estas permitem uma visão estratégica, tanto por via marítima como terrestre. O corredor lateral direito da igreja (Fotos 27, 28 e 29) foi construído possivelmente num momento posterior. A técnica construtiva utilizada foi a

associação de fragmentos de tijolos com alvenaria de pedra e cal. Observa-se também o uso de alvenaria de tijolos para o fechamento dos vãos.

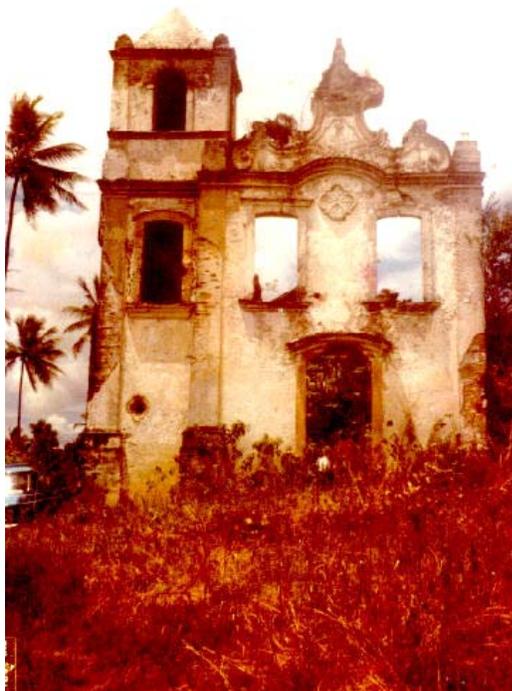


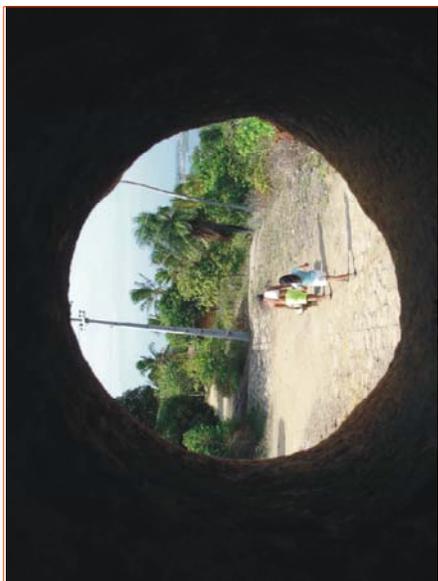
Foto 24: Fachada frontal da igreja de São Bento, em 1978. (Autoria: desconhecida).



Foto 25. visão do campanário.



Detalhe construtivo externo da fachada frontal do campanário.



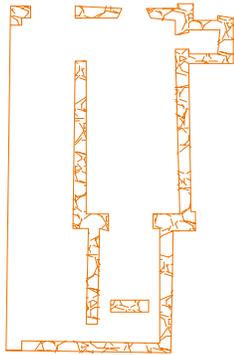
Detalhe construtivo interno da fachada frontal do campanário.



Detalhe construtivo externo da fachada lateral do campanário.



Detalhe construtivo interno da fachada lateral do campanário



Planta baixa 3: Estruturas evidenciadas da igreja.

Detalhe dos diversos ângulos da igreja:

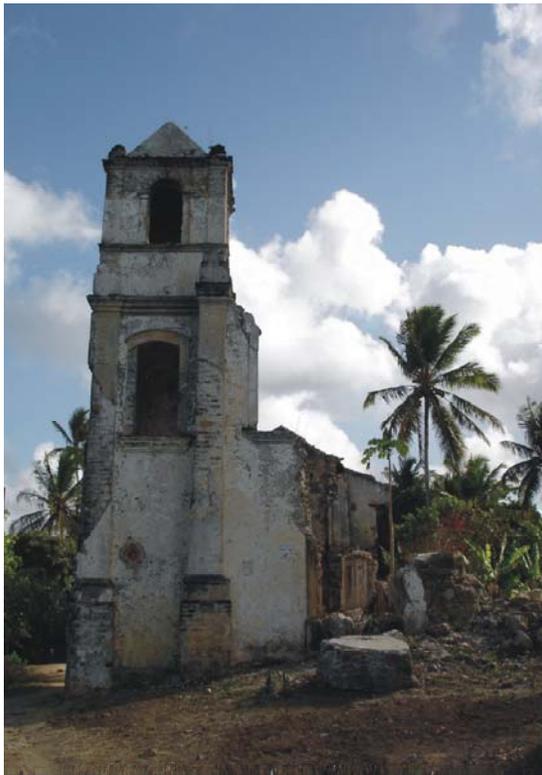


Foto 26: Fachada frontal. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 27: Fachada posterior. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 28: Fachada lateral direita, ano 2002.



Foto 29: Fachada lateral direita, ano 2005.



Foto 30: Detalhe da fachada lateral esquerda. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 31: Detalhe do campanário. (Autoria: Leandro Surya).

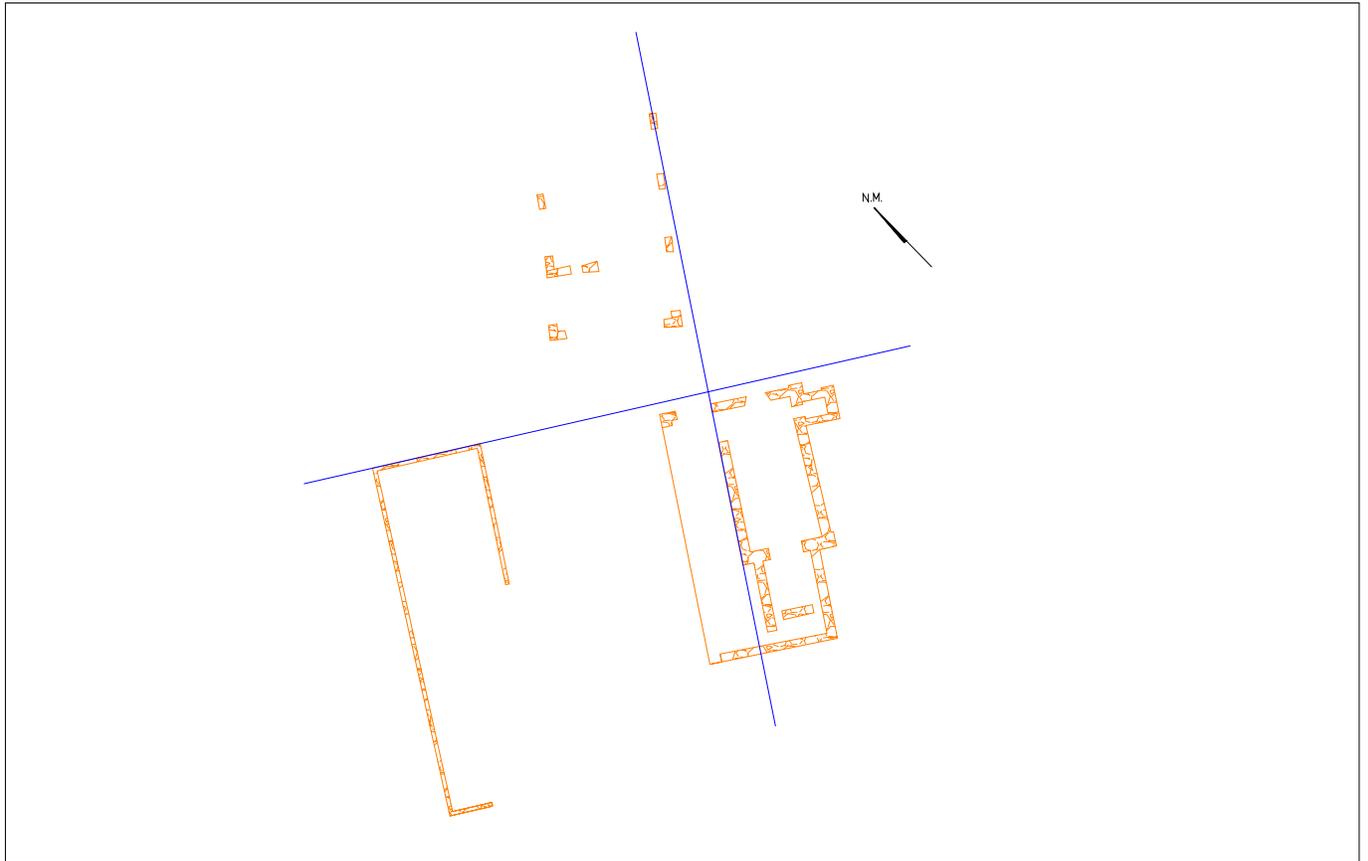
O piso da igreja era todo em tijoleira. Abaixo deste foi evidenciada a marcação de campas (Fotos 4 e 5), prática adotada de enterramento dentro das igrejas, por vários segmentos sociais. Contudo, nem todos os mortos eram sepultados nas igrejas ou ao seu redor, apenas aqueles de maior fortuna ou prestígio.

Os vestígios arqueológicos que mais aproximam presente e passado são, sem dúvida, os esqueletos humanos. Através de sua análise é possível obter preciosas informações, como a idade, o sexo, os padrões de saúde, as taxas de mortalidade infantil, doenças crônicas, traumatismos provocados por acidentes, guerras e esforços físicos, tipo de alimentação, expectativa de vida, etc. Vale ressaltar que, por meio destes vestígios, não apenas são resgatadas informações sobre as condições de vida dos homens do passado, mas também sobre os cuidados que o grupo tem com seus integrantes, após a morte. Neste sentido, a Igreja de São Bento tem um valor excepcional, por conter diversos enterramentos – demarcados pelas campas, na área interna da igreja, e pela possibilidade de se encontrar outros sepultamentos na área do adro – tornando possível o encaminhamento para pesquisas futuras alusivas a esse tema.

5.2.2. Estrutura 2 – Casa dos Monges

A casa dos monges, situada à direita da igreja, tem sua fachada principal com a orientação leste. Parte da estrutura que se mantém em pé mostra os vãos de entrada (Foto 32), com uma largura maior do que normalmente se encontra nas edificações das residências dos proprietários rurais. Este fato leva a conjecturar se esta edificação não seria apenas uma residência, mas um mosteiro. Considerando que os beneditinos costumavam construir mosteiros em suas propriedades rurais, quer engenhos ou fazendas, conforme referido no capítulo 2, esta conjectura poderia ser verdadeira. A estrutura da casa dos monges e a da igreja têm o mesmo nível topográfico. A técnica construtiva e o piso de tijoleira (Foto 33) são similares. O alinhamento da fachada

principal da casa coincide com a linha lateral da igreja (Planta 5). Todo o piso do adro da igreja faz parte da frente da casa, integrando as duas unidades funcionais (Foto 22).



Planta 4: Alinhamento das unidades funcionais.



Foto 32: Vão de entrada da casa dos monges. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 33: Detalhe do nível do piso da casa dos monges. (Autoria: Leandro Surya).

5.2.3. Estrutura 3 – Senzala

A área da suposta senzala encontrava-se totalmente coberta por vegetação e sedimentos. Foi possível evidenciar um alicerce de pedra e cal, associado a fragmentos de tijolos. Na sua extremidade norte apresenta o mesmo tipo de acabamento das demais unidades funcionais. Na área escavada o piso encontrado não era de chão batido, conforme se esperava; na parte evidenciada havia calça, aparentando ser um contra-piso grosseiro; todavia, não foram encontradas marcas de assentamentos de tijoleiras – revestimento utilizado nas outras duas edificações. Na área interna da estrutura da senzala foram evidenciados alicerces que indicam prováveis divisões em alvenarias.

Os vestígios encontrados no entorno e dentro desta edificação levantam a dúvida acerca da veracidade da localização desta senzala. Foram encontrados muitos fragmentos de faiança, grés, vidro, cerâmicas, botões, bala, moedas, etc., materiais que não eram comuns no cotidiano dos escravos. A própria estrutura física desta construção, o acabamento interno e externo parecem destoar do que seria esperado em se tratando de uma senzala. Há todo um diferencial nesta edificação. Todavia, considerando a maneira como os beneditinos se comportavam diante de sua mão-de-obra escrava, já registrada no capítulo 3, não é impossível admitir que essas diferenças construtivas, de espaço e de vestígios encontrados, estejam ligadas ao tipo de organização social que os beneditinos adotavam.

5.3. Material coletado

O tempo disponibilizado para a análise das relações entre o conteúdo e a estrutura do sítio, sob o ponto de vista do registro arqueológico e os dados da documentação histórica, não foram suficientes para concluir toda a análise do material coletado. No entanto, por meio deste material foi possível identificar diversas relações entre o

conteúdo e a estrutura do sítio, possibilitando levantar e encaminhar algumas questões pertinentes à pesquisa, que poderão ser trabalhadas futuramente. A diversidade do material coletado comprova a riqueza destes vestígios e a importância da continuidade do estudo.

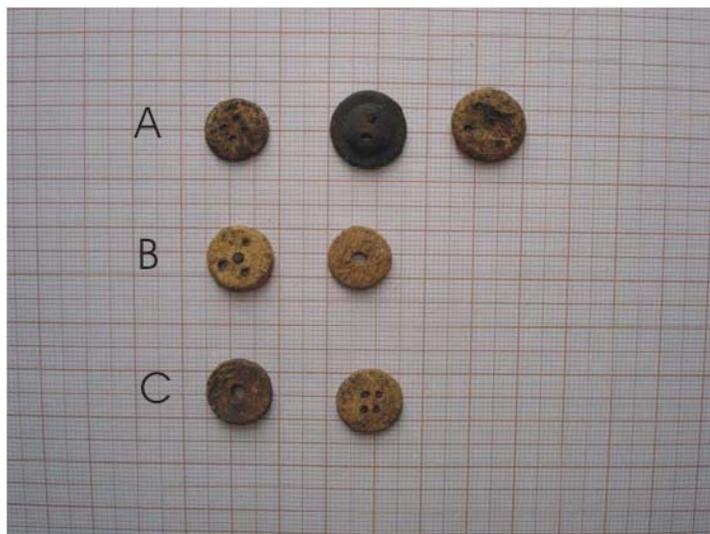


Foto 34: Botões coletados nas trincheiras: A – trincheira II, quadrícula 18, decapagens 2,3 e 4, respectivamente. B – trincheira IV, quadrícula 4, decapagem 2. C – trincheira II, quadrícula 20, decapagem 1. (Autoria: Leandro Surya).

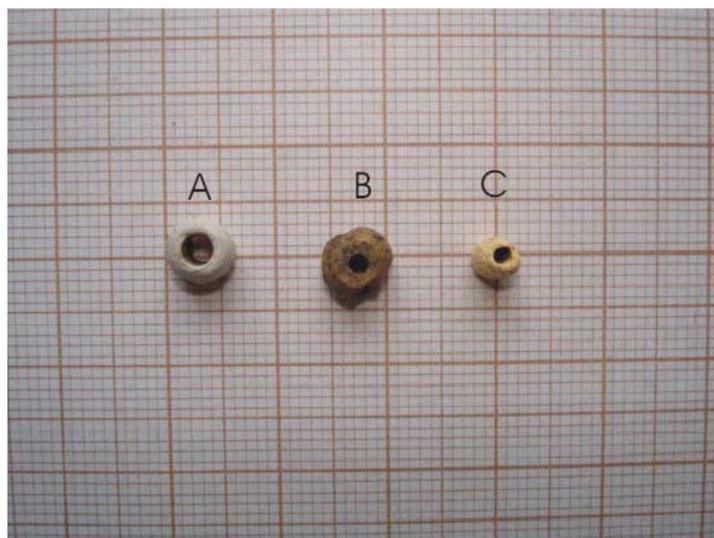


Foto 35: Contas de colar: A – Trincheira II, quadrícula 1, decapagem 1. B – Trincheira II, quadrícula 20, decapagem 1. C – trincheira IV, quadrícula 4, decapagem 2. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 36: Cachimbos cerâmicos coletados na trincheira II, A – quadrícula 10, decapagem 3, B – quadrícula 11, decapagem 3, C – quadrícula 18, decapagem 4. (Autoria: Leandro Surya).

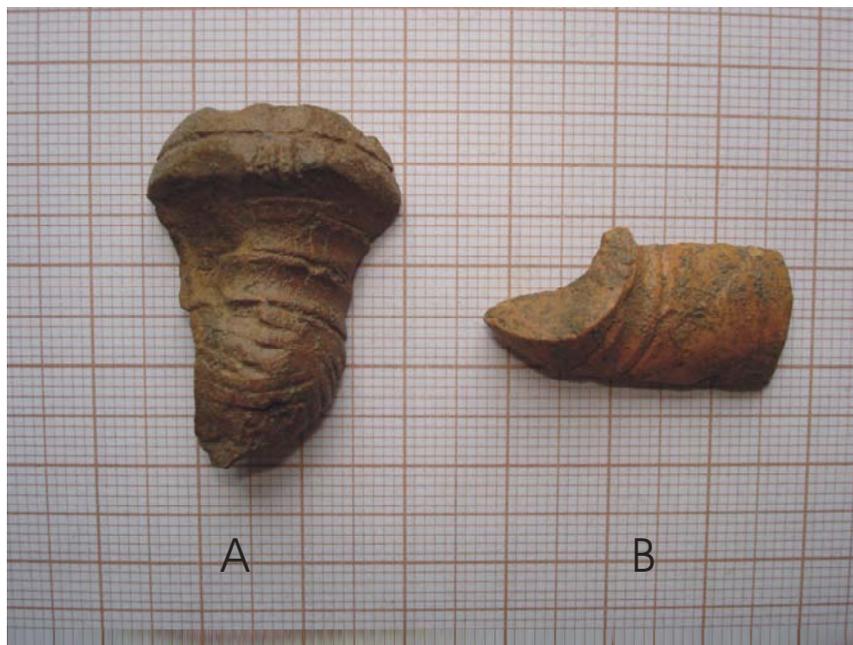


Foto 37: Cachimbos cerâmicos coletados na trincheira III, A – quadrícula 14, decapagem 1, B – quadrícula 22, decapagem 1. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 38: Cachimbo cerâmico coletado na trincheira II, quadrícula 18, decapagem 3. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 39: Dedal coletado na trincheira VI, quadrícula 10, decapagem 1. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 40: Vidro coletado na trincheira III, quadrícula 4, decapagem 1. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 41: Faiança grossa coletada na trincheira II, quadrícula 10, decapagem 2. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 42: Fragmentos de metal coletados na trincheira IV, quadrícula 4, decapagem 2. (Autoria: Leandro Surya).



Foto 43: Moeda coletada na trincheira II, quadrícula 18, decapagem 3. Moeda produzida na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, em 1827, letra monetária "R", valor de 20 réis, anverso - PETRUS.I.D.G CONST.IMP.ET.PERP.BRAS.DEF.+1827.R+, e no reverso - +IN+HOC+SIGNO+VINCES+. (Autoria: Leandro Surya).

Vale ressaltar que, além de todo o material encontrado na prospecção, na área de superfície das redondezas também foi encontrado material significativo de cerâmica indígena. A ocorrência de concentrações de cerâmica indígena nos arredores deve ser pensada. A presença desses indícios arqueológicos pode constituir um indicativo de três situações: assentamentos indígenas anteriores aos beneditinos, grupos indígenas não reduzidos assentados próximos à fazenda beneditina, ou ainda, assentamentos indígenas posteriores ao período beneditino e relacionados à dispersão dos indígenas na região. As relações entre as populações indígenas e européias constituem, sem dúvida, um dos mais importantes temas para reflexão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da pesquisa arqueológica, o resgate do passado como base para o estudo da identidade histórica sem dúvida constitui um fato de importância incontestável, podendo mesmo ser considerado um dos aspectos que conferem singularidade à arqueologia como ciência.

No Brasil, o descaso com o patrimônio histórico-cultural e a destruição de vestígios do passado no mínimo poderiam ser considerados fatos lamentáveis, atestando o quanto ainda é necessário trabalhar o nível de conscientização da população acerca da importância e real significado do passado e as implicações histórico-sociais com o presente.

Do ponto de vista arqueológico, qualquer vestígio deve ser considerado como fonte de informação, sua própria existência é a prova mais significativa dessa importância para o resgate da memória. Preservar esses vestígios constitui uma responsabilidade, uma obrigação e um compromisso com o passado, com a história e a memória que este patrimônio armazenou ao longo do tempo.

As ruínas arqueológicas são valiosas, mas frágeis e, uma vez destruídas, jamais poderão ser substituídas. Os sítios arqueológicos constituem uma parte importante da herança cultural da região e do país, muitas vezes até mesmo de interesse de outros países.

Um dos meios mais eficazes de proteção e conservação do patrimônio cultural é, sem dúvida, o tombamento. Sua importância reside no fato de constituir uma maneira eficaz de impedir que estas construções antigas sejam substituídas ou modificadas, paralisando, assim, o processo de destruição das preciosas construções do passado e preservando a memória local, nacional ou até mundial.

A pesquisa arqueológica é de importância fundamental no processo de preservação e proteção do patrimônio, tanto para aquele com possibilidade de intervenção restaurativa, como para o patrimônio na categoria de ruína, que já não apresenta condições de ser restaurado, mas, possui uma riqueza vestigial merecedora de preservação e conservação, para o conhecimento das gerações presentes e vindouras, como é o caso das ruínas existentes na Fazenda de São Bento de Jaguaribe. Apesar destas ruínas se encontrarem em um estado de deterioração avançado, seja pelo intemperismo, pelo avanço da vegetação ou mesmo pela ação humana que as desvaloriza e danifica, não deixam de representar um documento testemunhal da história da sociedade a que pertenceram.

O estudo do complexo arquitetônico da Fazenda de São Bento de Jaguaribe, composto pela igreja, casa dos monges e senzala, evidenciados nesta pesquisa, possibilitou o levantamento de algumas conclusões.

A igreja - estrutura 1, tem ainda a sua tipologia bem caracterizada nos restos de alvenaria existentes. Tudo indica, pelas condições em que as ruínas desta igreja se apresentam, a possibilidade de sua reconstrução, por meio de um projeto arquitetônico a ser elaborado. Diante da organização espacial desta fazenda, a igreja parece ser a principal unidade funcional, tanto pelo aspecto de monumentalidade arquitetônica, quanto por representar um local de defesa deste sítio, além de constituir o espaço utilizado para as atividades sociais da propriedade, impondo a soberania dos proprietários e o poder da fé. Elementos presentes na organização social deste período.

A casa dos monges (ou casa-grande) – estrutura 2, era a unidade funcional de moradia dos proprietários, neste caso representados pelos beneditinos. Provavelmente, esta edificação constituía um elo de ligação entre as outras duas unidades, ou seja, a igreja e a senzala, entre o poder, a fé, a submissão e a dominação dos escravos. A casa se posiciona como a edificação que marca e controla a entrada deste sítio. No entanto, apesar de sua localização de destaque, sabe-se que esta fazenda, durante um certo período, teve sua administração nas mãos de um dos escravos da Ordem, e que provavelmente esta unidade,

mais que uma simples moradia para os proprietários, foi um mosteiro, edificação comum nas propriedades rurais beneditinas. Diante desta perspectiva, mesmo a casa tendo a função de elo entre as unidades existentes no sítio, a igreja continua sendo a unidade de maior destaque e importância, pelo seu papel e significado neste período da história.

A área da senzala – estrutura 3, comprova a similitude entre o modelo de organização espacial dos engenhos e o identificado nesta fazenda, tudo indicando que o espaço é definido pelo tipo de organização social prevalente nesta sociedade, no período colonial. Os resultados obtidos comprovam a veracidade da hipótese levantada, no sentido de que a organização espacial não se modifica por conta da atividade produtiva, nem pelo fato de ser administrada por religiosos ou leigos. O que define o espaço é o tipo de organização social.

O fato de existir, nos engenhos, a unidade funcional - a fábrica - sempre localizada às vistas do proprietário, não significa que os proprietários das fazendas também não tivessem a mesma preocupação. No entanto, na área pesquisada nenhuma estrutura foi encontrada que evidenciasse a existência de outra edificação. Todavia, não se pode afirmar, com certeza, não ter existido uma outra unidade funcional que representasse a atividade produtiva nesta propriedade. Considerando que a fazenda desenvolvia diversas atividades, por conta da variedade dos tipos de produção, talvez não fosse possível construir o local de trabalho perto da unidade de moradia do proprietário, como o usual na organização dos engenhos.

O presente trabalho não tem caráter conclusivo. Propõe-se apenas encaminhar algumas questões, como o tipo de utilização do solo e do espaço (estrutura), as formas de organização social e espacial, e analisar as relações entre o conteúdo e a estrutura do sítio, sob o ponto de vista do registro arqueológico e dos dados da documentação histórica.

Não é demais repetir que esta pesquisa comprova a riqueza vestigial deste patrimônio – a Fazenda de São Bento de Jaguaribe -, e deixa implícito a responsabilidade e

mesmo o dever de preservá-lo, sugerindo o tombamento, como primeiro passo para sua defesa e proteção. Por meio deste estudo, pretende-se contribuir para a elaboração de critérios de análise de processos de tombamento do patrimônio na categoria ruína, com base em uma argumentação conceitual teórica.

A consciência em preservar o patrimônio histórico e cultural contribuirá para que as gerações futuras usufruam desta herança cultural e , por meio destes testemunhos, possam compreender o processo de desenvolvimento da identidade nacional. Com muita propriedade, afirma o filósofo Ortega y Gasset que: “ O único meio de um homem se orientar para o futuro é tomar consciência do que foi no passado – passado cujo contorno é inequívoco, fixo e imutável.”

BIBLIOGRAFIA:

AIRES, Maria das Graças. **Carmelitas em Pernambuco: fixação e expansão**. 2000. 172f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

ALBUQUERQUE, Marcos. **Jesuítas em Olinda: igreja de Nossa Senhora da Graça, herança e testemunho**. 1995. 470f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

ANDRADE, Manoel Correia de. **Economia pernambucana no século XVI**. Recife: Arquivo Público Estadual, 1962.

BARDI, Pietro Maria; PENIDO, Dom Basílio; FONSECA, Edson Nery; GONSALVES DE MELLO, J. A.; MENEZES, José Luiz Mota. **Benedictinos em Olinda – 400 anos**. São Paulo: Editora SANBRA, 1986.

BAZIN, Germain. **Arquitetura religiosa barroca no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

BINFORD, L. R. **Middle-range research and the role of actualistic studies**. New York: Academic Press, 1981.

_____. **Working at archaeology**. New York: Academic Press, 1982.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1985.

CAMPELLO, Glauco de Oliveira. **O brilho da simplicidade: dois estudos sobre arquitetura religiosa no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, Departamento Nacional do Livro, 2001.

CAPRISTANO DE ABREU, J. **Capítulos de história colonial (1500-1800).** 4.ed. revista, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954. (Publicações da Sociedade Capistrano de Abreu).

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia.** São Paulo: Editora UNESP, 1998.

COSTA PORTO, José da. **Estudo sobre sistema sesmarial.** Recife: UFPE, Imprensa Universitária, 1965.

DEL PRIORI, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial. História em movimento.** São Paulo: Editora Ática, 1994.

ENDRES, D. José Lohr. **A Ordem de São Bento no Brasil quando província – 1582-1827.** Salvador: Editora Beneditina, 1980.

FALCÃO, Verônica. Reservas que nada têm de ecológicas. **Jornal do Commercio,** Recife, 20 de junho de 1999. Secção Ciência/ Meio Ambiente, p. 8.

FARIA, Sheila de Castro. **A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano.** Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1958.

FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO DA REGIÃO METROPOLITANA DO RECIFE - FIDEM. **Plano de preservação dos sítios históricos** (PPSH/RMR). Recife, 1978.

GOMES, Geraldo. **Engenhos e arquitetura**. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 1998.

GONSALVES DE MELLO, J. A. **Tempo dos flamengos. Influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil**. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1987.

GONSALVES DE MELLO, J. A.; ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. **Cartas de Duarte Coelho a El Rei**; reprodução fac-similar. Recife: UFPE, Imprensa Universitária, 1967.

GUERRA, Flávio. **História de Pernambuco**. 4. ed. Recife: Editora Massangana, 1992.

HODDER, I. **Interpretación en arqueología**. Barcelona: Editora Crítica, 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sinopse preliminar do censo demográfico** - 2000. Rio de Janeiro, 2000. v. 7.

KERN, Arno Alvarez. **A arqueologia histórica, a história e os trinta povos das missões**. Revista Clío, Recife, n.5, 1989.

KOSTER, Henry. **Viagens ao Nordeste do Brasil**. Recife: Governo do Estado, Secretaria da Educação e Cultura, 1978.

KUZNAR, L.A. **Reclaiming a scientific anthropology**. Walnut Creek: Altamira Press, 1997.

LEITE, Serafim S. I. **Novas páginas de história do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

LABORATÓRIO DE GEOLOGIA E GEOFÍSICA DA MARINHA (LGGM)-UFPE. **Macrozoneamento costeiro do litoral de Pernambuco**; folha Itamamaracá (SB.25-Y-C-VII). Recife, 1992. (Mimeografado)

LIMA, Ruy Cirne. **Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2002.

LIVRO DO TOMBO DO MOSTEYRO DE SÃO BENTO DE OLINDA. Separata da: **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, Recife, v.41, 1948.

LUNA, Dom Joaquim G. de. **Os monges beneditinos no Brasil**. Rio de Janeiro: Edições “Lumen Christi”, 1947.

ORSER JR. , Charles E. **Introdução à arqueologia histórica**. Belo Horizonte: Editora Oficina de Livros, 1992.

PEREIRA DA COSTA, F. A. **Anais pernambucanos**. Recife: FUNDARPE, 1983. (Coleção pernambucana, 18 v.) v.1.

PERNAMBUCO. Governo do Estado. Companhia Pernambucana do Meio Ambiente (CPRH). **Diagnóstico sócio-ambiental e mapeamento das potencialidades e restrições**

de uso: Área Piloto da RBMA – Complexo de Igarassu, Itapissuma e Itamaracá.

Recife, 1998. v. 1.

_____. **Zoneamento preliminar da Reserva Ecológica de Caetés.** Recife, 1991. (Série Publicações Técnicas, 09).

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil.** São Paulo: Editora Contexto, 1998.

PIRES, Fernando Tasso Fragoso; GOMES, Geraldo. **Antigos engenhos de açúcar no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

PRADO, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo.** Rio de Janeiro: Livraria Martins Editora, 1942.

PREUCEL, R. W.; HODDER, I. Communicating present pasts. In: PREUCEL, R. W.; HODDER, I. (Eds.), **Contemporary archaeology in theory.** London: Blackwell, 1996.

RAAB, L. M.; GOODYEAR, A. C. **Middle-range theory in archaeology: A critical review-of origins and applications.** American Antiquity 49, 1984.

RENFREW, C.; BAHN, P. **Archaeology: theories, methods and practice.** London: Thames and Hudson, 1991.

ROCHA, Dom Mateus. Manuscritos do Arquivo do Mosteiro de São Bento de Olinda. Separata da: **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano,** Recife, v.42, 1948. 297p.

_____. **Benedictinos em Olinda. Chegada dos Benedictinos em Olinda: 1591 – 1592, e outros acontecimentos daquele Mosteiro até 1630.** Olinda [s.d.].

SANTOS, Shirlei Martins. **Reconhecendo os engenhos da freguesia de Santo Antonio do Cabo – PE: uma leitura interpretativa da cultura material remanescente do final do século XVI e início do século XVII.** 1995. 117f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.

SCHIFFER, Michael B. **Archaeological context and sistemic context.** American Antiquity 37, 1972.

_____. **Formation processes of the archaeological record.** Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

SCHWARTZ, Stuart B. Os engenhos beneditinos do Brasil Colonial. Separata da: **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano,** Recife, 1983. 47p.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos. Engenhos e escravos na sociedade colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SHANKS, M.; TILLEY, C. **Social theory and archaeology.** Albuquerque: University of New México Press, 1987.

SMITH, Robert C. **O caráter da arquitetura colonial do Nordeste.** Rio de Janeiro, 1940. (Série Estudos Brasileiros).

_____. Arquitetura civil do período colonial. **Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo: USP, 1975.

SOUTH, Stanley. **Method and theory in historical archaeology**. New York: Academic Press, 1977.

SOUZA, Marcos André Torres de; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Análise distribucional intra-sítio em arqueologia histórica: algumas aplicações. **Revista de Arqueologia – SAB**, v. 9, 1996. 25-42p.

TILLEY, C.; SHANKS, M. **Re-constructing archaeology: theory and practice**. London/New York: Routledge, 1992.

TOLEDO, Benedito Lima de. Do século XVI ao século XIX: maneirismo, barroco e rococó. In: ZANINI, Walter. **História da arte**. São Paulo: Banco Moreira Sales, 1985.

TRIGGER, B. **A history of archaeological thought**. Cambridge: University Press, 1989.

TSCHAUNER, H. Middle range theory, behavioural archaeology and postempiricist philosophy of science in archaeology. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.1, n.1, p.1-29, 1996.

WHEELER, Mortimer. **Arqueología de campo**. México: Fondo de Cultura Económica, 1961.

8 – APÊNDICES

Legenda da tabela:

| | |
|-------------|-------------|
| Etq | Etiqueta |
| Vestígio | Vestígio |
| Set | Setor |
| Decapagem | Decapagem |
| Quad | Quadrícula |
| Quadr | Quadrante |
| Data | Data |
| Pesquisador | Pesquisador |
| Observação | Observação |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 1 | Louça | - | Superfície | | - | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 2 | Seixo | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 3 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 4 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 5 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 6 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 7 | Lítico | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 8 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 9 | Malacológico | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 10 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 11 | Malacológico | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 12 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 13 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 14 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 15 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 16 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 17 | Grés | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 18 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 19 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 20 | Grés | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 21 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 22 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 23 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 24 | Seixo | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 25 | Grés | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 26 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 27 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 28 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 29 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 30 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 31 | Malacológico | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 32 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 33 | Argamassa | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 34 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 35 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 36 | Ossos | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 37 | Grés | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 38 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 39 | Malacológico | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 40 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 41 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 42 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 43 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 44 | Grés | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 45 | Louça | I | Superfície | 1 | b | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|-------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------------|
| 46 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 46 | Louça | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 47 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 48 | Metal | I | 1 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 49 | Cerâmica | I | 1 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 50 | Cerâmica | I | 1 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | telha de amianto |
| 51 | Malacológic | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 52 | Cerâmica | I | 1 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 53 | Louça | I | 1 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 54 | Malacológic | I | 1 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 55 | Louça | I | 2 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 56 | Cerâmica | I | 2 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 57 | Cerâmica | I | 2 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 58 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 59 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 60 | Cerâmica | I | 3 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 61 | Cerâmica | I | 3 | 7 | a-c | 21-02-2005 | Claudia e Mércia | telha de amianto |
| 62 | - | - | - | - | - | - | - | invalida |
| 63 | Cerâmica | I | 3 | 7 | a-c | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 64 | Vidro | I | 3 | 7 | a-c | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 65 | Ossos | II | Superfície | 2 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 66 | Louça | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 67 | Cal | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 68 | Metal | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 69 | Vidro | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 70 | brasilit | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 71 | Cerâmica | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 72 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | fuso |
| 73 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 74 | Louça | II | 2 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 75 | Vidro | II | 2 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 76 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | cachimbo |
| 77 | Seixo | II | 2 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 78 | Ossos | II | 1 | 3 | b-d | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 79 | Vidro | II | 1 | 3 | b-d | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 80 | Cerâmica | II | 1 | 3 | b-d | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 81 | Louça | II | 1 | 3 | b-d | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 82 | Metal | II | 1 | 3 | b-d | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 83 | Cerâmica | II | 1 | 11 | | 22-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 84 | Louça | II | 1 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 85 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 86 | Argamassa | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 87 | Arenito | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 88 | Vidro | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 89 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 90 | louça | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 91 | Faiança | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|--------------------|
| 92 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 93 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | cachimbo |
| 94 | Metal | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | Bala |
| 95 | Botão | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 96 | Seixo | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 97 | Metal | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 98 | Vidro | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 99 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 100 | | II | | 0 | | | - | invalida |
| 101 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 102 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 103 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 104 | Louça | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 105 | Cerâmica | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 106 | lol | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 107 | Vidro | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 108 | Cerâmica | II | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 109 | Metal | II | 2 | 11 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 110 | Louça | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 111 | Cerâmica | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | cachimbo |
| 112 | Lítico | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | machadinha |
| 113 | Ossos | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 114 | Vidro | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 115 | Cerâmica | II | 1 | 12 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 116 | Louça | II | 1 | 12 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 117 | Metal | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 118 | Cerâmica | II | 1 | 12 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | cachimbo |
| 119 | Cerâmica | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 120 | Ossos | II | 1 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 121 | Ossos | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 122 | Metal | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 123 | Vidro | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 124 | Borracha | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 125 | Cerâmica | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 126 | Malacológico | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 127 | Louça | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 128 | Sementes | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 129 | Carvão | I | 2 | 3 | | 23-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 130 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | a | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijoleira/tijolo 1 |
| 131 | Cerâmica | II | 1 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | - |
| 132 | faiança | II | 1 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 133 | Metal | II | 1 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | prego |
| 134 | Cerâmica | i | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 135 | louça/Fiança | I | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 136 | Metal | I | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | prego |
| 137 | Borracha | I | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 138 | Vidro | II | 1 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|--------------------------------------|
| 139 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 13 |
| 140 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 12 |
| 141 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | a | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 2 |
| 142 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 3 |
| 143 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 4 |
| 144 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 5 |
| 145 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 6 |
| 146 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 7 |
| 147 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 8 |
| 148 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 9 |
| 149 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 10 - parte fora da trincheira |
| 150 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 11 |
| 151 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 14 |
| 152 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 15 |
| 153 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 16 |
| 154 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 17 |
| 155 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 18 |
| 156 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 19 |
| 157 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 20 |
| 158 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 21 |
| 159 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 22 |
| 160 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 23 |
| 161 | Metal | I | 1 | 3 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | moeda |
| 162 | Metal | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | moeda |
| 163 | Vidro | I | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 164 | Vegetal | 1 | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 165 | Cerâmica | II | 1 | 13 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 166 | Faiança | II | 1 | 13 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 167 | Malacológico | II | 1 | 13 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 168 | Seixo | II | 1 | 13 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 169 | - | | | 0 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | em branco |
| 170 | - | | | 0 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | em branco |
| 171 | Cerâmica | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 24 |
| 172 | Ossos | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 173 | Metal | III | Superfície | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 174 | Cerâmica | II | 1 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 175 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 25 |
| 176 | Cerâmica | I | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 26 |
| 177 | Ossos | II | Superfície | 1 | c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 178 | Ossos | II | Superfície | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 179 | Cerâmica | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 180 | Ossos | II | 1 | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | dente |
| 181 | Ossos | II | 1 | 1 | d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 182 | faiança | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 183 | Tecido | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 184 | Louça | I | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|--|
| 185 | Vidro | I | 1 | 3 | a-c | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 186 | Vidro | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 187 | Metal | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 188 | Malacológico | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 189 | Vegetal | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 190 | Cerâmica | II | 1 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 191 | Faiança | II | 2 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 192 | Seixo | II | 2 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 193 | Ossos | II | 2 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 194 | Metal | II | 2 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 195 | Botão | II | 2 | 12 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 196 | Ossos | III | 1 | 9 | | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 197 | Metal | II | 1 | 13 | c-d | 24-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 198 | Metal | II | 2 | 12 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | ferro |
| 199 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 27 |
| 200 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 28 |
| 201 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 29 |
| 202 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 30 |
| 203 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 31 |
| 204 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 32 |
| 205 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 33 |
| 206 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 34 |
| 207 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 35 |
| 208 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 36 |
| 209 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 37 |
| 210 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a-b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 38 |
| 211 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 39 |
| 212 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 40 |
| 213 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 42 |
| 214 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 43 |
| 215 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 44 |
| 216 | Cerâmica | II | Superfície | 2 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | tijolo 45 |
| 217 | Louça | II | 2 | 13 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 218 | Cerâmica | II | 2 | 13 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 219 | Cerâmica | II | 1 | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | telha encontrada imediatamente após o piso |
| 220 | Ossos | II | 1 | 2 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 221 | Cerâmica | II | 2 | 12 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 222 | Cerâmica | II | 2 | 12 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 223 | Metal | II | 2 | 12 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | prego |
| 224 | Faiança | II | 2 | 12 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 225 | Faiança | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 226 | Malacológico | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 227 | Seixo | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 228 | Vidro | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 229 | Metal | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | cravo e prego |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|---|
| 230 | Metal | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 231 | Grés | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 232 | Cerâmica | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 233 | Cerâmica | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 234 | Semente | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 235 | Ossos | II | 1 | 1 | c | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 236 | Ossos | II | 1 | 1 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 237 | Cerâmica | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 238 | Faiança | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 239 | Malacológico | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 240 | Vidro | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 241 | Botão | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 242 | ossos | II | 1 | 18 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 243 | Cerâmica | III | 1 | 9 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 244 | Cerâmica | III | 1 | 9 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 245 | Ossos | III | 1 | 9 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 246 | Faiança | III | 1 | 9 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 247 | Metal | III | 1 | 9 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 248 | Faiança | III | Superfície | | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 249 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 250 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 251 | Grés | - | Superfície | 0 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 252 | Tampa ? | II | 1 | 10 | | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 253 | Ossos | II | 1 | 1 | c | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 254 | Ossos | II | 1 | 1 | a | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 255 | Ossos | II | 1 | 1 | b | 25-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 256 | Sedimento | I | 1 | 7 | a-c | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. mineralogia |
| 257 | Sedimento | I | 5 | 7 | a-c | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. Mineralogia |
| 258 | Cerâmica | I | 1 | 7 | a-c | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. Mineralogia |
| 259 | Argamassa | II | 1 | 13 | a-b | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. Mineralogia |
| 260 | Argamassa | II | 2 | 12 | c-d | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. Mineralogia |
| 261 | Argamassa | II | 1 | 2 | d | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. Mineralogia |
| 262 | Cerâmica | II | 1 | 2 | d | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | tijoleira - levado para o Lab. Mineralogia |
| 263 | Argamassa | II | - | 0 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | do frontao - levado para o Lab. mineralogia |
| 264 | Reboco | II | - | 0 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Lab. mineralogia |
| 265 | Faiança | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 266 | Cerâmica | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 267 | Vidro | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 268 | Malacológico | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 269 | Seixo | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 270 | Metal | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 271 | Botão | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 272 | Grés | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 273 | Cerâmica | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 274 | Ossos | II | 2 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 275 | Cerâmica | III | 1 | 8 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 276 | Grés | III | 1 | 8 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 277 | Faiança | III | 1 | 8 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 278 | Vidro | III | 1 | 8 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 279 | Ossos | III | 1 | 8 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 280 | Metal | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | moeda |
| 281 | Ossos | II | 1 | 1 a | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 282 | Ossos | II | 1 | 1 b | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 283 | Ossos | II | 1 | 1 c | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 284 | Ossos | II | 1 | 1 d | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 285 | Contas | II | 1 | 1 b | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 286 | Ossos | II | 1 | 1 b | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 287 | Botão | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 288 | Cerâmica | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 289 | Cerâmica | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 290 | Grés | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 291 | Vidro | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 292 | Cerâmica | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 293 | Metal | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 294 | Faiança | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 295 | Ossos | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 296 | Malacológico | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 297 | Seixo | II | 3 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 298 | Cerâmica | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 299 | Botão | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 300 | Faiança | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 301 | Cal | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 302 | Cerâmica | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 303 | Carvão | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 304 | Ossos | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 305 | Metal | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 306 | Seixo | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 307 | Cerâmica | II | 4 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 308 | Ossos | II | 1 | 1 a | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 309 | Ossos | II | 1 | 18 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 310 | Ossos | II | 1 | 1 d | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 311 | Metal | IV | 1 | 1 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 312 | Cerâmica | IV | 1 | 1 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 313 | Vidro | IV | 1 | 1 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 314 | Vidro | - | Superfície | 0 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 315 | Faiança | - | Superfície | 0 | | 28-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 316 | Cerâmica | IV | 1 | 1 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 317 | Vidro | IV | 1 | 1 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 318 | Cal | IV | 1 | 1 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 319 | Cerâmica | IV | 1 | 1 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 320 | Metal | IV | 1 | 1 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|----------------|
| 321 | Metal | | Superfície | 0 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 322 | Seixo | IV | 1 | 1 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 323 | Cerâmica | II | 3 | 11 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 324 | Louça | II | 3 | 11 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 325 | Cerâmica | II | 3 | 11 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 326 | Ossos | II | 1 | 1 | b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 327 | Ossos | II | 1 | 1 | c | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 328 | Ossos | II | 1 | 2 | b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 329 | Cal | II | 3 | 11 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 330 | Louça | | Superfície | 0 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 331 | Ossos | II | 1 | 1 | d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 332 | Lítico | III | 1 | 6 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 333 | Cerâmica | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 334 | Louça | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 335 | Vidro | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 336 | Metal | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 337 | Malacológico | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 338 | Unha | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 339 | Lítico | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 340 | Ossos | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 341 | Cal | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 342 | Carvão | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 343 | Sementes | V | 1 | 2 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 344 | Malacológico | IV | Superfície | 3 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 345 | Grés | IV | Superfície | 3 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 346 | Ossos | II | 1 | 2 | a | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 347 | Ossos | II | 1 | 1 | a | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 348 | Cerâmica | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 349 | Malacológico | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 350 | Ossos | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 351 | Louça | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 352 | Vidro | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 353 | Metal | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 354 | Cerâmica | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 355 | Louça | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 356 | Malacológico | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 357 | Ossos | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 358 | Metal | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 359 | Ossos | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Dente - Unicap |
| 360 | Vidro | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 361 | Conta | IV | 1 | 3 | c-d | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 362 | Seixo | II | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 363 | Grés | I | 4 | 18 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 364 | Cerâmica | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|---------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 365 | Louça | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 366 | Argamassa | III | 1 | 8 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 367 | Ossos | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 368 | Malacológic | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 369 | Vidro | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 370 | Metal | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 371 | Botão | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 372 | Cal | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 373 | Grés | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 374 | Conta | II | 1 | 20 | | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 375 | Cerâmica | IV | 1 | 4 | a-b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 376 | Louça | IV | 1 | 4 | a-b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 377 | Vidro | IV | 1 | 4 | a-b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 378 | Malacológic | IV | 1 | 4 | a-b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 379 | Grés | IV | 1 | 4 | a-b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | |
| 380 | Ossos | IV | 1 | 4 | a-b | 29-02-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 381 | Metal | | Superfície | 0 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 382 | Vidro | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 383 | Malacológic | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 384 | Cerâmica | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 385 | Ossos | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 386 | Grés | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 387 | Metal | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 388 | louça/faiança | VI | 1 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 389 | louça/faiança | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 390 | Cerâmica | VI | 1 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 391 | Faiança | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 392 | Cerâmica | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 393 | Ossos | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 394 | Vidro | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 395 | Cerâmica | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 396 | Seixo | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 397 | Argamassa | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 398 | Metal | VI | 2 | 10 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 399 | Metal | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Dedal |
| 400 | Cerâmica | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 401 | Conta | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 402 | Cal | II | 2 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 403 | Faiança | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 404 | Ossos | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 405 | Malacológic | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 406 | Lítico | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 407 | Vidro | II | 3 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 408 | Ossos | II | 4 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 409 | Cerâmica | II | 4 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|---------------|
| 410 | Cal | II | 4 | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 411 | Malacológico | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 412 | Ossos | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 413 | Cerâmica | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 414 | Faiança | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 415 | Vidro | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 416 | Metal | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 417 | Argamassa | II | 2 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 418 | Cerâmica | II | Superfície | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 419 | Faiança | II | Superfície | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 420 | Cal | II | Superfície | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 421 | Ossos | II | Superfície | 20 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 422 | Vidro | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 423 | Ossos | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 424 | Cerâmica | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 425 | Malacológico | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 426 | Faiança | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 427 | Metal | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 428 | Seixo | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 429 | Cerâmica | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | tijoleira |
| 430 | Cal | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 431 | Vidro | VI | 1 | 11 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 432 | Ossos | II | 2 | 2 a | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 433 | Ossos | II | 2 | 1 d | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 434 | Cerâmica | II | 2 | 2 b | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 435 | Ossos | II | 2 | 2 b | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 436 | Metal | II | 3 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | moeda de 1827 |
| 437 | Vidro | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 438 | Grés | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 439 | Malacológico | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 440 | Cerâmica | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 441 | Faiança | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 442 | Cerâmica | II | 4 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 443 | Faiança | II | 4 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 444 | Malacológico | II | 4 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 445 | Ossos | II | 4 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 446 | Cerâmica | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | tijolo |
| 447 | Cerâmica | II | Superfície | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | telha |
| 448 | Vidro | II | 4 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 449 | Cerâmica | II | 1 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 450 | Lítico | II | 1 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 451 | Ossos | II | 1 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 452 | Malacológico | II | 1 | 18 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 453 | Grés | | Superfície | 0 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 454 | Metal | | Superfície | 0 | | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|--------------------|
| 455 | Metal | VI | 1 | | 9 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 456 | Cerâmica | VI | 1 | | 9 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 457 | Faiança | VI | 1 | | 9 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 458 | Vidro | VI | 1 | | 9 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 459 | Seixo | VI | 1 | | 9 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 460 | Ossos | VI | 1 | | 9 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 461 | Ossos | II | 2 | | 2 a | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 462 | Ossos | II | 2 | | 1 c | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 463 | Ossos | II | 2 | | 2 b | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 464 | Ossos | II | 2 | | 1 d | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 465 | Malacológico | II | Superfície | | 0 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 466 | Vidro | II | Superfície | | 0 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 467 | Faiança | II | Superfície | | 0 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 468 | Ossos | II | Superfície | | 0 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 469 | Cerâmica | II | Superfície | | 0 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 470 | Grés | II | Superfície | | 0 | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 471 | Ossos | II | 2 | | 2 a-b | 02-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 472 | Ossos | I | 2 | | 1 d | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 473 | Ossos | II | 2 | | 1 d | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 474 | Ossos | II | 2 | | 2 b | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 475 | Louça | | Superfície | | 0 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 476 | Cerâmica | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 477 | Louça | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 478 | Malacológico | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 479 | Vidro | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 480 | Ossos | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 481 | Carvão | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 482 | Seixo | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 483 | Metal | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 484 | Cal | IV | 1 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 485 | Cerâmica | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 486 | Louça | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 487 | Malacológico | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 488 | Ossos | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 489 | Metal | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 490 | Vidro | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 491 | Ossos | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | dente - Unicap |
| 492 | Seixo | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 493 | Metal | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 494 | Lítico | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | silex |
| 495 | Botão | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 496 | Grés | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 497 | Ossos | II | 2 | | 1 d | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | mandíbula - Unicap |
| 498 | Conta | IV | 2 | | 4 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 499 | Cerâmica | | Superfície | | 0 | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | aldeia indígena |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 500 | Cerâmica | III | Superfície | 11 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 501 | Louça | III | Superfície | 11 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 502 | Ossos | III | 1 | 11 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 503 | Malacológico | III | 1 | 11 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 504 | Cerâmica | III | 1 | 11 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 505 | Louça | III | 1 | 11 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 506 | Louça | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 507 | Cerâmica | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 508 | Vidro | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 509 | Grés | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 510 | Ossos | II | 3 | 1 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 511 | Ossos | II | 2 | 1 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 512 | Ossos | II | 2 | 1 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 513 | Ossos | IV | 3 | 4 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 514 | Cerâmica | IV | 3 | 4 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 515 | Louça | IV | 3 | 4 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 516 | Metal | IV | 3 | 4 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 517 | Cerâmica | III | 1 | 6 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 518 | Malacológico | III | 1 | 6 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 519 | Louça | III | 1 | 6 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 520 | Vidro | III | 1 | 6 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 521 | Grés | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 522 | Louça | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 523 | Vidro | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 524 | Metal | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 525 | Ossos | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 526 | Cerâmica | III | 1 | 16 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 527 | Cerâmica | III | 1 | 15 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 528 | Louça | III | 1 | 15 | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 529 | Cerâmica | III | 1 | 14 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 530 | Louça | III | 1 | 14 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 531 | Vidro | III | 1 | 14 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 532 | Ossos | III | 1 | 14 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 533 | Metal | III | 1 | 14 c | | 03-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 534 | Cerâmica | IV | Superfície | 3 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 535 | Louça | IV | Superfície | 3 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 536 | Ossos | IV | Superfície | 3 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 537 | Cal | IV | Superfície | 3 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 538 | Malacológico | IV | Superfície | 3 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 539 | Cerâmica | VII | 1 | 9 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 540 | Louça | VII | 1 | 9 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 541 | Metal | VII | 1 | 9 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 542 | Ossos | VII | 1 | 9 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 543 | Vidro | VII | 1 | 9 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 544 | Lítico | VII | 1 | 9 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 545 | Metal | IV | 2 | 1 d | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Moeda |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|-----------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 546 | Cerâmica | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 547 | Malacológico | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 548 | Metal | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 549 | cal | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 550 | conta | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 551 | Ossos | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 552 | Louça | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 553 | Vidro | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 554 | Ossos | II | 3 | 2 | b | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 555 | Ossos | II | 3 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 556 | Ossos | II | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 557 | Ossos | II | 3 | 2 | a | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 558 | Ossos | II | 3 | 1 | c | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 559 | Cerâmica | IV | 2 | 1 | c | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 560 | Ossos | IV | 2 | 1 | c | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 561 | Cerâmica | II | 3 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 562 | Metal | II | 3 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 563 | Louça | II | 3 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 564 | Vidro | II | 3 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 565 | Conta | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 566 | Cerâmica | IV | 3 | 1 | c-d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 567 | Louça | IV | 3 | 1 | c-d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 568 | Malacológico | IV | 3 | 1 | c-d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 569 | Ossos | IV | 3 | 1 | c-d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 570 | Metal | IV | 3 | 1 | c-d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 571 | Vidro | IV | 3 | 1 | c-d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 572 | Cerâmica | II | 4 | 17 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 573 | Cerâmica | II | 3 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | tijolo |
| 574 | Botão | IV | 2 | 1 | d | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 575 | Ossos | II | 4 | 17 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 576 | Faiança | II | 4 | 17 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 577 | Vidro | II | 4 | 17 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 578 | Mineral | II | 4 | 17 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 579 | Faiança | II | 3 | 1 | c | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 580 | Cerâmica | II | 4 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 581 | Vidro | II | 4 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 582 | Cerâmica | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 583 | Malacológico | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 584 | Faiança | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 585 | Metal | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 586 | Vidro | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 587 | Seixo | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 588 | Ossos | III | 1 | 14 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 589 | Faiança | II | 4 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 590 | Ossos | II | 3 | 1 | c | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 591 | Cerâmica | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|-----------|-------|-------|------------|------------------|----------------------------|
| 592 | Faiança | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 593 | Ossos | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 594 | Grés | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 595 | Metal | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 596 | Lítico | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 597 | Vidro | III | 1 | 11 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 598 | Cerâmica | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 599 | Reboco | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 600 | Metal | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 601 | Malacológico | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 602 | Semente | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 603 | Faiança | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 604 | Vidro | III | 1 | 6 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 605 | Cerâmica | II | 3 | 18 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 606 | Ossos | II | 3 | 18 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 607 | Faiança | II | 3 | 18 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 608 | Construtivo | II | 3 | 18 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 609 | Metal | II | 1 | 16 | | 04-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 610 | Ossos | II | 3 | 1 c | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 611 | Ossos | II | 3 | 1 d | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 612 | Ossos | II | 3 | 2 b | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 613 | Cal | VII | 1 | 9 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | abaixo do piso |
| 614 | Louça | VII | 1 | 9 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | abaixo do piso |
| 615 | Ossos | II | 3 | 1 c | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 616 | Ossos | II | 4 | 1 c | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 617 | Cerâmica | II | 4 | 1 c | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 618 | Metal | II | 3 | 1 c | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | cobre |
| 619 | Metal | II | 4 | 2 a | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | cobre aderido ao sedimento |
| 620 | Louça | II | 3 | 1 d | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 621 | Ossos | II | 3 | 1 d | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 622 | Louça | III | 1 | 6 b-d | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | 6.1 |
| 623 | Cerâmica | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | telha |
| 624 | Vidro | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 625 | Cerâmica | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | Cachimbo |
| 626 | Seixo | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 627 | Louça | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 628 | Cal | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 629 | Metal | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | moeda |
| 630 | Metal | III | 1 | 14 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 631 | Ossos | VII | 1 | 9 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 632 | Cal | VII | 1 | 9 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 633 | Cerâmica | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 634 | Metal | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 635 | Vidro | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 636 | Vidro | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 637 | Ossos | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Carlos | Unicap |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|-------------|----------|-----------|-------|-------|------------|------------------|------------|
| 638 | Louça | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 639 | Cerâmica | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Carlos | |
| 640 | Ossos | II | 4 | 1 c | | 07-03-2005 | Aurea | Unicap |
| 641 | Ossos | II | 4 | 2 a | | 07-03-2005 | Aurea | Unicap |
| 642 | Ossos | II | 4 | 1 c | | 07-03-2005 | Aurea | Unicap |
| 643 | Ossos | II | 4 | 1 c | | 07-03-2005 | Aurea | Unicap |
| 644 | Ossos | II | 4 | 2 b | | 07-03-2005 | Aurea | Unicap |
| 645 | Metal | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Aurea | |
| 646 | Louça | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Aurea | |
| 647 | Cerâmica | II | 1 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 648 | Cerâmica | II | 2 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 649 | Louça | II | 2 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 650 | Cal | II | 2 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 651 | Cerâmica | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 652 | Seixo | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 653 | Vidro | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 654 | Malacológic | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 655 | - | - | | | | | Claudia e Mércia | nulo |
| 656 | Faiança | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 657 | Ossos | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 658 | Carvão | II | 1 | 13 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 659 | Cerâmica | II | 3 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 660 | Ossos | II | 3 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 661 | Cerâmica | II | 3 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 662 | Metal | II | 3 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 663 | Louça | II | 3 | 10 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 664 | - | - | | 0 | | 07-03-2005 | Claudia e Mércia | verificar |
| 665 | Cerâmica | barranco | | 0 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 666 | Louça | barranco | | 0 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 667 | Ossos | barranco | | 0 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 668 | Cerâmica | III | 1 | 4 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | 4.1 |
| 669 | Metal | III | 1 | 4 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | 4.1 |
| 670 | Louça | III | 1 | 4 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | 4.1 |
| 671 | Ossos | III | 1 | 4 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | 4.1 |
| 672 | Vidro | III | 1 | 4 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | 4.1 |
| 673 | Cerâmica | II | 1 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 674 | Vidro | II | 1 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 675 | Malacológic | II | 1 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 676 | Vegetal | II | 1 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 677 | Louça | II | 1 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 678 | Ossos | II | 1 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 679 | Ossos | VII | 1 | 9 b-d | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 680 | Ossos | VII | 1 | 9 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 681 | Cerâmica | III | 1 | 5 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 682 | Vidro | III | 1 | 5 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|--------|-------|------------|------------------|--------------------|
| 683 | Vidro | III | 1 | 5 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 684 | Malacológico | III | 1 | 5 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 685 | Metal | III | 1 | 5 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 686 | Louça | III | 1 | 5 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 687 | Louça | III | 1 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 688 | Metal | III | 1 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 689 | Cerâmica | II | 3 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 690 | Louça | II | 3 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 691 | Vidro | III | 1 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 692 | Ossos | II | 4 | 1 c | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 693 | Cerâmica | III | 1 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 694 | Grés | III | 1 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 695 | Ossos | VII | 1 | 9 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 696 | Rocha | III | Superfície | 4 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 697 | Louça | III | 2 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 698 | Ossos | III | 2 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 699 | Cerâmica | III | 2 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 700 | Cerâmica | II | 3 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 701 | Ossos | II | 3 | 10 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 702 | Cerâmica | II | 2 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 703 | Vidro | II | 2 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 704 | Louça | II | 2 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 705 | Ossos | II | 2 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 706 | Malacológico | II | 2 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 707 | Metal | II | 2 | 14 | | 08-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 708 | Cerâmica | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 709 | Ossos | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | carapaça de tatu |
| 710 | Ossos | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 711 | Rocha | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | pedra da estrutura |
| 712 | Cerâmica | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 713 | Louça | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 714 | Vidro | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 715 | Ossos | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 716 | Malacológico | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 717 | Seixo | III | 2 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 718 | Metal | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 719 | Louça | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 720 | Malacológico | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 721 | Cerâmica | III | 1 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 722 | Vidro | III | 1 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 723 | Ossos | III | 1 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 724 | Louça | III | 1 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 725 | Metal | III | 1 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 726 | Seixo | III | 1 | 10 c-d | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 727 | Cal | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|-----------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 728 | Seixos | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 729 | Ossos | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 730 | Lítico | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 731 | Cerâmica | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 732 | Vidro | III | 2 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 733 | Cerâmica | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 734 | Ossos | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 735 | Cerâmica | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 736 | Louça | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 737 | Vidro | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 738 | Malacológico | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 739 | Metal | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 740 | Seixo | III | 3 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 741 | Cerâmica | III | 2 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 742 | Seixo | III | 2 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 743 | Metal | III | 2 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 744 | Vidro | III | 2 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 745 | Ossos | III | 2 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 746 | Malacológico | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 747 | Grés | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 748 | Vidro | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 749 | Metal | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 750 | Louça | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 751 | Cerâmica | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 752 | Ossos | III | 1 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 753 | Cerâmica | II | 3 | 10 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 754 | Vidro | II | 3 | 10 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 755 | Louça | II | 3 | 10 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 756 | Cerâmica | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 757 | Ossos | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 758 | Louça | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 759 | Seixos | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 760 | Malacológico | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 761 | Cerâmica | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 762 | Grés | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 763 | Louça | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 764 | Lítico | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | pilão ? |
| 765 | Seixo | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 766 | Vidro | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 767 | Metal | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | dedal |
| 768 | Ossos | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 769 | Cerâmica | III | 1 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 770 | Vidro | III | 1 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 771 | Louça | III | 1 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 772 | Ossos | III | 1 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 773 | Metal | III | 1 | 10 | c-d | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------|
| 774 | Sedimento | VII | 3 | 9 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 775 | Sedimento | I | 1 | 7 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 776 | Cerâmica | II | 3 | 10 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 777 | Ossos | II | 3 | 10 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 778 | Louça | II | 3 | 10 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 779 | Vidro | II | 3 | 10 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 780 | Rocha | II | 3 | 10 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 781 | Louça | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 782 | Ossos | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 783 | Cerâmica | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 784 | Louça | - | Superfície | 0 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 785 | Metal | III | 4 | -8 | | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 786 | Lítico | II | 3 | 10 | c | 09-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 787 | Cerâmica | VII | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 788 | Ossos | VII | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 789 | Louça | VII | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 790 | Metal | VII | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 791 | Malacológico | VII | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 792 | Ossos | II | 4 | 1 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 793 | Ossos | II | 4 | 2 | b | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 794 | Ossos | II | 4 | 1 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 795 | Conta | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 796 | Cerâmica | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Cachimbo |
| 797 | Louça | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 798 | Cerâmica | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 799 | Rocha | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 800 | Vidro | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 801 | Cerâmica | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 802 | Cerâmica | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 803 | Malacológico | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 804 | Ossos | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 805 | Seixo | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 806 | Cal | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 807 | Cerâmica | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 808 | Ossos | VII | 1 | 9 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 Unicap |
| 809 | Vidro | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 810 | Metal | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 811 | Louça | III | 5 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 812 | Malacológico | III | 2 | -8 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 813 | Metal | III | 2 | -8 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 814 | Louça | III | 2 | -8 | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 815 | Cerâmica | III | 2 | -8 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 816 | Ossos | III | 2 | -8 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 817 | seixo | III | 2 | -8 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 818 | Vidro | III | 2 | -8 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 819 | Cerâmica | VI | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|-----------|------|-------|------------|------------------|-------------------|
| 820 | Ossos | VI | 1 | 9 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 Unicap |
| 821 | Cerâmica | II | 4 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 822 | Vidro | II | 4 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 823 | Cerâmica | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 824 | sedimento | II | 4 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | agregado ao vidro |
| 825 | Louça | II | 3 | 10 | c | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 826 | Ossos | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 827 | Malacológico | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 828 | Cerâmica | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 829 | Louça | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 830 | Metal | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 831 | cobre | II | 4 | 1 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 2ab enterramento |
| 832 | Ossos | II | 4 | 1 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 2ab Unicap |
| 833 | Cerâmica | VI | 1 | 9 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 834 | Metal | VI | 1 | 9 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 835 | Ossos | VI | 1 | 9 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 Unicap |
| 836 | Louça | VI | 1 | 9 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 837 | seixo | VI | 1 | 9 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 838 | Vidro | VI | 1 | 9 | d | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 839 | Cerâmica | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 840 | Ossos | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 841 | Malacológico | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 842 | Louça | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 843 | Metal | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 844 | cal | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 845 | seixo | III | 5 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 846 | Vidro | VI | 1 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 847 | Ossos | VI | 1 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 Unicap |
| 848 | Cerâmica | VI | 1 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 849 | Malacológico | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 850 | Louça | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 851 | Ossos | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 Unicap |
| 852 | Cerâmica | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 853 | Ossos | III | 6 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 854 | Louça | III | 6 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 855 | Cerâmica | III | 6 | -8 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 856 | cal | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 857 | seixo | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 858 | Ossos | III | 3 | -8 | cd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | carapaça de tatu |
| 859 | Cerâmica | VI | 1 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 860 | Louça | VI | 1 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 861 | Louça | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 862 | Ossos | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 Unicap |
| 863 | Cerâmica | VI | 2 | 9 | bd | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 9.1 |
| 864 | vegetal | III | 1 | 22 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 865 | Louça | III | 1 | 22 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|------------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|--------------------|
| 866 | Vidro | III | 1 | 22 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 867 | Cerâmica | III | 1 | 22 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | cachimbo |
| 868 | Cerâmica | III | 1 | 22 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 869 | Ossos | III | 1 | 22 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | dente? Unicap |
| 870 | Metal | VI | 1 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 dedal |
| 871 | Metal | VI | 2 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 prego |
| 872 | Ossos | VI | 2 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 Unicap |
| 873 | Malacológic o | VI | 2 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 874 | Cerâmica | VI | 2 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 875 | Louça | VI | 2 | 10 | ac | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 876 | Cerâmica | - | Superfície | | | 10-03-2005 | Claudia e Mércia | Flávio |
| 877 | sedimento | I | 2 | 7 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 878 | Cerâmica | V | 2 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 879 | Louça | V | 2 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 880 | Vidro | V | 2 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 881 | Vidro | VI | 1 | 10 | ac | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 882 | Metal | V | 2 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 883 | Ossos | V | 2 | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 884 | Metal | V | 2 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 885 | Cerâmica | III | 2 | 22 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 886 | Louça | III | 2 | 22 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 887 | Louça | V | 3 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 888 | Metal | V | 3 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 889 | cal | V | 4 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 890 | Vidro | V | 4 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 891 | Malacológic o | V | 2 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 892 | Ossos | II | 4 | 1 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 893 | Louça | III | 3 | 22 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 894 | Cerâmica | III | 3 | 22 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 895 | Ossos | II | | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | material de perfil |
| 896 | Metal | V | 3 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | moeda |
| 897 | Cerâmica | V | 3 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 898 | Malacológic | V | 3 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 899 | Ossos | V | 3 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 900 | Argamassa | III | | 11 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 901 | Malacológic | V | 4 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 902 | Cerâmica | V | 4 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 903 | Louça | V | 4 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 904 | sedimento | II | 2 | 14 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 905 | sedimento | IV | 1 | 1 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 906 | sedimento | IV | 1 | 3 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 907 | sedimento | IV | 1 | 3 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 908 | sedimento | II | 4 | 10 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 909 | Argamassa | II | 2 | 14 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 910 | sedimento | II | 3 | 14 | d | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |

| Etq | Vestígio | Set | Decapagem | Quad | Quadr | Data | Pesquisador | Observação |
|-----|--------------|-----|------------|------|-------|------------|------------------|------------------------------|
| 911 | Argamassa | II | 1 | 12 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 912 | Argamassa | II | 1 | 13 | c | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 913 | Louça | V | 5 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 914 | cal | V | 5 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 915 | Ossos | V | 5 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | Unicap |
| 916 | Cerâmica | V | 5 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 917 | Metal | V | 5 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 918 | Malacológico | V | 5 | 2 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 919 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | area aldeia indígena |
| 920 | Argamassa | - | | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | estrutura da casa dos monges |
| 921 | Argamassa | VI | 1 | 10 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 922 | sedimento | VI | 2 | 10 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | 10.1 |
| 923 | reboco | - | | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | parede da igreja |
| 924 | Argamassa | III | 1 | 9 | a | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 925 | Argamassa | III | 1 | 6 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 926 | Argamassa | III | 1 | 14 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 927 | Argamassa | III | 2 | 11 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 928 | Argamassa | III | 1 | 14 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | |
| 929 | Cerâmica | III | Superfície | -8 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | cachimbo |
| 930 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | área porto jatobá |
| 931 | Louça | - | Superfície | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | área porto jatobá |
| 932 | Cerâmica | - | Superfície | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | área porto jatobá |
| 933 | rocha | - | Superfície | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | bloco de pedra calcária |
| 934 | rocha | - | Superfície | 0 | | 11-03-2005 | Claudia e Mércia | bloco de pedra calcária |
| 935 | | | | 0 | | | | |